ENIO MORO JUNIOR

DEDALUS - Acervo - FAU

20200001665

A PERCEPÇÃO VISUAL DE UM URBANO EM TRANSIÇÃO: O CASO DE SÃO CAETANO DO SUL

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, área de concentração em Estruturas Ambientais Urbanas, para a obtenção do grau de Mestre sob a orientação do Prof. Dr. ISSAO MINAMI

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Biblioteca
SP

São Paulo, novembro de 1998

Ficha Catalográfica

MORO JUNIOR, Enio.

A Percepção visual de um urbano em transição: O caso de São Caetano do Sul / Enio Moro Junior. São Paulo: S.n., 1998. 146 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Orientador: Prof. Dr. Issao Minami.

1. Percepção visual - tese 2. São Caetano do Sul - Urbanismo. Leitura Visual Urbana. 4. Percepção Ambiental Urbana. 5. Urbanismo.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Biblioteca
SP

Aos meus pais Enio Moro e Teresa Maria Dias Moro

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. ISSAO MINAMI (FAU-USP e UniABC), pelo seu brilhantismo, conhecimento e paixão empregados na condução de meus trabalhos.

Aos membros da Banca de Qualificação, Prof. Dr. ISSAO MINAMI, Prof. Dr. BRUNO ROBERTO PADOVANO (FAU-USP) e Prof. Dr. JORGE ARISTIDES DE SOUSA CARVAJAL (FAU-USP), pelas críticas e orientações norteadoras desta proposta.

Ao Prof. AZURÉM FERREIRA PINTO, Reitor da Universidade do Grande ABC, pelo apoio prestado ao desenvolvimento desta dissertação.

Ao Prof. LUIZ OLINTO TORTORELLO, Prefeito do Município de São Caetano do Sul pela compreensão, amizade e oportunidades oferecidas para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. DARIO MONTESANO (FAU-USP), pela orientação inicial, paciência e amizade.

Ao Sr. WENCESLAU TEIXEIRA, Diretor de Serviços Municipais da Prefeitura do Município de São Caetano do Sul pela compreensão e apoio.

Ao Eng. JOSÉ GAINO, pela amizade, respeito e profissionalismo demonstrados nas inúmeras horas que discutimos esta proposta.

À MONIQUE PELTENBURG, pela atenção e orientações em minha breve estada no IHS - Institute for Housing and Urban Development Studies, em Roterddam, na Holanda.

Ao sr. IVAN CAVASSANI, Presidente da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, pelo ânimo no acompanhamento desta pesquisa.

Aos estagiários VITÓRIO ULTREMARE, ROGÉRIO CORDEIRO e JAYME MARTIN VEGA por todos os momentos de empenho.

Aos fotógrafos RICARDO DE ALMEIDA PINTO e ADAUTO GONÇALVES RODRIGUES.

Aos amigos e professores ROSANA DENALDI, JEROEN KLINK e IRACY SGUILLARO LEME pelos rumos que este trabalho pretende tomar.

À todos os alunos, professores e funcionários da Universidade do Grande ABC e da Prefeitura do Município de São Caetano do Sul que sempre mostraram-se solícitos e interessados nos resultados do desenvolvimento deste trabalho, respondendo entrevistas, fornecendo orientações e sublimando à alguns inevitáveis momentos de mau-humor.

Resumo

Este trabalho propõe-se a investigar as características imagéticas de São Caetano do Sul, um município com indicadores sociais e econômicos plenamente satisfeitos e estabilizados que atualmente enfrenta um momento muito especial em sua história: um rápido processo de transformação espacial em função da mudança de seu perfil econômico. Pretende-se analisar dados e características que identifiquem o município de São Caetano do Sul por meio da sua inserção regional, perfil histórico de ocupação, indicadores econômicos e sociais e particularidades do uso e ocupação do solo. Discutem-se conceitos sobre percepção ambiental e suas relações com a estruturação da imagem da cidade por meio da confrontação da posição de vários autores e também analisa-se a percepção e organização visual do urbano em obra específica de Kevin Lynch e Gordon Cullen por meio do exercício específicos de apreensão e percepção da visualidade urbana em São Caetano do Sul. Este procedimento de abordagem, organizado como "A palavra", "O número" e "A imagem" gera um produto final: "O objeto do desejo", no qual especula-se sobre possíveis situações desejáveis para a discussão das questões relativas à evasão industrial das metrópoles brasileiras no final deste século e suas repercussões no perfil imagético do Município.

Abstract

This work intends to investigate the imagetic characteristic of São Caetano do Sul, a brazilian city with social and economics satisfied patterns that lives a special moment in his history: a fast process of spacial changing and urban renewal in function of a new economic time that made by the substitution of industrial production for trading and services. The study analizes data and characteristics that identify the city for his regionality, historic profile, social and economics patterns and particularities about land utilization and occupation. Discusses about concepts of environmental perception and his relations with thew strutucture of the image of the city by the studies of many writer like Kevin Lynch and Gordon Cullen employing in a special case to São Caetano do Sul. This kind of coming to grips with this subject is organized like "The Word", "The Number", "The Image" and result in "The Desire Object", in which study about the possibilities to reflexion and results to the research about the industrial migration in brazilian cities in this end of century and his results in the imagetic profile of the City.

Sumário

A percepção visual de um urbano em transição:
o caso de São Caetano do Sul 1

Introdução 2

Justificativa 5

Objetivos 7

Parte I: Aspectos Metodológicos 10

A abordagem 11

Os procedimentos 13

Os pressupostos teóricos para uma leitura visual urbana 18

Percepção 23

Percepção visual 28

Percepção ambiental 32

Os elementos de discussão para a formação de uma imagem urbana 37

A contribuição de Kevin Lynch para uma visualidade urbana 41

A aproximação perceptiva de Gordon Cullen 49

Parte II: A palavra 55

São Caetano do Sul - Histórico da ocupação 56

Primórdios da ocupação: influência beneditina 57

As manifestações no Império: *São Paulo Railway Company*
e a Imigração 59

A ocupação industrial: início do século XX 62

Os anos 50 65

Estruturação de uma economia urbana 67

São Caetano do Sul - caracterização da região 69

Parte III: O número ____ 74

Panorama básico ____ 75

População ____ 79

Atividade econômica, emprego e renda ____ 79

Utilização do solo e valor da terra ____ 82

Finanças públicas municipais ____ 85

Equipamentos sociais e de infra-estrutura ____ 88

Parte IV: A imagem ____ 95

São Caetano do Sul: a imaginabilidade popular ____ 96

São Caetano do Sul: mapas mentais ____ 103

O olhar do morador ____ 105

A sensação dos limites ____ 108

A percepção do arquiteto ____ 110

Exercício de leitura visual da cidade ____ 113

Parte V: O objeto do desejo ____ 129

A palavra, o número, a imagem ____ 130

Alternativas e perspectivas ____ 131

Considerações finais ____ 136

Bibliografia ____ 140

Lista de quadros, mapas, tabelas e fotografias

A. Quadros

Quadro I: Quadro síntese 14

Quadro II: Quadro resumo 17

Quadro III: Esquema básico da Topofilia 20

Quadro IV: Quadro sintético: Vernon, Rappoport, Arnheim 24

Quadro V: Esquema teórico do processo perceptivo 27

Quadro VI: Subdivisão da percepção visual por Arnheim 30

Quadro VII: Relações interdisciplinares - Percepção ambiental urbana 34

Quadro VIII: Percepção urbana: Lynch 44

Quadro IX: Qualificação da forma 47

Quadro X: Cullen: Movimento 49

Quadro XI: Cullen: Apropriação do espaço 50

Quadro XII: Cullen: Distâncias e limites 51

Quadro XIII: Cullen: Local 52

Quadro XIV: Cullen: elementos de identificabilidade 53

Quadro XV: Distribuição de famílias por faixa de renda 69

Quadro XVI: Distribuição de população por grau de instrução 69

Quadro XVII: Distribuição de famílias segundo posses de bens e serviços 69

Quadro XVIII: Esquematização preliminar da problemática abordada 71

Quadro XIX: Apresentação básica 72

Quadro XX: Painel físico-legal 73

Quadro XXI: Saúde: rede 89

Quadro XXII: Lazer/Recreação/Esportes 90

Quadro XXIII: Revitalização e renovação urbana por meio da identificação do perfil imagético do município 131

B. Mapas

Mapa I: Caracterização da região em 1877 60

Mapa II: Caracterização da região 72

Mapa III: São Caetano do Sul: representação esquemática 73

Mapa IV: São Caetano do Sul: vias principais 93

Mapa V: São Caetano do Sul 94

Mapa VI: O olhar do morador 107

Mapa VII: A sensação dos limites 109

Mapa VIII: A percepção do arquiteto 111

Mapa IX: Roteiro da leitura visual 113

C. Tabelas

Tabela I: Indicadores de posição e participação regional 78

Tabela II: Quadro comparativo: Sub-região sudeste 86

Tabela III: Receita orçamentaria arrecadada, 1996 (%) 86

Tabela IV: Receita tributária arrecadada 87

Tabela V: Transferências da União e do Estado, 1991 (% do total) 87

Tabela VI: Despesa realizada por função (%) 133

D. Fotografias

Foto I: O município busca sua identidade 4

Foto II: Tropeiros paulistas (Nicola Petrilli) - Fundação Pró-Memória 57

Foto III: Olaria da família Barile - Fundação Pró-Memória 62

Foto IV: Cerâmica São Caetano, 1947 - Fundação Pró-Memória 65

Foto V: Rua Santa Catarina - centro comercial 80

Foto VI: Padrão de moradia 83

Foto VII: Divisa - São Caetano do Sul / Santo André 97

Foto VIII: Mosaico 98

Foto IX: Av. Goiás 99

Foto X: Av. Kennedy 99

Foto XI: Rua Santa Catarina 101

Foto XII: Shopping São Caetano 102

Foto XIII: Casas Bahia 105

Foto XIV: General Motors 106

Foto XV: Estrada de Ferro 106

Foto XVI: Av. Kennedy 110

Foto XVII: Parque Chico Mendes 114

Foto XVIII: São Caetano do Sul, divisa Santo André 115

Foto XIX: General Motors e Av. Goiás 115

Foto XX: Av. dos Estados 116

Foto XXI: Rio Tamanduateí 116

Foto XXII: Bairro da Fundação 117

Foto XXIII: Bairro da Fundação 117

Foto XXIV: Matriz Velha 118

Foto XXV: Matriz Velha 119

Foto XXVI: Matriz Velha 120

Foto XXVII: Matriz Velha 121

Foto XXVIII: Ruínas Matarazzo 122

Foto XXIX: Ruínas Matarazzo 123

Foto XXX: Ruínas Matarazzo 124

Foto XXXI: Praça Cardeal Arcoverde 125

Foto XXXII: Vista geral do Centro 125

Foto XXXIII: Matriz Nova 126

Foto XXXIV: Rua Santa Catarina 127

Foto XXXV: Mosaico - Av. Goiás 128

Siglas utilizadas nesta dissertação:

CETESB - Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental

CRECI - Conselho Regional de Corretores de Imóveis

DEPEC - Diretoria de Educação e Cultura de São Caetano do Sul

DESEM - Diretoria de Serviços Municipais de São Caetano do Sul

DETUR - Diretoria de Turismo de São Caetano do Sul

FPM - Fundo de Participação dos Municípios

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

IR - Imposto de Renda

ISS - Imposto Sobre Serviços

ITBI - Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis

ONU - Organização das Nações Unidas

PMSCS - Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

UNESCO - United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization

UniABC - Universidade do Grande ABC

A PERCEPÇÃO VISUAL DE UM URBANO EM TRANSIÇÃO: O CASO DE SÃO CAETANO DO SUL

Introdução

Este trabalho ensejará um estudo de percepção visual e possibilidades de desdobramentos deste sobre São Caetano do Sul, um município situado na Região Metropolitana da Grande São Paulo. Este município apresenta indicadores sociais e econômicos plenamente satisfeitos, é um dos menores municípios do Brasil em extensão territorial, possui uma das maiores densidades urbanas do país, e atravessa um intenso processo de modificações urbanas em virtude de um redirecionamento de seu perfil econômico, características estas que o tornam ímpar e portanto, objeto de nosso interesse.

São Caetano do Sul possuiu perfil nitidamente industrial até o final dos anos 80 e vive hoje um intenso processo de evasão industrial. Este processo vem acompanhado por profundas alterações na imagem da cidade, onde estruturam-se novas tipologias em seu desenho. Como exemplo, imensos galpões industriais Ganham usos terciários transformando-se em grandes hipermercados, universidades, *shoppings*. Eixos viários locais e regionais são atualizados para adequação ao novo momento.

Apesar de o Grande ABC - nome da sub-região que compreende os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra - confundir-se imagéticamente para o olhar estrangeiro, o sentido de limites, fronteiras e particularidades é bem claro e definido. O habitante desta sub-região distingue e particulariza suas cidades por meio de marcos visuais, referências, vivências e espacialidades.

O intenso processo de transformação no desenho da cidade gera significativas e profundas mudanças de espacialidades urbanas e seus níveis de apreensão em seus usuários. São Caetano do Sul é um município com seu território totalmente ocupado desde o final da década de 60 e hoje, em função deste novo perfil, atravessa um momento de intensa modificação espacial não sendo ousado afirmar que a cidade vive um processo de imagem em transição.

Assim, este trabalho buscará compreender os mecanismos de percepção visual e ambiental, modelos de leitura visual urbana e quais instrumentos necessários e fundamentais para a compreensão sensível da cidade, especulando sobre critérios para uma futura direção das decisões públicas e privadas que impliquem em drásticas alterações de espaço.

A metodologia será desenvolvida através de momentos complementares por meio da identificação do perfil histórico do município, fundamental para a compreensão do modelo de ocupação do solo e características econômicas; levantamento de dados e indicadores sócio-econômicos; pesquisa teórica sobre conjunto de elementos participantes dos processo de percepção ambiental, um exercício de leitura visual urbana do município e finalmente uma especulação sobre proposições com alguns efeitos possíveis e desejáveis.

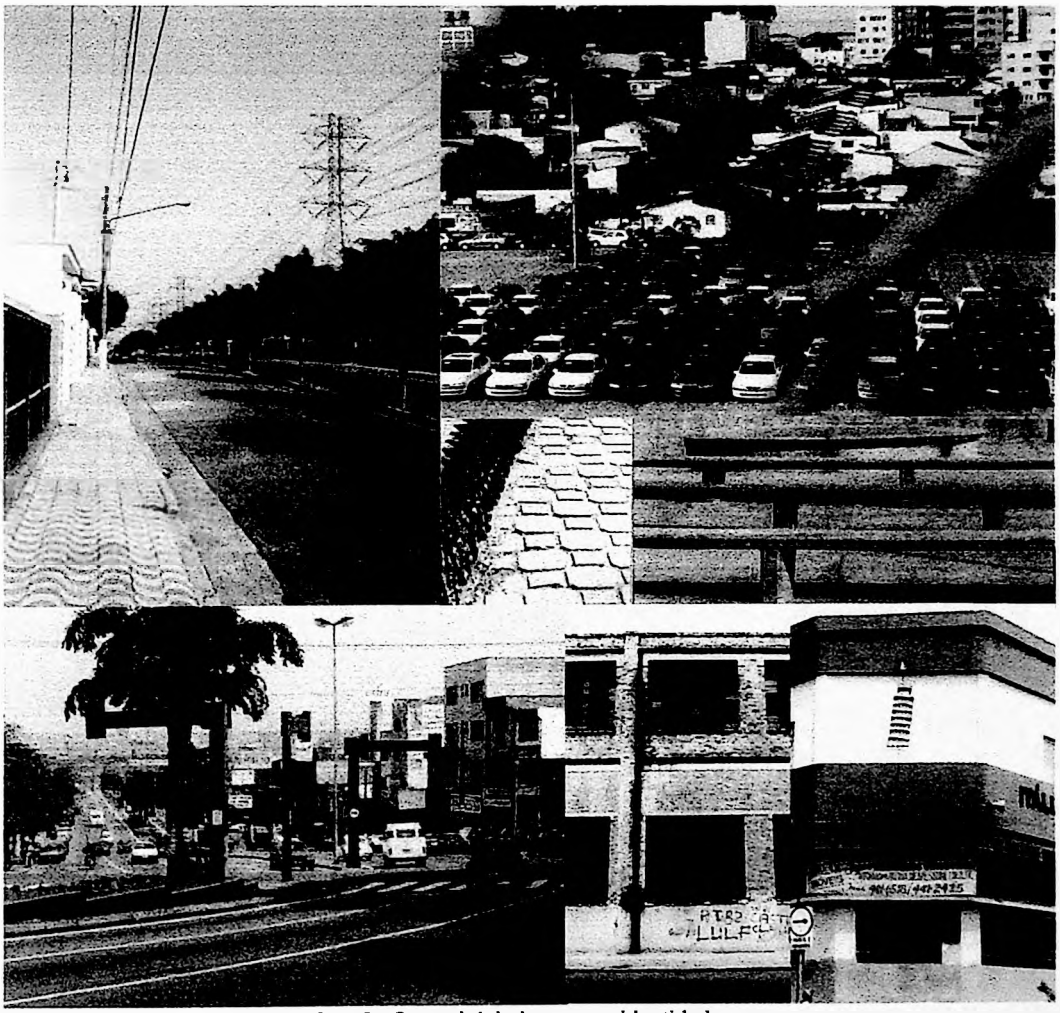


Foto I - O município busca sua identidade

Justificativa

> *"A questão pode ser colocada nos seguintes termos: se a arquitetura dos fatos urbanos é a construção da cidade, como pode estar ausente dessa construção aquilo que constitui seu momento decisivo, a política?"*. (ROSSI, Aldo 1995:252)

O desenvolvimento deste estudo foi motivado por inquietações provocadas por uma efetiva necessidade de respostas. A nossa vivência profissional atuante em São Caetano do Sul, seja na posição de Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UniABC - Universidade do Grande ABC - ou ainda como arquiteto na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, aproxima-me da atualidade das questões que envolvem a utilização dos grandes espaços urbanos ociosos, gerados pela mudança do perfil econômico da região e suas conseqüências na constituição da imagem da cidade.

Quais seriam os critérios adotados para delinear as características do impacto urbano gerado pela reestruturação econômica em São Caetano do Sul? Como retornar este estudo à sociedade e por fim fornecer materiais e elementos que contribuam significativamente para a elaboração de um processo de revitalização e renovação urbana? Como dar condições a cidade para implementar sua nova vocação ligada ao comércio e a prestação de serviços? Quais as possibilidades de gerar novos empregos?

Respondendo a estas indagações, procurar-se-á retratar o perfil do município enfocando especialmente as possibilidades de identificar os fatores existentes na constituição de sua imagem e especular-se-á como prerrogativa que os destinos da cidade possam ser melhor conduzidos por meio de um gerenciamento de suas questões, coordenados para um interesse comum às iniciativas públicas, privadas, comunitárias e institucionais. Este modelo ideal, básico, essencial, merecerá um aprofundamento teórico e norteará direções desta pesquisa.

Por fim, acreditamos que a vivência da cidade como uma entidade dinâmica não oculta sua dualidade básica: consegue ser pano de fundo para o jogo de inúmeras forças políticas, ou seja, traduzindo em espaço os mais diversos interesses, como também consegue impor-se por meio deste próprios interesses, requisitando os mais diversos espaços.

Objetivos

Este trabalho tem como pano de fundo fornecer subsídios para a discussão do processo de viabilização da convivência de novos usos gerados pela evasão industrial na metrópole brasileira, possibilitando uma aproximação inicial de fatores específicos para a compreensão de prováveis causas de alteração na imagem da cidade.

Assim, procurá-se verificar os processos de apreensão da imagem da cidade, verificar a identificação das perceptualidades urbanas e a estruturação dos elementos mentais e visuais na compreensão do espaço e ainda especular sobre critérios e procedimentos metodológicos para um exercício de leitura visual e suas aplicabilidades.

De um lado, propõe-se realizar um diagnóstico do perfil do município em suas nuances por meio do levantamento e análise de dados, permitindo o estabelecimento de parâmetros e características, que conduza a sua compreensão como modelo de estudo.

Por outro, a importância do conhecimento de metodologias de percepção espacial e leitura visual da cidade vem ao encontro da necessidade de respostas à seguinte inquietação: qual a importância dos elementos perceptíveis visuais na compreensão do urbano e suas possibilidades de intervenção na realidade?

Como já citamos anteriormente, por possuir ligações profissionais e acadêmicas com a região do Grande ABC, preocupamo-nos com o momento de transição que a região atravessa. Estas transformações geram significativas e profundas mudanças na configuração de suas espacialidades.

Assim, acreditamos que a satisfação das necessidades desta pesquisa só se efetivará por meio da identificação de elementos urbanos característicos que garantam uma visualidade específica do desenho e da imagem da cidade. Estes elementos deverão revelar um novo nível de identificação destes espaços urbanos.

Portanto, aproveitar a estrutura urbana existente e em transição, mas indiferenciada pelo hábito, e propor mudanças e adequações em nível imagético pode propiciar uma compreensão particularizada deste momento da cidade, criando condições para estudar a questão da revitalização urbana como

processo integrado à possibilidade de intervenção em nível das percepções e expectativas da população.

A pesquisa de diferentes métodos de leitura visual da cidade gera farto material de especulação e discussão sobre as relações homem/espaço. Desde os mais distantes registros de ordenamentos espaciais, tradutores de organizações apropriativas do espaço pela sociedade, às teorias de percepção ambiental estudadas neste trabalho, identifica-se uma questão básica: a importância da compreensão perceptível da organização espacial da cidade como elemento estruturador de suas identificações, relações e características.

A formação da imagem do fato urbano pode ser sintetizada em dois momentos: um primeiro quando formulamos a imagem por informações de qualquer ordem (mídia, transmissão oral, livros) e um segundo quando vivenciamos este fato. Esta vivência, por meio de uma leitura visual (intencional ou não) gera conclusões, hábitos, fins, posturas sobre a cidade que estruturam imagéticamente um nível de apreensão sobre o espaço.

Finalmente concluímos que o objeto deste trabalho é identificar pressupostos teóricos que possam ser utilizados em uma leitura visual no município de São Caetano do Sul. Esta preocupação converge-nos a pesquisar formas e mecanismos de atuação da percepção e seus desdobramentos como percepção ambiental urbana e elementos formadores da imagem da cidade e ainda vivenciar o seguinte paradoxo: a compreensão do urbano por meio da organização da imagem e da estruturação imagética como elemento significativo da apropriação do urbano.

Parte I

Aspectos metodológicos

A abordagem

A abordagem de determinado fato está relacionado ao processo de raciocínio mais adequado para a identificação e compreensão deste mesmo fato. Em relação ao fato urbano, o procedimento investigativo parte de alguns pressupostos caracterizadores, mas talvez não devidamente classificados, como por exemplo, a identificação das relações do conjunto de atributos que caracterizam as particularidades imagéticas de cada cidade. Esta identidade é formada por um conjunto de características que apropria-se desde o aparato cognitivo da comunidade até a qualidade do desenho urbano, as características naturais da região onde a cidade se insere, aos costumes dos moradores e usuários, aos detalhes construtivos, as referências espaciais, aos edifícios emblemáticos, etc.

A cidade não se caracteriza como um todo estático. Seu constante dinamismo, relacionado com as forças políticas, sociais e os movimentos econômicos, estabelecem-se como fatores constitutivos da urbanidade relacionando-se dialeticamente com a qualidade de espaço e de desenho. Esta constante vivacidade do fato urbano dificilmente é apreendido em toda sua complexidade. Por este motivo, a compreensão de uma metodologia de abordagem não pode restringir-se a uma situação pontual, ou seja, uma apreensão e leitura sensível da cidade desarticulada dos elementos cognitivos. A abordagem desta questão não pode restringir-se a classificação acadêmica dos *"...métodos de abordagem: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo e dialético..."* (ANDRADE, 1995: 21).

Neste momento, onde elementos estruturadores da formação e da identidade imagética da cidade procuram ser evidenciados, a metodologia adotada permeia os procedimentos clássicos, adotando-se procedimentos complementares de abordagem. Desta maneira, o percurso a ser seguido contempla os seguintes procedimentos: informações estatísticas sócio-econômicas, memória narrada, mapas mentais e registros fotográficos. A articulação destas fontes de dados situa-se em dois níveis: um primeiro, ao qual

nos deteremos, onde a especulação imagética, que compreende memória, mapas e registros, gera um produto característico. Em um segundo momento, a síntese geral desta abordagem múltipla propõe uma situação conclusiva, ampla e organizada, onde a discussão dos fatores estatísticos sócio-econômicos, articulados aos fatores imagéticos gera um novo produto, caracterizado por um panorama mais estruturado sobre a imagem que São Caetano do Sul pode oferecer.

Assim, os métodos de abordagem indutivos (observação, hipótese, experimentação, comparação, abstração e generalização) parecem ser os mais adequados para este exercício de percepção visual. Esta leitura pode ficar carente de uma abordagem dialética, onde a cidade explica-se em suas constantes transformações e contradições; mas neste momento, a *observação* direta e intensiva e a *identificação* de elementos imagéticos característicos fornecem o material básico para o desenvolvimento das análises posteriores.

Os procedimentos

A viabilização de procedimentos e a estruturação de protocolos para uma leitura perceptiva de São Caetano do Sul contempla a tríade estruturadora da abordagem: a palavra, a imagem e o número. Abstraímos os significados básicos destes termos do "Dicionário Completo da Língua Portuguesa":

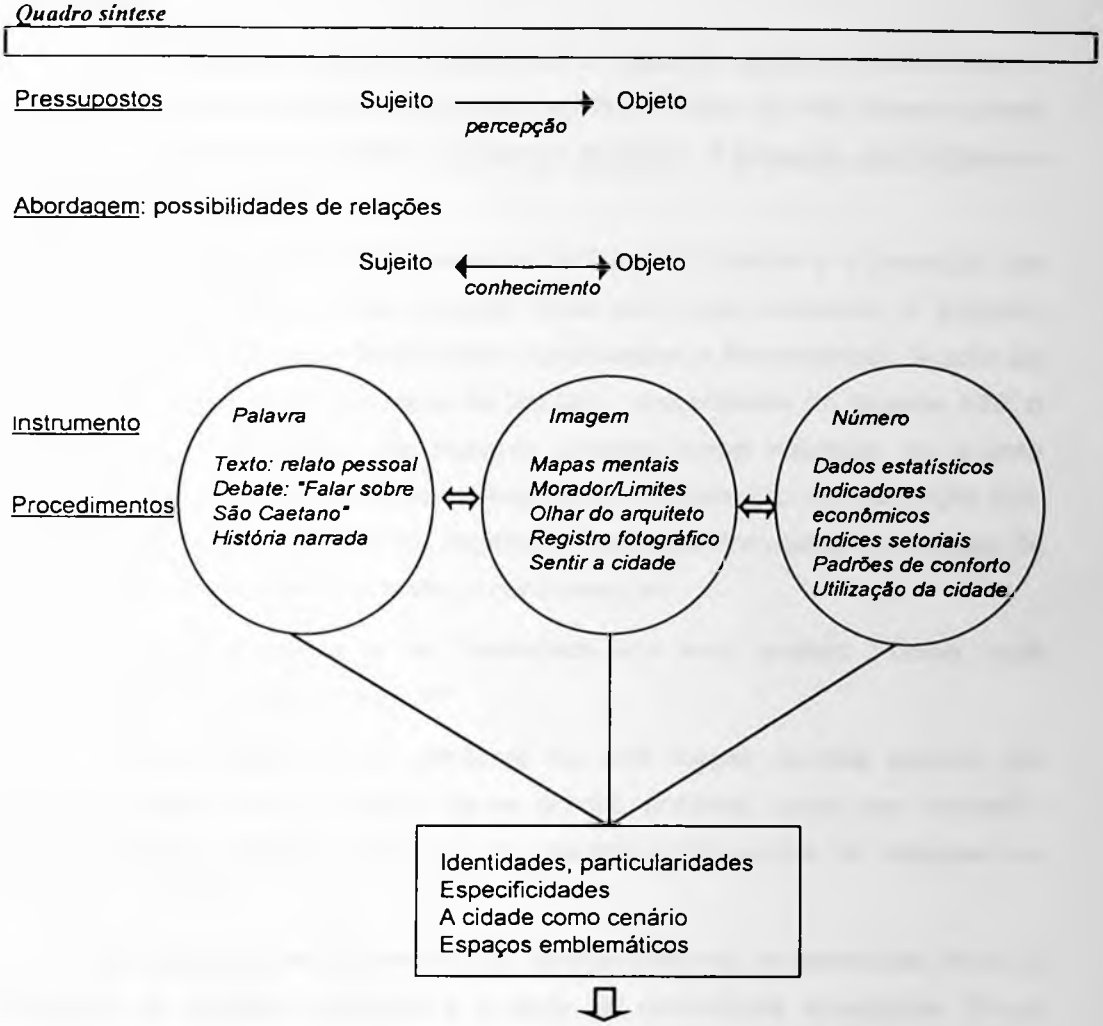
> *Imagem, s.f. (l. imagine). 1. Reflexo de um objeto na água, num espelho, etc. 2. Representação de uma pessoa ou coisa por meio do desenho, gravura ou escultura. 3. Estampa ou escultura que representa personagem santificada. 4. Representação mental de qualquer forma. 5. Imitação de uma forma; semelhança.*
>
> *Número, s. m. 1. Expressão de quantidade. 2. Coleção de unidades ou de partes de unidade. 3. Relação entre qualquer quantidade e uma outra tomada como termo de comparação...*
>
> *Palavra, s. f. (gr. parabole, pelo l.) 1. Conjunto de sons articulados, de uma ou mais sílabas, com uma significação. Considerada em seu aspecto material, tem por sinônimo* vocábulo*; quanto à significação, termo....*

Com esta metodologia procura-se setorizar focos de abordagem para a especulação perceptiva. Considerando a percepção como um processo pelo qual nossos sentidos são impressionados por estímulos específicos, e estes estímulos podem ou não estruturar um repertório cognitivo de base, a fusão desta tríade conceitual pode gerar uma situação concreta para a seleção, classificação e organização do repertório perceptivo.

Considerando ainda o conhecimento como um processo de interação entre objeto e sujeito, e a percepção como fator essencial para o estabelecimento desta interação, a operacionalização do processo em momento perceptivo específico em São Caetano do Sul pode ser sintetizado no seguinte diagrama:

Quadro 1

Quadro síntese



Desta macro-estrutura enfocaremos basicamente a questão da palavra, da imagem e do número como elementos de suporte e desenvolvimento do quadro perceptivo.

O caminho escolhido para especular o aparato perceptivo da cidade se estruturará em dois momentos: um primeiro, por meio de um texto que procurará sintetizar nossa experiência vivencial de quase uma década em São

Caetano do Sul e um segundo que procurará representar momentos da imagem da cidade.

Em relação a imagem, adotaremos a seguinte postura: primeiramente procuraremos fazer uma fusão de informações por meio de três mapas mentais básicos e identificadores, como *o olhar do morador, a sensação dos limites e a percepção do arquiteto.*

Para a confecção das impressões iniciais do morador e a sensação dos limites, a colocação de uma questão única para dois universos: o primeiro composto por 20 pessoas (entre alunos, professores e funcionários) ligadas ao curso de Arquitetura e Urbanismo da UniABC - Universidade do Grande ABC, o primeiro curso da região; um segundo universo como resultado do evento *"Vamos falar sobre São Caetano - Arquitetura",* promoção da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, reunindo arquitetos vinculados à produção de espaços na cidade, suas impressões e considerações.

A única pergunta a ser formulada aos dois grupos: "Como você compreende São Caetano do Sul?"

Esta abordagem inicial implicará em dois mapas mentais básicos: um primeiro onde serão realçados alguns pontos notáveis, como por exemplo, marcos físicos e viários e um segundo identificando pontos de interesse de comércio e serviços.

Há evidências de três elementos caracterizadores: os obstáculos físicos e naturais, as barreiras artificiais e a área de convivência energética. Como obstáculos físico-naturais, compreendemos os rios Tamanduateí, Meninos e Utinga. As barreiras artificiais caracterizam-se pela pequena articulação entre setores da cidade que a estrada de ferro delimita cortando a cidade em toda sua extensão Norte-Sul. A área de convivência energética caracteriza-se por espaços não edificados que cortam e circulam a cidade com torres de alta tensão, gasodutos e oleodutos.

Este conjunto de impressões gerará dois mapas: o primeiro, denominado "O olhar do morador" e o segundo chamado "A sensação dos limites". Desses dois mapas acrescentaremos impressões pessoais resultantes de nosso

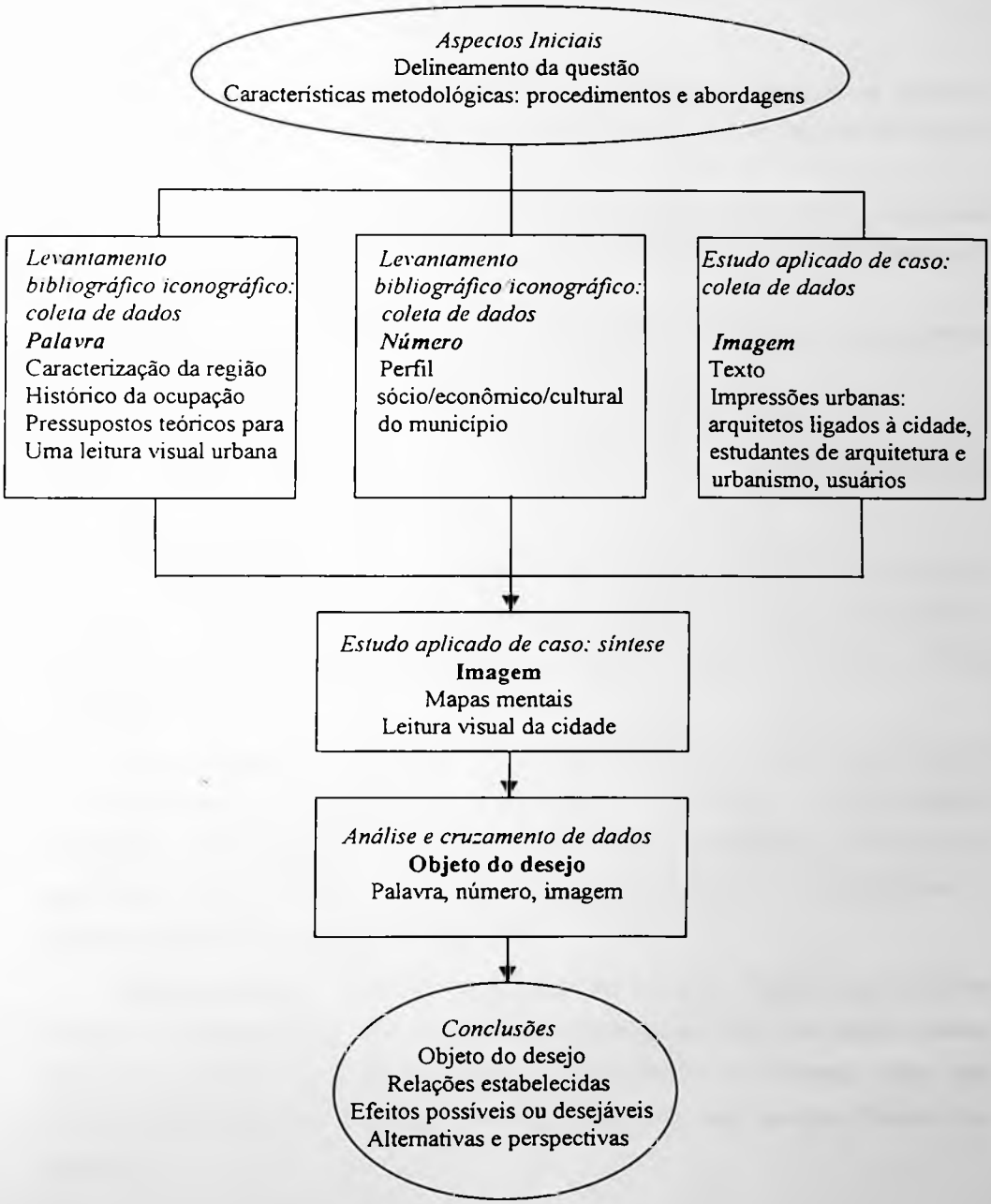
envolvimento pessoal, gerando uma terceira peça denominada "A percepção do arquiteto".

A caracterização de um primeiro momento apresentará influências fundamentais da obra "A imagem da cidade", de Kevin Lynch. Partiremos então para uma etapa seguinte, agora embasada em procedimentos da obra "Paisagem urbana", de Gordon Cullen, na qual registros de imagens caracteristicas de situações de espacialidades típicas de São Caetano do Sul particularizarão, emocionalizarão e definirão epsódios do cenário urbano local.

A partir desta síntese prévia, composta pelos três mapas mentais, partiremos para uma efetiva identificação de áreas, momentos e espaços por meio do registro fotográfico das três áreas mais citadas. Com este encaminhamento estruturaremos um painel perceptivo preliminar e norteador de nossa pesquisa imagética. Poderíamos sintetizar os procedimentos gerais no seguinte quadro-resumo:

Quadro II

Quadro-resumo



Os pressupostos teóricos para uma leitura visual urbana

"Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar.

O cameleiro que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, a fumaça das chaminés, imagina um navio...

...Na neblina costeira, o marinheiro distingue a forma da corcunda de um camelo...

sabe que é uma cidade, mas a imagina como um camelo..."

(CALVINO, 1993: 21).

Uma significativa referência literária para a compreensão do presente estudo está no processo narrativo e discursivo da obra de Calvino, que conduz a uma singela e poética estruturação imagética e perceptiva de cidades fantásticas.

Por exemplo, a descrição proposta pela narrativa do viajante Marco Polo ao conquistador mongol Kublai Khan sobre as cidades de seu império estabelece um fascinante estímulo a formação de imagens mentais que descrevem com clareza, simplicidade e ambigüidade um significativo e intrigante painel de cidades inexistentes.

Paradoxalmente, a mesma densidade de imagem citadina que o texto propõe é muito próxima dos conteúdos imagéticos pessoais de cidades como Paris, Roma, Nova York. Seriam mesmo inexistentes ou Eulápsia, uma das cidades fantásticas narradas por Calvino, seria tão real quanto Firenze ou Sidney?

Iniciar o contato sensível com a importância da leitura da cidade por meio do estímulo que a qualidade deste texto conduz, apresenta de maneira ficcional a discussão sobre as questões constitutivas dos elementos perceptivos da cidade. Segundo comentários de Lucrécia D'Alessio Ferrara sobre esta obra,

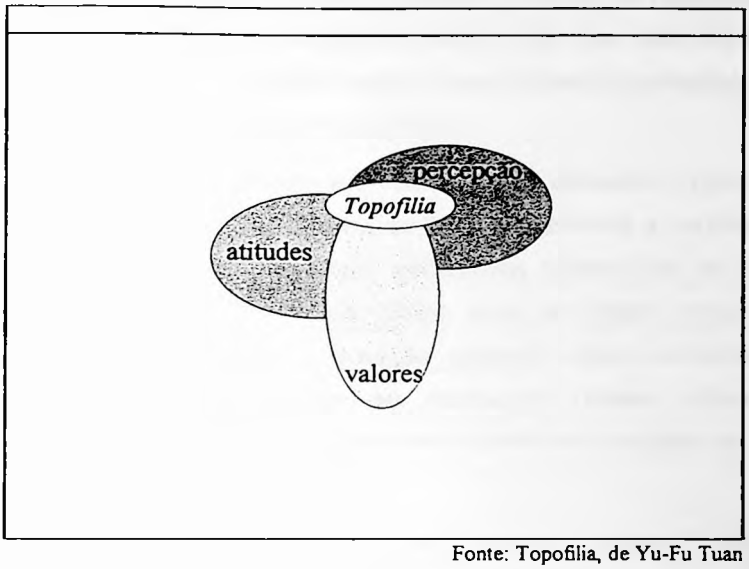
> *"...a densa visibilidade (das cidades inexistentes)... se parametriza a partir de uma outra existente, mas que não se deve ler para que não se perca: Veneza."*
> (FERRARA apud DEL RIO, 1996:61)

Esta afirmação esclarece a importância da existência de um quadro referencial básico e antecedente que oriente nossos processos investigativos para a compreensão das variáveis que constituem os fatores e elementos da percepção ambiental urbana.

Para a clara compreensão deste quadro referencial básico pressupõe-se do indivíduo um processo mental interativo com seu meio ambiente onde os mecanismos cognitivos assumem importância fundamental. Esta interação seria o elemento chave para compreensão dos processos perceptivos.

Os conceitos básicos desta interação são discutidos por Yu-Fu Tuan onde três aspectos são realçados: percepção, atitude e valores.

Quadro III
Esquema básico de Topofilia



Fonte: Topofilia, de Yu-Fu Tuan

Para Yu-Fu Tuan os elementos espaço e lugar indicam experiências comuns, onde a principal diferenciação está no significado de cada conceito. O homem vivencia constantemente estes dois conceitos. A qualidade da apropriação é um dos definidores de suas diferenças.

Enquanto *espaço* está ligado a uma indiferenciação de localização, algo que permita deslocamentos e movimentos, este mesmo espaço pode adquirir status de *lugar*, à medida que o conhecemos mais intimamente, ou seja, quando o dotamos de valor ou lhe conferimos significado.

Nosso aparato perceptivo estrutura-se basicamente em dois momentos: a percepção propriamente dita e o quadro imagético mental. A interação dos elementos perceptuais e dos conteúdos mentais, incluindo memória, valores, conhecimentos, estrutura a apreensão do ambiente pelo indivíduo.

O esquema perceptivo constituidor de imagens mentais ocorrem com maestria no texto de Calvino. O trabalho ilumina as referências perceptivas do leitor a respeito de paisagem urbana. Mais que uma simples narrativa, o exercício ficcional proposto envolve nosso universo perceptivo por meio de uma rica sugestão de sensações e cognição.

Tal quadro oferece um rico painel de discussões. Qual seria a descrição se a cidade fosse São Caetano do Sul? Formaríamos a mesma imagem mental? Como funciona os esquemas perceptivos formadores de imagens mentais? Como isso valoriza a cidade? Como pode ser usado como elemento positivo para os processos de renovação urbana? Quais elementos da percepção ambiental urbana deveriam ser realçados? Existem critérios? Esta imagem formada não seria tão significativa quanto as imagens de Atenas, Londres, Hong Kong? Qual a imagem?

Os processos perceptivos da paisagem urbana formulam imagens. O discurso vigoroso em situações de imaginação de espaço e relações humanas forma um quadro imagético que fornece-nos as primeiras impressões da visualidade da cidade.

Há curiosidade por conhecer Zemrude, Maurília, Tamara ou Aglaura, algumas das cidades descritas. Mas existe a impressão de já serem velhas conhecidas. Esta experiência fica muito clara em uma primeira viagem a Europa, por exemplo.

O universo imagético de Paris sugere uma cidade bela, romântica, organizada. E foi realmente o que vi em meu primeiro contato. Apesar dos migrantes humildes, dos pedintes ciganos na fila da torre Eiffel, da sujeira acumulada nas ruas por uma greve de lixeiros, do *métro* perigoso, saí com uma excelente impressão. O desenho da cidade, o neoclássico abundante, os museus e monumentos, a rua, a calçada, o Sena, as francesas, a impaciência nacional com o meu francês primitivo, só confirmam uma impressão: moraria em Paris. Mesmo depois de conhecê-la.

Esta referência faz sentir-me como o imperador que em determinado momento antecipa-se à narração de Marco Polo e descreve com propriedade as cidades nunca visitadas. Tal discurso também é rico em situações de espaço e

também sugere um universo imaginário denso e real. Tão denso quanto um sonho. Mas real.

Esta realidade fica evidente quando Calvino, na pág. 59, descreve Olívia e alerta sobre a ambigüidade da questão urbana narrando...

> *"...que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles. Se descrevo Olívia cidade rica de mercadorias e de lucros, o único modo de representar sua prosperidade é falar dos palácios... almofadas franjadas...pavões... mas a partir deste discurso é fácil compreender que Olívia é envolta por uma nuvem de fuligem e gordura que gruda na pele.... na aglomeração das ruas...*
>
> *...A mentira não está no discurso, mas nas coisas..."*
>
> (CALVINO, 1993:59)

Percepção

> *"Percepção, s,f. (perceptione). Ato, efeito ou faculdade de adquirir conhecimentos por meio dos sentidos".*
>
> (ROSUT, 1994: 694)

A definição acima, extraída do "Dicionário Prático da Língua Portuguesa", inicia nosso processo de discussão da conceituação teórica a ser utilizada como fio condutor do nosso trabalho.

Nesta definição, dois conceitos são colocados como constitutivos da compreensão do *perceber* : os sentidos e o conhecimento. Ainda do mesmo dicionário:

> *"Sentido, adj., cada uma das funções pelas quais o homem e os animais recebem a impressão de objetos externos por meio dos órgãos apropriados: visão, audição, olfato, paladar e tato.*
>
> *Conhecer, v., (cognoscere), ter relações com.*

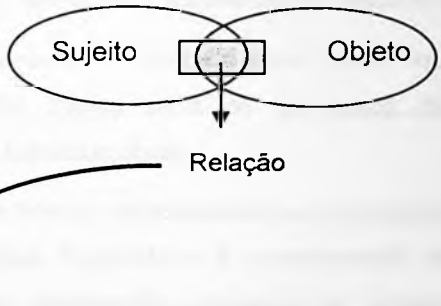
O conceito básico de *conhecimento* é apresentado pelo Prof. Johannes Hessen , em sua obra *Teoria do Conhecimento:*

> *"... no conhecimento encontra-se frente a frente a consciência e objeto, o sujeito e o objeto. O conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro. O dualismo sujeito e objeto pertence à essência do conhecimento. A relação entre os dois elementos é ao mesmo tempo uma correlação. Um sujeito só é sujeito para um objeto e um objeto só é objeto para um sujeito".*
>
> (HESSEN, 1987: 26)

A discussão sobre os mecanismos de atuação dos processos perceptivos pressupõe uma relação entre as partes. Desta relação pode nascer conhecimento. Percepção é condição do conhecimento. Não discutiremos se o conhecimento pode preceder a percepção, mas a percepção pode ou não preceder o conhecimento. Alguns autores consideram que precedem, outros consideram que o processo percepção-conhecimento são indissolúveis, fazendo parte de um mesmo todo.

Esta discussão é observada por Espírito Santo, 1986, onde compara a visão sobre percepção de três autores: Vernon, Rappoport e Arnheim. Suas observações podem ser resumidas no seguinte quadro:

Quadro IV
Quadro sintético: Vernon, Rappoport, Arnheim



	Vernon	Rappoport	Arnheim
Sentidos	Aproximação Sujeito-Objeto	Aproximação Sujeito-Objeto	Aproximação Sujeito-Objeto
Percepção	Observação Sensorial	Conscientização pelos sentidos	Observação sensorial+ Imagens mentais
Conhecimento	Perceber+ experiências acumuladas	Perceber + Cognição + Avaliação	Perceber+ Associar

Fonte: A percepção visual na cidade de Pelotas

Existe um claro consenso que o contato sujeito-objeto dá-se pelos sentidos. As abrangências dos conceitos de percepção estabelecem as primeiras divergências: Para Vernon, a percepção é a simples observação sensorial. Rappoport ilustra o processo perceptivo por meio da conscientização pelos sentidos. Arnheim parte de outros caminhos e considera percepção a indissociabilidade entre a observação sensorial direta e as imagens mentais.

Por sua vez, os processos de transformação da percepção em conhecimento ocorrem segundo Vernon por meio das experiências acumuladas em vida. Já Rappoport aproxima o conhecimento à percepção, avaliação e cognição, iluminando alguns pressupostos de percepção ambiental. Arnheim discute o conhecimento como a interdependência entre o perceber e o associar.

Fiedler (1958) divide o papel dos sentidos em dois momentos: um primeiro onde eles completam a sua função de sustentar o pressuposto conceitual possibilitando o conhecimento e um segundo momento onde alimentam a essência da atividade artística pelo desenvolvimento maior da consciência intuitiva em detrimento à consciência discursiva.

O papel perceptivo é fundamental para qualquer processo de compreensão. Condição básica para os processos de conhecimento é a percepção interagindo sujeito e objeto.

Aproximando de nossas necessidades, a compreensão do ambiente passa por processos perceptivos. Supondo-se a compreensão de uma questão como fator básico paras uma intervenção, deduz-se ser fundamental perceber para conhecer. Não existe conhecimento sem percepção, sem ligação sujeito-objeto.

A base da compreensão da complexidade dos mecanismos perceptivos de apreensão da realidade foram lançadas no início do século pela teoria da Gestalt. Em princípio, os psicólogos gestaltistas estudaram essencialmente os mecanismos fisiológicos e psicológicos da percepção e as relações do organismo com o meio. Posteriormente estenderam este trabalho à memória, inteligência, à personalidade como um todo. Estabeleceu-se o paralelismo entre o físico e o psíquico.

Para a Gestalt todo o campo perceptivo se diferencia em figura e fundo, ou ainda, *fundo* e *forma*. A forma é um um todo específico, delimitado,

estruturado. Não podemos distinguir a forma sem o fundo e vice-versa. Para a Gestalt esta interrelação é mágica e fundamental para a compreensão das questões humanas.

Ainda segundo a Gestalt,

> *" ...a percepção depende, ao mesmo tempo, de fatores objetivos e subjetivos. Por meio de experiências de laboratório, os gestaltistas mostraram a relação dialética entre o sujeito e o objeto, demonstrando que o aspecto do objeto depende das necessidades do sujeito, e inversamente, que a necessidade do sujeito depende do aspecto do objeto".*
>
> (GINGER, 1995: 39)

Os repertórios internos pessoais participam do processo perceptivo. Arnheim justifica a Gestalt e confirma esta abrangência da percepção:

> *"...o ato de perceber é uma ocupação eminentemente ativa.... A percepção começa com a captação dos aspectos estruturais mais evidentes. Primeiro percebemos a estrutura, depois os detalhes. As características estruturais globais são os dados primários da percepção".*
>
> (ARNHEIM, 1997: 36)

E conclui que:

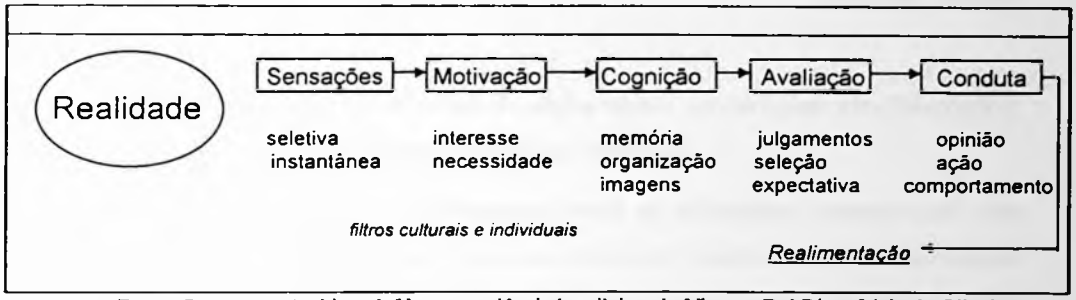
> *"... os mesmos mecanismos operam tanto ao (sic) nível perceptivo como ao (sic) nível intelectual, de modo que termos como conceito, julgamento, lógica, abstração, conclusão são necessários para descrever o trabalho dos sentidos"*
>
> (ARNHEIM, 1997: 36)

Vicente Del Rio confirma e amplia esta visão afirmando:

> *"...entendemos percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos"*
>
> (DEL RIO, 1996: 3)

Os processos mentais que orientam e representam a realidade percebida podem ser traduzidos por meio do seguinte quadro de apoio:

Quadro V
Esquema teórico do processo perceptivo



Fonte: Percepção Ambiental: Uma experiência brasileira, de Vicente Del Rio e Lívia de Oliveira

Apresentado este quadro teórico básico, observamos que a apreensão de uma realidade ocorre por um grau maior de complexidade que uma simples observação. Mais que um conceito simplista, a percepção é uma entidade complexa, dialética. Compreende vários fatores, que muitas vezes mesclam-se: sensação, cognição, valores, julgamentos.

O processo de aproximação do sujeito ao objeto interliga perceber e conhecer. A instantaneidade destes dois fenômenos os revelam. Para conhecer passa-se pelo perceber e o inverso também pode ocorrer por meio de associações e relações. Enfim, o conjunto de variáveis discutidas amplia a visão do conceito percepção, não reduzindo-o a simples interligação do sujeito ao objeto por meio dos sentidos.

Percepção Visual

"Se sufre una engañosa ilusión al suponer que mediante el saber basado en la percepción visual o dirigido por ella, se posean las cosas en su total visibildad."

(FIEDLER, 1958:53)

Fiedler ultrapassa os conceitos de visão como um simples ato fisiológico: ver é ir mais além de uma simples impressão retiniana.

Existe uma relação de proximidade entre as atividades elementares dos sentidos, que sensibilizam-se por meio de estímulos captáveis, e as atividades mais elaboradas de pensamento e raciocínio. Esta relação varia de acordo com a qualidade do estímulo. A percepção visual pode ser mais ou menos rica, gerando universos de maior ou menor complexidade se determinados critérios forem observados, como veremos ao final deste capítulo. Portanto a conscientização dos conteúdos seria um passo ao mesmo tempo anterior (elementos mentais de suporte) e posterior (características do objeto) da percepção visual retiniana.

O processo de perceber o que é visto transforma-se em atividade desenvolvível. É preciso treinar o olhar para completas descobertas. Talvez o grande objetivo da visão atenta seja seja a possibilidade de

transformar a observação em uma vivência. E isto depende de nossos repertórios e disponibilidades.

A conscientização por meio da atividade sensorial será tanto mais densa quanto mais profundo for o desempenho dos produtos de uma atividade pensante e cognitiva. Perceber o mundo visualmente é muito mais que simplesmente observá-lo. Quanto maior a participação do olhar, maior será o desenvolvimento de um mundo conceitual e imagético. Arnheim aprimora a necessidade de uma visão consciente quando afirma:

"...a percepção visual é um processo de captação ativa. Se um observador examina atentamente um objeto, percebe que seus olhos estão bem equipados para ver detalhes diminutos...o que vemos realmente quando olhamos?"

(ARNHEIM, 1997: 36)

Ver significa captar algumas características do objeto, alguns traços determinantes da identidade do objeto percebido, que o faz parecer um padrão integrado completo. Mas será que todos vêem a mesma coisa? Hall já alerta-nos que:

> *"...os processos perceptivos possuem características particulares. A diferença entre mundos perceptivos de dois indivíduos já indica que não verão a mesma coisa."*
>
> (HALL, 1986: 83)

Se entre dois indivíduos de uma cultura idêntica já existem diferenças na observação de um mesmo objeto, as observações deste mesmo objeto por um esquimó não será a mesma de um índio, por exemplo. Mesclam-se repertórios individuais básicos, culturais, vivenciais que interligam e aprofundam a impressão retiniana aos processos mentais. A discussão sobre o que vemos e como vemos seduz vários autores e pensadores. Identificamos várias posições, mas existe um relativo consenso entre Vernon, Rappoport, Arnheim e a Gestalt em relação ao seguinte ponto: ver é integrar um objeto a uma estrutura que garanta sua identidade.

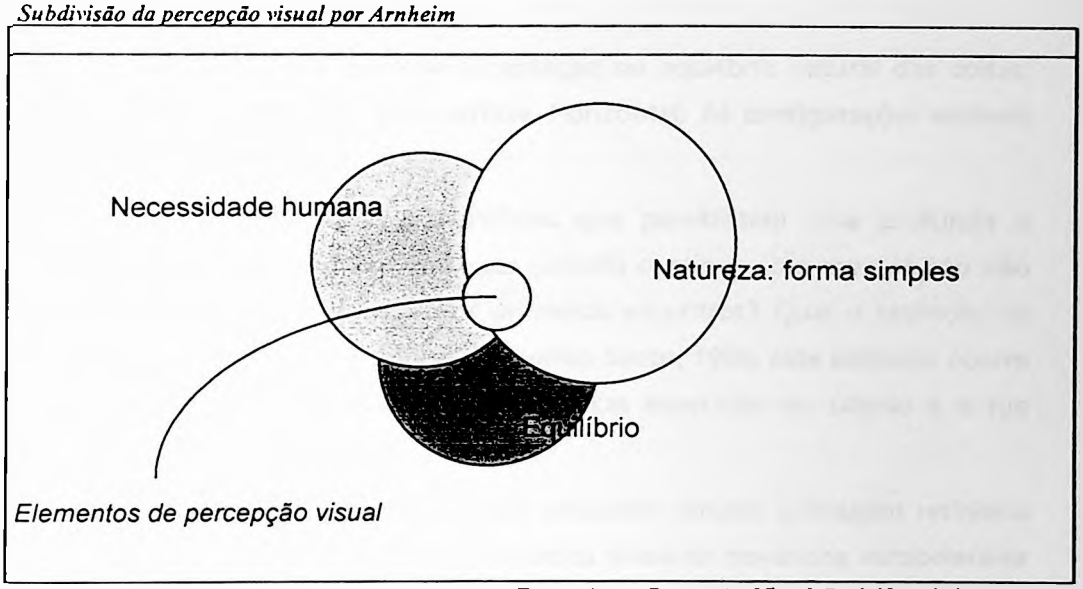
Segundo a lei básica da percepção visual, qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto permitam as condições dadas. Assim Gestalt (figura e fundo) considera na percepção visual que o identificado é a figura e a massa uniforme é o fundo.

Isto significa que o observador percebe primeiro o estrutural, o simples. As coisas vistas se comportam como totalidades, as quais apreendemos os eixos principais, sendo controladas por leis de simplicidade. Organizam-se padrões mais simples, mais regulares, mais simétricos.

A visualidade de um objeto físico percebido, segundo Arnheim, deriva da concepção do objeto como tridimensional. A tridimensionalidade é conceito visual e não definição verbal obtida por abstração intelectual. O conhecimento intelectivo ajuda a formar um conceito visual. A percepção da tridimensionalidade faz parte de uma das características da experiência visual.

Além da estrutura, outro fator importante é o equilíbrio que o objeto possua. As leis naturais (gravidade, forças naturais, atrito, vertical-horizontal) estão introjetadas no homem, organizando por meio de processos mentais, as estruturas e o equilíbrio.

Quadro VI
Subdivisão da percepção visual por Arnheim



Fonte: Arte e Percepção Visual, Rudolf Arnheim

Este quadro mostra as relações entre a visão e a captação da realidade. Arnheim afirma que a simplicidade da configuração favorece a acuidade visual e que tal qual os processos naturais, os mecanismos perceptivos buscam uma situação de equilíbrio, seja na gravidade, pesos, harmonia, etc.

Assim, esta subdivisão proposta por Arnheim confirma a produção de formas e espaço pelo homem como um derivativo do olhar: "Eu só projeto o que necessito e posso ver." Até são citadas as caixas vermelhas do correio londrino como referência.

A própria natureza configura suas formas com simplicidade. Não citamos detalhes, mas a estrutura formal básica, captável. E esta mesma configuração captável possui atributos naturais de equilíbrio, verticalidade. Basta observarmos a árvore, o lago, o pássaro.

Poderíamos sintetizar ainda a percepção visual em duas etapas paralelas. A primeira representa a captação da essência da forma, sua simplicidade e sua identidade organizada. Esta organização perceptiva da forma pode ser subdividida em três características: atração por proximidade (duas partes se atrairão mutuamente de acordo com sua proximidade); atração por igualdade (atração por similariedade) e fechamento (áreas fechadas garantem uma maior estabilidade).

A segunda etapa refere-se a captação do equilíbrio natural das coisas: forças naturais, gravidade, eixo vertical, horizontal. As configurações estáveis remetem a este equilíbrio.

Quais os mecanismos ou artifícios que possibilitem uma profunda e diferenciada observação? Por que após contato contínuo com meu objeto não o percebo mais com a riqueza dos primeiros encontros? Qual o estímulo da percepção visual? Segundo síntese de Espírito Santo, 1986, este estímulo ocorre sob dois aspectos: mudança das características esperadas do objeto e a sua diversidade e complexidade.

Assim, se nossas imagens mentais procuram rebater a imagem retiniana em uma estrutura pré-concebida e a estrutura revela-se inovadora, estabelece-se um estímulo positivo. Se o nosso objeto ainda possuir um crescente grau de complexidade, de modo que novas e sucessivas leituras propiciem novos conteúdos, o estímulo também aumenta.

O transporte destes conceitos para a observação de um organismo complexo, como uma cidade, uma folha ou uma rua, por exemplo, justifica o fato de que não basta uma observação desinteressada para a apreensão dos conteúdos imagéticos. É sempre conveniente a procura de surpresas, seja por meio da novidade em si, ou ainda por meio da identificação de estruturas não observadas de um mesmo objeto, que enriquecerá nossos processos de leitura visual.

Percepção Ambiental

Discutimos a importância dos sentidos e suas relações imediatas com conteúdos pessoais, como por exemplo, valores, cultura, memória, para o estabelecimento de vínculos entre o sujeito e o objeto. Observamos ainda que a percepção visual motiva-se pela relação entre a impressão retiniana fisiológica e atributos de forma e equilíbrio identificadas na estrutura do objeto observado.

Supondo este objeto ser o ambiente urbano, e o ambiente uma entidade rica em estímulos de toda ordem, deduz-se que o princípio do processo de compreensão do ambiente ocorre por mecanismos perceptivos específicos. A impressão visual, como sentido humano mais desenvolvido, será nossa orientadora, mas não podemos distanciar-nos de outros estímulos sensórios como audição, olfato, tato.

Apenas como exemplo que a atividade de percepção do ambiente possui atributos de multisensorialidade, há muitos anos atrás, no início da década de 60, São Caetano do Sul produzia um produto químico chamado BHC. Era um inseticida com altos índices de toxicabilidade humana, tanto que hoje sua produção é proibida, sendo apenas pesquisado e controlado em laboratórios com altos índices de segurança. O odor intenso e claramente percebido deste produto caracterizava São Caetano do Sul na região.

Esta impressão é apenas uma das possibilidades para a percepção ambiental urbana, onde mesclam-se a percepção, a cognição e a avaliação. Dois autores identificaram elementos de aproximação de maior amplitude para a compreensão da percepção ambiental: a ecologia e a psicologia aplicadas à ciência urbana. Tanto Aldo Rossi quanto Lucrécia D'Alessio Ferrara consideram estes os pilares dos processos perceptivos ambientais.

Rossi afirma que não se pode estudar a cidade reduzindo-a a um esquema simplesmente físico:

> *"...no caso da ecologia urbana só há sentido se considerarmos a cidade uma estrutura complexa.".*
>
> (ROSSI, 1995: 161)

Considerando de uma maneira simplista, já que não é objeto deste trabalho, a definição de ecologia como o conhecimento das relações entre o ser vivo e seu ambiente, ou ainda, considerando este ambiente a cidade, quais seriam as relações e influências entre a cidade, os indivíduos e a coletividade?

A ecologia urbana vem sendo pouco discutida. O principal mote de qualquer campanha ecológica ainda remete a visões românticas e naturalistas de preservação do ambiente intocado, ecossistemas, devastações, cenas de uma realidade distante.

As ricas relações entre o fato urbano, como democracia e construção dos espaços, relações culturais, sociais, políticas, e a realização de anseios e necessidades humanas, merece um cuidado e uma discussão aprofundada. As situações de produção, expansão e equilíbrio entre as atividades humanas em seu cenário urbano é fator precessor da constituição de aparatos imagéticos e simbólicos.

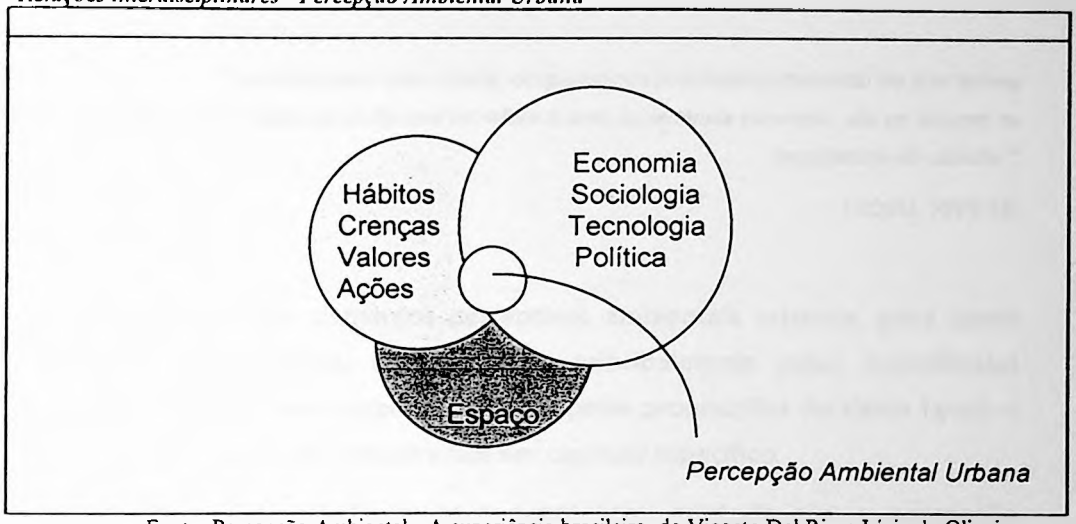
Em relação à psicologia, aqui reduzida ao nosso interesse maior, ou seja, a constituição do fato arquitetônico e sua memória, das bases cognitivas para a compreensão do urbano e das questões que pertençam ao coletivo da cidade, a conscientização do papel coletivo é fundamental.

Numa arte ou ciência, podemos aceitar que os princípios e os meios de ação não constituem fatos ímpares. São elaborados por uma coletividade e transmitidos por tradição, caracterizando-se como fenômenos coletivos. Mas são coletivos com promotores individuais.

A percepção ambiental é uma atividade interdisciplinar. Segundo Ferrara (apud Del Rio, 1996), na complexidade de relações entre os fatores envolvidos está a grande chave da percepção ambiental.

Estas relações podem ser sintetizadas pelos seguinte quadro:

Quadro VII
Relações interdisciplinares - Percepção Ambiental Urbana



Fonte: Percepção Ambiental - A experiência brasileira, de Vicente Del Rio e Lívia de Oliveira

A grande questão é a localização dos limites e recortes das individualidades na questão urbana. Pelas especificidades, não estudam-se cidades e sim uma cidade particular. Ferrara no mesmo texto consultado considera:

> *"...percepção ambiental como o estudo da linguagem que o homem desenvolve para intervir na natureza e construir seu espaço".*
>
> (FERRARA apud DEL RIO, 1996: 62)

Esta linguagem estrutura-se por signos que dispersam-se na imagem urbana natural e construída e nos hábitos que caracterizam de certo modo sua subsistência física e sensível. Para nosso estudo nos preocuparemos com elementos da percepção visual urbana nos seus elementos distintivos: cores, formas, texturas, volumes, limites, localização, relacionando elementos objetivos, reconhecidos, caracterizados, com elementos subjetivos.

A diretriz adotada viabiliza a colocação de Aldo Rossi:

> *"...ao descrever uma cidade, ocupamo-nos predominantemente de sua forma; essa forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta...ela se resume na arquitetura da cidade.".*
>
> (ROSSI, 1995:13)

A captação de elementos perceptivos ambientais urbanos, pela nossa abordagem desenvolvida, será discutida principalmente pelas experiências baseadas na Gestalt no campo da forma e pelas proposições de Kevin Lynch e Gordon Cullen, conforme discutiremos em capítulo específico.

Suscintamente, confirmamos a nossa linha adotada que a percepção visual é fator fundamental para a compreensão dos processos de apreensão do ambiente urbano. O instrumento fundamental para a efetivação deste processo visita o conceito básico da estruturação da percepção visual: a produção de imagens.

Para compreensão desta produção, faz-se necessário também compreender a cidade não só como uma organização física de espaços, atividades, hierarquias e relações mas também como uma explosão de informações resultantes das relações entre homens e entre homens e espaço.

O fenômeno urbano também decorre do impacto produzido por estas complexas relações. Não podem ser apreendidas senão pelas marcas e sinais que imprimem no cotidiano dos lugares, crenças, valores e ações de uma coletividade. Ao preocupar-nos do levantamento, observação, associação e interpretação destes signos a cidade assume para a percepção ambiental seu papel enquanto linguagem.

Hall também discute a percepção ambiental por meio das características culturais de cada agrupamento. As descrições e as relações de espacialidades variam de cultura a cultura. O estudo idiomático de cada cultura encontra seus rebatimentos na compreensão da espacialidade.

Enfim, a produção de imagens, critério-síntese dos processos perceptivos, e instrumento para leitura e interpretação do fato urbano, realiza-se por meio da organização dos registros captados, estruturação dos dados pelos sentidos, vivências e informações que o espaço oferece.

Esta dinâmica, segundo Ferrara:

> *"...é caracterizada pela riqueza de situações oferecidas pelas complexas relações do homem com a natureza, consigo mesmo e com outros homens."*
>
> (FERRARA apud DEL RIO, 1996:64)

Elementos de discussão para a formação de uma imagem urbana

Com alguns conceitos e pressupostos levantados e discutidos sobre os mecanismos da percepção humana, suas características enquanto percepção visual e percepção ambiental, possuímos um material básico para a discussão de atributos e diretrizes para a constituição e análise da imagem urbana.

A imagem é uma síntese. É resultado de um processo bilateral entre o meio e o observador. Mas não caracteriza-se em uma relação bilateral com significado único, pois o mesmo meio pode possuir observadores com interpretações distintas

Poderíamos considerar imagem como o produto de uma relação entre o objeto real e os nossos conteúdos. Apesar de considerarmos a percepção da cidade como um fator multissesorial, e portanto gerador de vários níveis imagéticos, interessa-nos sua especificidade estruturada na imagem visual decorrente.

Como imagem visual podemos compreender como o estímulo que o indivíduo sofre pela visão, organizada em forma e significado. Esta definição, apesar de simples, é bem abrangente pois integra a impressão visual retiniana às impressões internas, justificadas por exemplo, em sensações espaciais e urbanas que podem ser transmitidas pela narrativa cuidadosa da descrição de uma cidade inexistente.

A imagem visual forma-se por nossa observação direta ou por informação de outro elemento. Uma de suas características úteis ao nosso estudo é um de seus atributos qualitativos: sua classificação em imagem individualizada e imagem coletiva; as individualizadas traduzem particularidades e as coletivas, que traduzem uma possível imagem comum, interessa-nos ao estudo de formação da imagem da cidade.

Aldo Rossi elabora uma instigante discussão e extrapola esta visão quando sintetiza a imagem da cidade como fato coletivo, ou seja, pertencente à comunidade, e ainda promovida por individualidades. Observemos a seguinte citação:

> *"...a própria cidade é a memória coletiva dos povos; e como a cidade está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o locus da memória coletiva..."*
>
> (ROSSI, 1995: 198)

Esta relação torna-se a imagem dominante da cidade, da arquitetura, da paisagem. Os fatos fazem parte da memória e geram novos fatos que crescem juntos à cidade. Enfim, a memória coletiva estruturada imagéticamente torna-se a própria transformação do espaço, a cargo da coletividade.

Vicente Del Rio confirma esta posição quando esclarece que...

> *"...embora essas percepções sejam subjetivas para cada indivíduo, admite-se que existam recorrências comuns, seja em relação às percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis..."*
>
> (DEL RIO, 1996: 4)

A imagem pública, a coletiva, ou seja, figuras mentais comuns a um grande número de pessoas, é um excelente e fértil campo formador desta imagem ambiental.

Kevin Lynch aprofunda esta discussão quando classifica este processo:

> *"Uma imagem do meio ambiente pode ser analisada em três componentes: identidade, estrutura e significado. Será útil imaginá-las num plano abstrato, com o fim de as analisar, pois, na realidade, estas três componentes aparecem juntas".*
>
> (LYNCH, 1988: 18)

Podemos compreender como identificação à característica do objeto que permite distinguí-lo de um coletivo, assegurando-lhe individualidade. Como estrutura, à relação entre objeto/objeto e objeto/observador, e como significado, sua finalidade prática ou emocional.

A idéia de percepção da cidade como uma obra-de-arte interativa e coletiva exige para sua apreciação uma preparação do olhar, a partir da qual dimensões humanas significativas podem revelar aos seus próprios usuários um enfoque especial.

A cidade, como outras manifestações artísticas, solicita para sua compreensão processos de envolvimento e distanciamento. Uma de suas principais características é a promoção de um imenso painel imaginário coletivo, formado por imagens que garantam uma identidade a esta manifestação cultural de apropriação do espaço.

Como imagem, ou ainda percepção, poderemos sintetizar a cidade como um grande cenário interativo de experiências sensoriais. O grande desafio torna-se portanto identificar imagens públicas comuns que garantam a singularidade de cada arrumação urbana, pois mesmo individualizada pelas diferentes leituras, a cidade possui características comuns bem definidas por seus usuários. Sintéticamente, esta posição é endossada por Frigolli, 1998, cujas posturas revelam uma interfacialidade com a obra de Lynch.

A compreensão da constituição da imagem de um ambiente pode ser sintetizada em três momentos: realidade, cultura e individualidade. A realidade revela o que é, a cultura, o painel pelo qual participam os processos de percepção e a individualidade nossos conteúdos de percepção, leitura e significado.

Enfim a constituição da imagem do meio, ou seja, do urbano, possibilita sua constante descoberta. Não existe uma leitura ímpar do urbano. A cidade permite processos investigativos de formas, significados, relações estruturais (figura/fundo, verticalidades), análises sensíveis que possibilitem a organização de sua realidade perceptiva.

Neste capítulo discutiremos os subsídios oferecidos por Kevin Lynch e Gordon Cullen aos estudos da visualidade urbana. Estes autores foram pioneiros

nos processos de metodologias de abordagem da questão urbana embasadas em estudos de percepção ambiental.

Os autores fornecem um painel paradoxal para este trabalho: apesar de abordarem aspectos diferenciados e complementares na formação e estruturação da imagem da cidade, reconhecem características ambientais comuns identificadas pela população.

Segundo Del Rio:

> *"...Lynch procura responder a ideais qualitativos, tais como legibilidade, orientabilidade e identidade, aqueles influenciados por Cullen buscam sensações visuais topológicas".*
>
> (DEL RIO, 1996: XI)

O mesmo Del Rio assim apresenta os estudos de percepção ambiental urbana de Cullen:

> *"... a percepção do espaço urbano é entendida como integrante de um processo cognitivo fundamentado na percepção de determinadas composições e características físico-espaciais tidas como universais, ou seja, de uma certa maneira independem de predeterminações culturais. Assim a percepção visual da cidade pode transmitir diferentes sensações, tais como surpresa, envolvimento, antecipação, etc".*
>
> (DEL RIO, 1996: XII)

A contribuição de Kevin Lynch para uma visualidade urbana

"...precisamos de um meio ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico".

(LYNCH, 1988: 132)

Lynch analisa aspectos da paisagem urbana relacionando a forma visual da cidade à escala urbana. As cidades estudadas são Boston, Jersey City e Los Angeles, por meio de um instrumento básico: os mapas mentais e bagagem cognitiva de seus usuários.

Decidimos embasar este estudo na obra fundamental de Lynch. Convém esclarecer que as críticas realizadas a esta metodologia de abordagem são compartilhadas neste trabalho, mas não há como negar a eficiência e singeleza de seus procedimentos.

O próprio Lynch reviu e atualizou seus procedimentos explorando mapas mentais com diferentes classes, sexos, idades e etnias. A arquiteta e historiadora Dolores Hayden, da Yale University, que tem realizado pesquisas visando ao desenvolvimento do Planejamento Urbano mais voltado às necessidades tanto de mulheres como o de minorias mostra em sua mais recente obra "Power of Place", que as pesquisas de mapas mentais com distintos grupos varia consideravelmente porque revelam sobretudo desigualdades de acessos à cidade. Há ainda considerações a respeito do aperfeiçoamento dos mapas mentais de Lynch visando aumentar a consciência política dos cidadãos.

Mesmo com todas essas considerações, o trabalho básico de Lynch continua a ser obra de fundamental referência. A imagem da cidade é uma entidade dinâmica que se absorve em um profundo exercício de percepção. Sua compreensão não é imediata em virtude das inúmeras variáveis que a determinam. Este dinamismo é decorrente do nosso envolvimento e participação neste processo. A cidade é caracterizada como objeto de percepção de seus habitantes.

A *imaginabilidade* (*imageability*) é o centro de seu estudo, ou seja, a qualidade da cidade de propiciar imagens fortes e plenas de significado ao seu observador, sejam elas já automatizadas pelo hábito ou descobertas por exercícios de percepção e análise.

Na constituição destes processos perceptivos, elementos como memória e significado são tão profundamente importantes quanto a percepção sensível. A imagem do meio ambiente é produto da percepção imediata e da memória da experiência passada estabelecendo-se em um vínculo qualitativo: a qualidade do espaço urbano relacionando-se com a qualidade de sua imagem.

Esta qualidade contém atributos de expressão, prazer estético, ritmo, estímulo, escolha. Pode ser reforçada por melhorias das condições da recepção de sua imagem, como por exemplo por meio de mapas e diagramas que organizem a percepção ambiental.

Neste processo, quanto mais claros os atributos de organização visual, melhor será a apreensão e compreensão do fato urbano. Tais elementos são vivenciados quando nos orientamos na cidade, seja por meio da orientação cotidiana em lugares conhecidos, ou da orientação quando a cidade é desconhecida.

A cidade é um organismo dinâmico que influencia e sofre influências das suas grandes forças constitutivas, sendo além de abrigo, palco das mais ricas impressões. Sua compreensão também se dará pela sua leitura.

Lynch preocupa-se com a legibilidade do ambiente visual, ou seja, com a aparente clareza da paisagem citadina. Conceito fundamental para a compreensão da visualidade urbana, esta legibilidade relaciona-se com a possibilidade de identificação de elementos passíveis de agrupamento em estruturas globais.

A imagem é produto da relação do observador com o meio, e portanto pode apresentar situações diferenciadas para diferentes observadores. Sua coerência pode surgir por familiaridade ao objeto, senso comum a um número significativo de membros e senso de orientação. Espacialmente, Lynch utiliza-se de cinco elementos para traduzir sua leitura: vias, delimitação ou limites, nódulos ou cruzamentos, elementos referenciais e regiões homogêneas ou

bairros. Analisa a imagem em três componentes: identidade (sua diferenciação em relação a um todo), estrutura (sua composição) e significado (conteúdo ou utilidade).

As *vias* possuem várias características: além de estruturas básicas de movimentação pela cidade definindo ou não eixos direcionais, podem ser identificadas por suas dimensões específicas, a concentração de usos, texturas, fachadas, eixos de visualidade, suas interligações com outros elementos, hierarquias.

> *"...toda a imagem de uma cidade se torna difícil se as ruas de maior importância são dificilmente identificáveis ou facilmente confundíveis..."*
>
> (LYNCH, 1988: 63)

Seus inícios e fins definidos facilitam a uma melhor clareza perceptiva, como também elementos que a desalinham de um sentido previsível.

Os *limites*, elementos lineares não identificados necessariamente como ruas, também possuem características identificáveis nos processos de composição da imagem citadina. Elementos que rompem ou delimitam o movimento, a direção, como por exemplo obstáculos naturais (rios, montanhas, lagos) ou artificiais (estrada de ferro, linhão de energia elétrica, estrada). Podem ser penetrados e apropriados, como por exemplo um parque no final de uma avenida, ou simplesmente negados, como uma estrada de ferro isolada do meio urbano por barreiras intransponíveis.

Os *bairros* são caracterizados como adensamentos urbanos organizados e identificados por elementos específicos que o diferenciam ou não de outros aglomerados. Esta identidade é caracterizada pela tipologia das vias, dos imóveis, das atividades, dos costumes e enfim da sua unidade temática.

É interessante perceber que nem sempre os limites oficiais dos bairros correspondem aos limites perceptivos. Alguns bairros podem ser introvertidos, ou seja, possuem características internas de níveis de relacionamento, ou extrovertidos, que relacionam-se mais claramente com outros segmentos da cidade.

Os *cruzamentos* são nós ou pontos estratégicos onde o observador pode participar e articular vias ou concentrações de características distintas ou não. Podem variar em escala, reduzindo-se a um cruzamento de vias ou de bairros. São pontos importantes onde pode-se mudar de direção. São focos para o movimento que perderá a linearidade.

Os *elementos marcantes* são os pontos de referência considerados longe ou fora do observador. Podem ser considerados como referenciais urbanos. Representa o isolamento de algo em relação ao todo, denota identificabilidade. São elementos de domínio visual e espacial. Pode ser o novo no velho, o sujo no limpo. Organiza a cidade e estabelece rotas para a movimentação. As pessoas deslocam-se por uma série seqüencial de elementos marcantes, e esta seqüência pode transmitir organização visual-urbana.

Estes elementos podem ser sintetizados no seguinte quadro:

Quadro VIII
Percepção urbana: Lynch

formas físicas	características	elementos
vias	*movimento*	*ruas, passeios, canais, linhas de trânsito*
limites	*interrupção de continuidades*	*rio, montanha, estrada de ferro, linhão, barreiras*
bairros	*aglomerado urbano com elementos comuns*	*regiões urbanas identificáveis*
cruzamentos	*síntese, acesso e foco do movimento*	*vias, centros polarizadores*
pontos marcantes	*referenciais urbanos, pontos diferenciadores*	*edifício, monumento, loja, vias*

Fonte: A imagem da cidade - Kevin Lynch

Estes conceitos não trabalham isoladamente, podendo estar constantemente interligados, se sobrepondo ou se anulando. Um elemento pode possuir vários atributos e possibilitar múltipla leitura, assumindo papel significativo na formação da imagem da cidade:

"... de tal modo, as vias exporiam e prepariam os bairros e ligariam os vários cruzamentos. Os cruzamentos ligariam e separariam as ruas, enquanto os limites separariam os bairros e os elementos marcantes indicariam os seus centros importantes. É a combinação total destas unidades que coneguiria uma imagem viva e densa e que a ajudaria a permanecer através de uma grande área metropolitana".

(LYNCH, 1988: 121)

A organização dos conteúdos imagéticos segue critérios específicos, recomendando-se primeiramente a apreensão das partes e posteriormente do todo. Tal relação não pode ser considerada fato absoluto, pois segundo o próprio Lynch, a apreensão da imagem muda de observador em observador, horário do dia, estação do ano.

O sentido de imagem pública, ou ainda imagem comum ou coletiva, é o melhor elemento para análise. As vias são muito importantes nos processos de organização de imagem e possibilitam sua apreensão sequencial. A identificação e conhecimento de estruturas urbanas também é importante elemento formativo de imagem.

A estrutura urbana, como entidade múltipla, polifuncional, dinâmica e passível de vários níveis de intervenção, gera formas distintas de apropriação e percepção de sua espacialidade. A compreensão das características formais do desenho da cidade representa um elemento significativo de sua apreensão perceptiva.

A paisagem ideal deve ser visível, clara, coerente. Manter o diálogo e manipular cientificamente elementos para a composição de sua imagem, compondo situações que propiciem homogeneidade e heterogeneidade de espaço e movimento.

Este dualismo é evidenciado na seguinte afirmação:

"...aumentar a imaginabilidade do meio ambiente urbano é facilitar a sua identificação e estruturação visual. Os elementos já mencionados - vias, limites, elementos marcantes, cruzamentos e regiões - são os blocos construtores no processo de construção de estruturas firmes e diferenciadas em escala urbana".

(LYNCH, 1988: 107)

Um primeiro elemento organizador dos processos perceptivos é a *rua*. Possuem continuidade, seqüência, hierarquia visual de significado:

> *"...as ruas (...) são elementos perceptuais contínuos. Este é o esqueleto da imagem da cidade".*
>
> (LYNCH, 1988: 108)

A percepção da rua é melhor e mais significativa por uma série de motivos: sua linha de deslocamento deve traduzir o objetivo do trajeto, o sentido do ir e vir; denotar uma progressão de fatos urbanos paralelos ou integrados à qualidade do movimento; possuir um sistema de orientação visual com cores, marcas ou sinais; propiciar mudanças claras e surpreendentes de espaço, sensações dinâmicas.

Os *limites* devem propiciar uma continuidade de desenho. Suas mudanças bem definidas geram impressões visuais fortes, delineadas. Seus pontos de apoio devem ser realçados pois deve e pode representar qualidade de forma e movimento.

A singularidade dos *pontos marcantes* é definida pelo seu próprio contraste com o contexto:

> *"... se pudermos identificar, quer ao longe quer ao perto, quer nos movamos devagar ou rapidamente, quer de dia quer à noite, tornar-se-á um ponto de apoio para a percepção do complexo e mutável mundo urbano".*
>
> (LYNCH, 1988: 114)

Se o ponto marcante for associativo, ou seja, com significado histórico, cultural, sua identidade será mais evidente, sua potencialidade perceptual mais marcante.

Os *bairros* devem possuir identidade: sinuosidade de seu traçado urbano, densidade de seus elementos compositivos, usos, tipologias construtivas. Os *cruzamentos* devem propiciar fortes impressões em suas mudanças de movimento, acessos a novas situações, focalidade.

Lynch ainda qualifica as formas, visando estabelecer critérios para apreensão e compreensão da perceptualidade urbana. Esclarece que esta qualificação não significa que os elementos identificados atuem com independência ou de maneira isolada. Participam integradamente, com alguns conceitos interligando-se e confundindo-se.

Quadro IX
Qualificação da forma

	atributo	*significado*	*função*	*exemplo*
1	*singularidade*	*particularidade, evidência dos limites e figuras de fundo, contraste*	*notoriedade, vivacidade*	*uma única e significativa torre*
2	*simplicidade de forma*	*forma simples para facilitar a apreensão*	*compreensão com um olhar*	*um volume simples*
3	*continuidade*	*continuação, ritmo, repetição*	*identificação de relações*	*rua, rio*
4	*predominância*	*distinção de parte entre partes ou todo*	*simplificação da imagem: omissão ou inclusão*	*verticalidade em bairro de imóveis térreos*
5	*clareza de ligação*	*visibilidade da ligação das partes*	*identificar pontos estratégicos*	*relação entre a costa marítma e a cidade*
6	*diferenciação direcional*	*assimetrias, mudanças de direção*	*estruturação*	*edifícios que rodeiam parque*
7	*alcance visual*	*possibilidade de visão*	*aumentar a eficiência da visão*	*colinas, horizontes*
8	*consciência do movimento*	*apreensão por movimento*	*melhorar a direcionabilidade*	*deslocamentos por indicações*
9	*séries temporais*	*percepção sequencial de elementos articulados conceitualmente*	*compreensão da sequência formal*	*tour em centro histórico*
10	*nomes e significados*	*características físicas reforçadoras da imagem*	*reforçar direção e identidade*	*nome de ruas, espaços*

Fonte: A imagem da cidade - Kevin Lynch

O conceito de qualidade ambiental para Lynch não refere-se apenas a situações que esclareçam movimentos e percursos. Apesar de considerados com grande importância, um ambiente deve também, além de manter significados e sentimentos existentes, estimular novas explorações e estabelecer condições que propiciem a comunicação dentre os diversos grupos e forças constitutivas da cidade.

Esta comunicação é fundamental, pois a área urbana é um organismo tecido pelo homem, produzindo-se e revendo-se constantemente. É cenário, ator e platéia de um grande número de pessoas com expectativas e percepções diferentes.

A metodização dos processos de apreensão da cidade enquanto unidade funcional do nosso meio, é identificada através da hierarquização estática, elemento dominante e a rede de seqüências.

Lynch demonstra especial atenção à seqüencialidade:

> *"... considerando o nosso modo de experiência presente numa área urbana grande, somos levados a pensar numa outra forma de organização. A organização da seqüência ou do modelo temporal".*
>
> (LYNCH, 1988: 126)

Sobre o desenvolvimento destas seqüências:

> *"...temos de procurar seqüências que não sejam apenas reversíveis mas também passíveis de interrupções, isto é, seqüências que conservem a imaginabilidade suficiente, mesmo quando interrompida em vários pontos..."*
>
> (LYNCH, 1988: 127)

Tanto a hierarquização estática, compreendida como a subdivisão da cidade em seus bairros e nós principais, como a identificação dos elementos dominantes, interpretados como polarizadores de fatos circunvizinhos, como a rede de seqüências não são considerados como os tradutores perceptivos mais adequados, mas modelos organizativos para apreensão das complexidades da forma metropolitana.

A aproximação perceptiva de Gordon Cullen

"...Uma cidade é, antes do mais, uma ocorrência emocionante no meio ambiente".

(CULLEN, 1990: 10)

O meio ambiente suscita reações emocionais. Este é o princípio básico que norteia a abordagem de Cullen. Considerando as inúmeras possibilidades emocionais que traduzem a cidade, o autor prioriza a visão como o principal sentido para a apreensão do urbano e o principal alimentador das reações emotivas.

A partir da visão é que nossos conteúdos de memória e conhecimento podem ser avaliados e rememorados. Os conceitos básicos para esta apreensão estão classificados em *movimento, local e conteúdo,* ou ainda, tempo, espaço e significado.

Por meio de um repertório de análise da paisagem, Cullen propõe-se a codificar esta apreensão em seus aspectos emocionais e reeducar nosso olhar através da descoberta de novos momentos e significados do fato urbano.

O movimento é sintetizado como a apreensão da paisagem pelo deslocamento. Como vocabulário, procura articular três situações básicas, mas fundamentais para a realização da percepção:

Quadro X
Cullen: Movimento

Conceito	*Significado*
Visão Serial	*Sucessão de situações visuais que provoquem impacto de ordem visual: surpresa, contraste, revelação*
Imagem existente	*Seqüência visual com pouco significado ou perdida no cotidiano*
Imagem emergente	*Organização de seqüências visuais com significado*

Fonte: Paisagem Urbana, Gordon Cullen

A percepção da nossa posição no espaço, também identificado como Local, está relacionada com situações emocionais. As ligações com o meio ambiente é um processo contínuo e instintivo, resultando em sensações de aberto/fechado, cheio/vazio, amplo/delimitado.

Os processos perceptivos podem desenvolver-se com uma melhor e mais adequada intelectualização de conceitos e princípios codificados. Esta situação pode originar um aprofundamento da compreensão da paisagem. Assim, os processos visuais de apropriação do espaço, que visa a satisfação de necessidades, visita os seguintes conceitos:

Quadro XI
Cullen: Apropriação do espaço

Conceito	*Significado*
Terntório ocupado	*Abrigo, sombra, conveniência, ocupação estática*
Apropriação pelo movimento	*Ocupação dinâmica*
Privilégio	*Linhas privilegiadas susceptíveis de ocupação*
Viscosidade	*Ocupação dinâmica e estática*
Enclave	*Espaços internos abertos para o exterior*
Recinto	*Espaço fim do movimento*
Ponto focal	*Símbolo vertical de convergência*

Fonte: Paisagem Urbana, Gordon Cullen

A apropriação do espaço aprofunda-se quando identificamos elementos de articulação entre o interior e exterior, seja por meio de elementos intermediários entre o externo e o interno ou por meio das nossas reações perante padrões pessoais de ocupação do meio ambiente.

Esta articulação fica evidente em dois momentos: quando a situação provoca a vista para o exterior de um recinto ou ainda a vista para o interior de um recinto, onde os conteúdos cognitivos podem conduzir a observação. Outro quadro básico de conceitos refere-se as sensações de distâncias e limites:

Quadro XII
Cullen: Distâncias e limites

Conceito	*Significado*
Recintos múltiplos	*Interceptação de vários recintos*
Edifício barreira	*Descontinuidade formal*
Espaço intangível	*Espaços permeáveis artificialmente (espelhos, transparências)*
Delimitação	*Limites de espaços ou recintos*

Fonte: Paisagem Urbana, Gordon Cullen

O conceito de Visão Serial é um dos apoios básicos de Cullen, bem como o sentido de *aqui* e *além*, definidos como nível de relacionamento entre distâncias e limites.

"O local que estou" pode ser identificado como o *aqui*, já o *além* é a sensação oposta. Estes conceitos relacionam-se com o paradoxo das idéias de distância e limite: a distância é percebida pelo limite e vice-versa, mas nem sempre quanto maior a distância maior o limite ou quanto menor o limite menor a distância.

A percepção visual da paisagem pode ser codificada em outros atributos da imagem urbana:

Quadro XIII
Cullen: Local

	Princípio	Significado		Subconceito	Significado
01	focalização	convergência			
02	truncagem	sobreposições			
03	desníveis	níveis desiguais			
04	entrelaçamento	relação espaço próximo-remoto	a b c	ligação/conexão via pedestre barreiras	pavimentos, obstáculos estrutura transitável acesso visual, não físico
05	silhueta	contornalidade			
06	perspectiva	visualidade	a b c d e	p. grandiosa divisão espacial p. velada p. delimitada deflexão	ligação primeiro plano - horizonte divisão igual do ângulo visual primeiro plano: ocultando e segundo plano: distância para contemplar edifício quebra de ortogonalidade
07	saliências	invasão/recuo			
08	acidentes	imprevistos			
09	pontuação	transição			
10	estreitamento	aproximação			
11	flutuação	amplo/limite			
12	ondulação	desvio de eixo			
13	delimitação	descontinuação			
14	recessão	escala diferente			
15	expectativa	atração			
16	infinito	horizonte			
17	mistério	preceder			
18	vão insondável	vão negro			

Fonte: Paisagem Urbana, Gordon Cullen

Perceber e analisar questões de paisagem urbana pressupõe um sentido de visão coletiva da cidade. A visão do conjunto urbano é mais significativa e forte que a de um fato isolado. Atributos de cor, textura, escala, estilo, natureza, personalidade, individualizam este fato coletivo denominando-se *Conteúdo*. A organização, coerência e identificação do conjunto de edifícios,

ruas e espaços suas constituições e relacionamentos são os elementos básicos formadores da paisagem urbana.

Em um primeiro momento, Cullen divide a abordagem de conteúdo em categorias tipológicas: metrópole, cidade, arcádia, parque, zona industrial, zona rural e solo virgem. Suas relações podem ocorrer por justaposição (relação direta entre duas categorias), imediaticidade (limites que impedem acesso à paisagem) e Identificabilidade (identidade inequívoca de suportes e elementos). A *identificabilidade* é vista como a etapa mais complexa de compreensão dos conteúdos em paisagem urbana. Cullen caracterizou os seguintes momentos:

Quadro XIV
Cullen: Elementos de identificabilidade

Princípio	*Significado*
Pormenores	*Detalhes*
Cidade secreta	*Estímulo à descoberta*
Urbanidade	*Elementos que sintetizam qualidade e caráter da vida urbana*
Complexidade	*Soluções espaciais que rompem com a obviedade*
Correção	*Soluções individuais esmeradas*
Rudeza e vigor	*Incompetência estilística pela força do construtor*
Extravagância	*Objetos extravagantes em relação ao entorno*
Exposição e isolamento	*Espaços vazios, grandes extensões, individualizações*
Intimidade	*Espaço que traduz pessoalidade*

Fonte: Paisagem Urbana, Gordon Cullen

Podemos reconhecer ainda como elementos de identificabilidade do meio urbano, a ilusão (simulações óticas), a metáfora (referências a outros contextos), o indício (evocação e clareza) e o animismo (características animais). Além desses, outros como omissão significativa (ausência de algo pressuposto), objetos significativos (mobiliário urbano), o edifício como escultura, geometria,

sobreposição de usos, contrastes, relações, escalas, distorções, publicidade, completam a análise de Cullen.

A função de determinados elementos do meio urbano possuem uma carga de significado que nem sempre traduz com a clareza devida, mas com a intenção adequada, o desenho citadino. Assim Cullen elenca algumas características onde a função impõe seu desenho: estruturas, gradeamentos, contrastes, degraus, texturas, informações. Estas características estão muito mais próximas da apropriação do urbano pelo cidadão que as propostas estruturadas por um desenho imposto.

Portanto, podemos afirmar que a síntese das proposituras de Cullen - função, movimento, local e conteúdo -, lastro conceitual de sua abordagem, estrutura um painel analítico fundamental para a compreensão de procedimentos claros e orientadores para o desenvolvimento de uma metodologia de abordagem da imagética urbana.

Estas considerações permitem ainda constatar um dos princípios fundamentais do pensamento de Cullen: a importância de identificar significados em situações imagéticas espaciais. Estes significados, organizados criteriosamente, fornecem as diretrizes fundamentais para a elaboração de um cenário teórico consistente para a identificação metodizada de um painel imagético urbano.

Parte II

A Palavra

São Caetano do Sul

Histórico da ocupação

No intuito de situar o Município de São Caetano do Sul em seu contexto histórico e social para fornecer um painel sintético que permita a compreensão de alguns fenômenos imagéticos e urbanísticos atuais, podemos localizar com clareza três momentos bem definidos e relacionados da história da sua ocupação: um primeiro momento, no século XVI, coincide com a colonização portuguesa em São Paulo. Um segundo momento, meados do século passado e princípio do século XX, relacionado à construção da ligação ferroviária São Paulo - Santos (*São Paulo Railway Company*), início da industrialização e chegada dos primeiros imigrantes, e um terceiro momento, Pós Segunda-Guerra, com a emancipação política do Município, a total ocupação de seu território, intensa urbanização e apogeu industrial.

Hoje São Caetano do Sul atravessa o final desse terceiro momento com a evidente mudança do seu perfil econômico. A transformação das características das atividades econômicas da região é percebida por meio de um simples passeio por áreas onde haviam, até o início desta última década, uma ocupação predominantemente industrial. Estas áreas hoje atravessam um rápido e intenso movimento de evasão industrial, transformando-se em supermercados, shoppings, escolas, entre outras atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços.

Assim, concordamos com Ademir Médici:

> "...a evolução industrial de São Caetano, se comparada ao restante da região do ABC paulista, atingiu seu ápice em 1940... a partir dos anos 60, até em função da falta de espaço físico, São Caetano teria, sempre em números absolutos, sua liderança econômica superada pelos municípios vizinhos... os últimos censos do IBGE mostram... várias grandes fábricas têm fechado ou deixado o município. Os poucos espaços desocupados da cidade são justamente os que guardam velhos pavilhões industriais abandonados."
>
> (MÉDICI, 1993a:31)

É um momento particularmente especial para a discussão a respeito do que foi gerado em termos de espaço e qualidade de vida neste terceiro momento. A cidade não possui áreas livres para expansão ou crescimento, áreas públicas de lazer ou de atividades culturais. Como compreender os movimentos que geraram essa situação e apontar diretrizes para uma reutilização destes espaços? O poder público pode e deve intervir?

Primórdios da ocupação: influência beneditina

O princípio colonizador português reproduziu seus modelos na região que futuramente seria São Caetano do Sul. A cidade não foi fundada como tal, a exemplo de São Vicente ou São Paulo. Suas primeiras manifestações de ocupação, meados do século XVI, estavam embasadas em três fatores: o fator econômico, sintetizado pela procura riquezas, como o pau-brasil ou o ouro em suas áreas teoricamente favoráveis, como por exemplo o vale do rio Tamanduateí. Não existem registros do sucesso de tal empreitada. Um segundo fator, o físico, pois o rio Tamanduateí percorre um trecho do Planalto, que representava uma das alternativas para a ligação São Paulo (rota para o interior) e São Vicente (rota para o exterior). O terceiro fator é a participação e a influência da Igreja, via presença jesuítica e a catequização da população indígena.

Foto II - Tropeiros paulistas. Óleo sobre tela de Nicola Petrilli. Fundação Pró-Memória

> *...uma das primeiras manifestações registradas de ocupação foi anterior a fundação da Vila de São Paulo, por moradores de Santo André da Borda do Campo, uma vila extinta, em 1560, com a transferência dos moradores e da Câmara para São Paulo.*
>
> (MARTINS, 1988: 9)

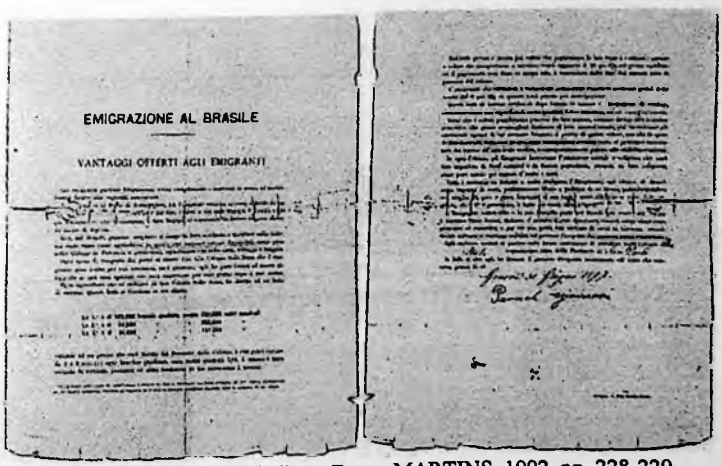
Afirmamos que a região não gerava interesse para o modelo português de exploração econômica. Não foi difícil a transformação das terras improdutivas em monastério por solicitação da Ordem de São Bento. Assim, em meados do século XVII, 1631, nasce a Fazenda São Caetano. A experiência beneditina em São Caetano do Sul possuiu dois grandes momentos: o primeiro, em 1730, através da limitação de suas atividades de divulgação e sedimentação de seus princípios pelas novas orientações políticas determinadas pelo Marquês de Pombal, e sua desapropriação em um segundo momento *"...pelo governo imperial em 1877 para a fundação de um núcleo colonial constituído por imigrantes italianos"* (MARTINS, 1988:9). A experiência beneditina nas terras que originariam o município de São Caetano do Sul dura exatos 246 anos.

As manifestações no Império:
São Paulo Railway Company e a Imigração

A história já nos interpretou com maestria a influência inglesa na política desenvolvimentista do Império, sendo importante analisar suas conseqüências físicas mais diretas em São Caetano do Sul, ou seja, a construção da ferrovia e a acomodação dos primeiros imigrantes europeus.

O século XIX já ia pela metade quando o Imperador D. Pedro II autorizou a construção da *São Paulo Railway Company*, atual Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que justamente cortava as terras da futura São Caetano do Sul. Sua implantação física no Município ocorreu às várzeas do rio Tamanduateí, em trecho plano e significativo.

Por ocasião ocorria a seguinte situação: a exportação do café e a importação dos produtos industrializados eram realizados pelos ingleses. A necessidade da formação de um mercado consumidor no Brasil para seus produtos inviabilizou a escravidão. Além desse fator, os problemas sócio-econômicos da unificação italiana criavam um quadro de condições favoráveis para as primeiras levas de imigrantes. Havia a subvenção do Império para sua viabilização.

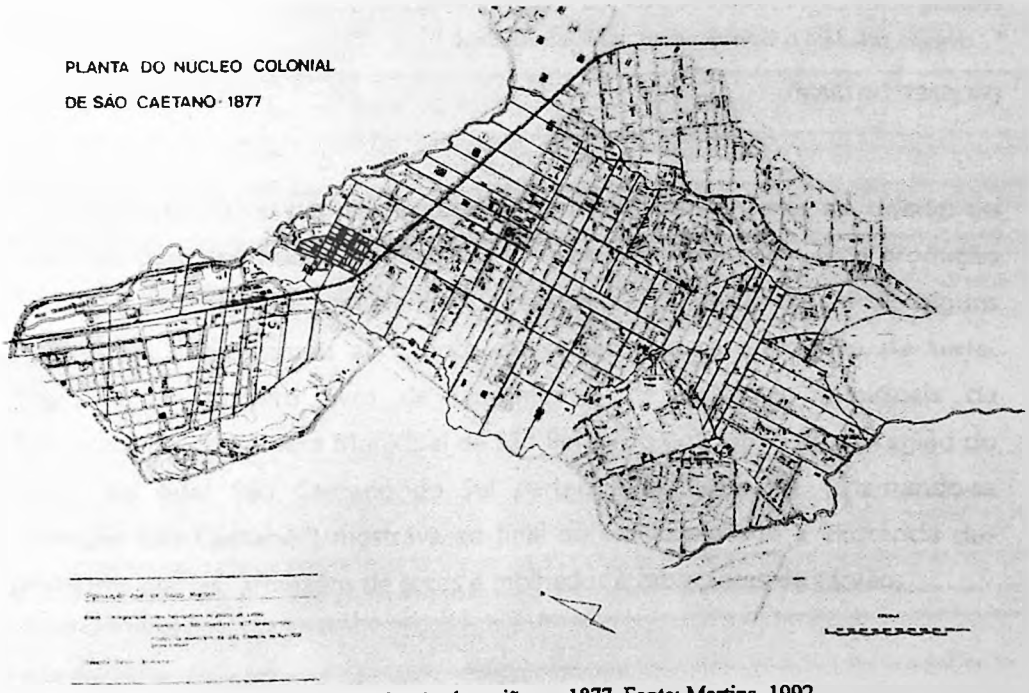

EMIGRAZIONE AL BRASILE

VANTAGGI OFFERTI AGLI EMIGRANTI

Folheto da emigração italiana. Fonte: MARTINS, 1992, pp. 228-229

Assim, os primeiros imigrantes chegaram em 1877 da região do Veneto, norte da Itália e se acomodaram em 93 lotes da extinta Fazenda São Caetano que já delineava os contornos atuais do município. O ponto de encontro desses imigrantes dava-se à Igreja da Fundação, onde hoje existe o bairro de mesmo nome.

Ao contrário dos imigrantes que se radicaram no interior de São Paulo e norte do Paraná, voltados a agricultura, os imigrantes italianos em São Caetano do Sul dedicaram-se inicialmente ao cultivo de uvas e fabricação do vinho. Posteriormente exploraram as terras argilosas da região, o que favoreceu o aparecimento de inúmeras cerâmicas e olarias que abasteciam o emergente mercado de construção da cidade de São Paulo.



Mapa I - Caracterização da região em 1877. Fonte: Martins, 1992

Segundo Martins:

> *"...o novo governador [da Província] manifestara grande oposição aos quatros núcleos instalados nos arredores de São Paulo, em 1877 (São Caetano, Santana, São Bernardo e Glória). Dirigia-se, por isso, aos fazendeiros mais importantes da província para que indicassem os lugares mais apropriados à transferência daqueles núcleos coloniais. Entendia que os colonos deviam ser assentados em localidades onde as colônias pudessem ser ao mesmo tempo, viveiros de mão-de-obra das grandes fazendas de café. Convém lembrar que a questão da imigração se propunha através de duas correntes de opinião. Uma delas preconizava a imigração como meio de desenvolver a pequena agricultura familiar do tipo europeu, que levasse à formação de uma classe média rural. Nessa linha, situava-se o governador anterior e por ela inspirado fora criado o núcleo de São Caetano e os outros três. Outra, entendia que a imigração subvencionada deveria produzir um fluxo de mão-de-obra para as grandes fazendas paulistas, para substituir o trabalho escravo..."*
>
> (MARTINS, 1992: 47)

Assim, ficou definido o modelo de ocupação imigrante da cidade, ou seja, um pequeno número de famílias em pequenas áreas, com uma produção local de subsistência com venda do excedente. A terra era fértil, alguns imigrantes dedicavam-se ao fabrico do carvão, outros ao cultivo da terra. Segundo o primeiro livro de lançamentos de impostos municipais da Procuradoria da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo (atual região do ABC), ao qual São Caetano do Sul pertencia politicamente (chamando-se "Estação São Caetano") mostrava ao final do século passado a existência das primeiras olarias, armazéns de secos e molhados e fabricantes de carvão.

A ocupação industrial: início do século XX

Ao longo da década de 1910, em termos regionais, São Caetano do Sul experimentaria um crescimento mais acelerado. Cresceu o número de suas olarias e de seus estabelecimentos comerciais. Principalmente, aumentou o setor industrial. Em 16 de setembro de 1911, a Câmara Municipal de São Bernardo (lei no. 95) cria uma política de incentivos fiscais que dava isenções de taxas municipais às indústrias que instalassem-se no Município.

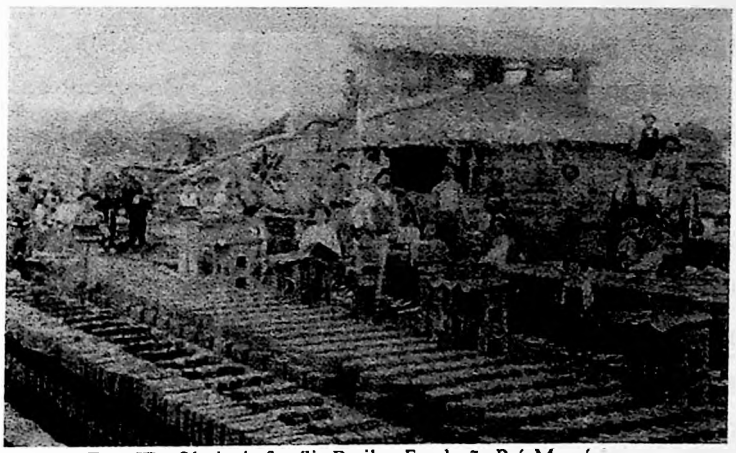


Foto III - Olaria da família Barile - Fundação Pró-Memória

Os resultados foram visíveis, e nos anos 20 São Caetano do Sul era o distrito de São Bernardo que mais arrecadava sendo superado somente por Santo André. A proximidade com o mercado de São Paulo e as facilidades de transporte eram fatores fundamentais. Neste período São Caetano do Sul vivia o apogeu das olarias. A produção de tijolos achava fácil mercado em São Paulo. Havia uma grande diversificação produtiva. As chácaras ribeirinhas estavam ocupando-se por atividades industriais. Em âmbito geral, São Caetano do Sul chegava em 1930 com um dos principais distritos do Município de São Bernardo. Mas, segundo Médici:

"... na verdade, o crescimento populacional e econômico de São Caetano não era acompanhado pelas obras mínimas de infra-estrutura. Não havia água encanada e esgoto".

(MÉDICI, 1993:59)

As primeiras chácaras, cujos títulos de propriedade foram fornecidos aos imigrantes com o fim do Império e início da República, agora estavam sendo loteadas. Não havia até 1929 lei municipal, estadual ou federal que disciplinasse a abertura de loteamentos. A falta de uma posição firme do governo foi um dos fatores responsáveis pela desorganização histórica da malha urbana. Os loteamentos eram criados a partir da divisão dos antigos terrenos dos assentamentos imigrantes, com rápida demanda em função do apogeu industrial da região. Havia energia barata e abundante em função da Usina Henry Borden, em Cubatão, alimentada pelas águas da represa Billings.

No final da década de 1930, a preocupação com o saneamento fica evidente em função de um surto de tifo que afetou toda a cidade. Como o distrito possuia uma alta participação na arrecadação municipal, e o descontentamento dos imigrantes com a dependência política de São Bernardo, que já mostrava sinais organizados para a concretização da emancipação política, levou São Bernardo a investir em água e esgoto, e ainda a disciplinar as fossas sépticas e os poços artesianos.

O movimento emancipacionista tomava corpo, mas era politicamente sufocado. Em 1944, o Estado Novo cria a nova divisão física da região, emancipando Santo André e atrelando São Caetano ao novo município. Talvez tenha sido este um grande incentivo aos ideais emancipacionistas, pois aí o nome "São Caetano" desaparece oficialmente e a região passa a ser conhecida como "Segundo Subdistrito de Santo André".

Ao longo da ditadura Vargas, a convivência da cidade com os prefeitos interventores foi pacífica, o que não impedia aos imigrantes de organizarem o movimento de emancipação. Havia simpatia popular pelo movimento.

O momento jurídico determinante do processo de autonomia ocorreu em 1948, onde um preceito constitucional assegurava que:

".. com assinatura reconhecida em cartório, o desejo de solicitar à Assembléia Legislativa a aprovação de plebiscito pela autonomia. O total de assinaturas deveria atingir o mínimo de 10% do total de habitantes."

(MËDICI, 1993:78)

Assim, ocorreu o plebiscito em 24 de outubro de 1948 e o distrito assegurou sua emancipação. Apenas como curiosidade, o então distrito de São Caetano, possuía 13 representantes eleitos (todos comunistas e de origem italiana) na Câmara de Santo André, o que também foi fundamental para o processo emancipacionista.

São Caetano do Sul é hoje a cidade mais conservadora politicamente do Grande ABC. Os partidos chamados de esquerda não elegem hoje mais de 10% dos representantes na Câmara. Nas eleições de 1996:

"...o Partido dos Trabalhadores elegeu 2 candidatos e os demais partidos (PFL, PMDB, PSDB, entre outros menores coligados) formaram a grande maioria da Câmara".

(Diário do Grande ABC, 7 de outubro de 1996)

Os anos 50

A migração interna e externa foi fundamental para a definição do perfil étnico da cidade. Além dos italianos, até então grande maioria, muitos refugiados de guerra instalaram-se no município, imigrantes de várias partes do mundo, operários especializados. O movimento migratório interno também era intenso, com a chegada de mineiros, paranaenses e principalmente nordestinos. A década de 1950 representou a continuidade da expansão industrial. A cidade já possuia 60.000 habitantes, a indústria automobilística se instalava na região.

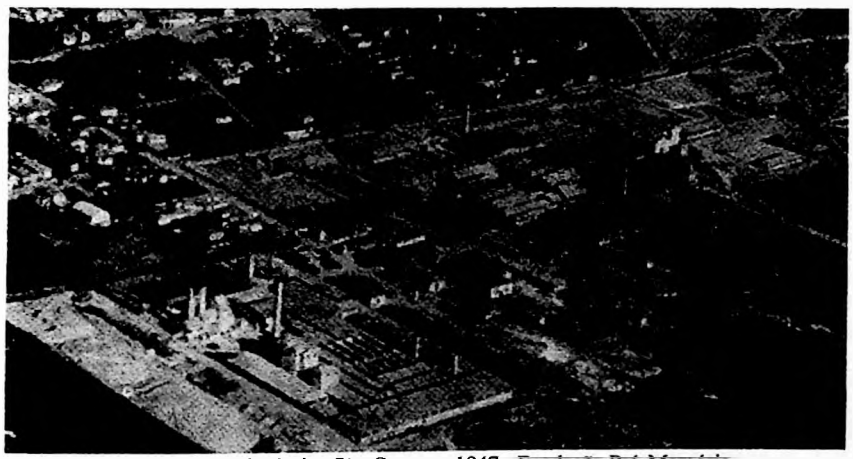


Foto IV - Cerâmica São Caetano, 1947 - Fundação Pró-Memória

Segundo Médici:

"... a leitura da legislação municipal de São Caetano ao longo da década de 50 deixa claro que a cidade tinha consciência de dois pontos: a) não possuía qualquer sentido de planejamento urbanístico; b) não tinha espaço para crescer mais.".

(MÉDICI,1993)

Em 1954 a cidade ganhou sua primeira lei de zoneamento, (que seria revogada em 1965) que dividia basicamente a cidade em três zonas: residencial, rural e finalmente comércio e indústria. Esta lei definia as áreas

ribeirinhas como preferenciais para a instalação industrial. A poluição já era grande e a cidade convivia com as inundações.

Assim, desde a década de 1950 a cidade já apresentava algumas características de ocupação que mantiveram-se até os anos 90, auxiliando a formação da imagem que a cidade possui. Basicamente podemos identificar a ocupação total de seu território, gerando falta de áreas para expansão horizontal. Hoje o município apresenta uma população aproximada de 100.000 habitantes, acomodados em 15 km2. Mas existe um diferencial: se na década de 50 a instalação industrial era o ponto focal da atividade econômica, hoje a cidade passa por um processo de evasão de suas indústrias com um aumento na arrecadação municipal da participação de comércio e serviços. Qual será a nova realidade de ocupação espacial? Como interpretá-la? O que o poder público pode fazer para garantir a melhoria das condições de habitabilidade da cidade? Quais critérios urbanísticos podem ser discutidos para garantir qualidade de vida e formação da imagem da cidade nesta nova situação econômica?

A primeira tentativa de organizar um processo de planejamento em São Caetano do Sul deu-se em 1968, resultando em um Estudo Preliminar de Plano Diretor. Tal tipo de estudo visava orientar sua elaboração de acordo com a metodologia então adotada pelo Serphau - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, e consolidada em publicação do CEPAM - Centro de Estudos e Pesquisas da Administração Municipal do Estado de São Paulo, intitulada PDDI (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado). Houve a entrega de tal documento à Prefeitura, que não utilizou-o para a confecção de um Plano Diretor.

Desde a emancipação, em 1948, diversas leis de ordenamento do uso e ocupação do solo foram criadas, assumindo o papel do Plano Diretor, porém nunca houve uma diretriz planejada que gerasse leis subsequentes.

Estruturação de uma economia urbana

Mesmo parecendo paradoxal, os investimentos ingleses durante o Império, representaram uma pré-ligação entre os setores público e privado, demonstrando ainda de maneira pouco identificada, resultados de uma incipiente possibilidade de parceria. O Estado criou condições mínimas de desenvolvimento de uma região articulada a um grande centro consumidor: São Paulo. Configurou-se um mercado local do tipo urbano/industrial por efeito da utilização da infra-estrutura dos grandes empreendimentos ingleses pelo setor privado.

Como exemplo, a *The San Paulo Railway Company* , atual Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, que além das linhas de subúrbio para passageiros, possui uma malha secundária fundamental para o atendimento de transporte ferroviário de inúmeras empresas do município, fundamental para a ligação entre São Paulo e o Porto de Santos.

A *The San Paulo Tramway Light and Power Company,* atual Eletropaulo, que construiu um sistema de alta tensão em áreas ribeirinhas e paralelas a rede ferroviária em São Caetano, criando condições para instalação de grandes pontos de consumo de energia elétrica. A construção da Represa Billings, no município de São Bernardo do Campo, que serve para a geração de energia na Usina Henry Borden, em Cubatão, Baixada Santista, alimentava as necessidades crescentes de consumo. Completando, a *The San Paulo Gas Company,* atual Comgás, que implantou uma rede de distribuição de gás industrial no município paralela à rede de alta tensão.

Além disso, o assentamento dos imigrantes na região não prestou-se à mão de obra rural. O Império forneceu glebas médias de 15.000 m2, lançando as bases de uma economia urbana. A proximidade do mercado consumidor da Capital, a existência de minas de argila, fundamental para a fabricação dos tijolos de barro, e as habilidades dos imigrantes, foram fatores básicos para uma primeira expansão industrial, com as olarias e cerâmicas, metalúrgicas, materiais de construção e a produção de alimentos.

Com a República, os imigrantes tornaram-se proprietários das glebas. Devido a uma conjunção de fatores, como por exemplo a necessidade de acomodar fisicamente a mão-de-obra que procurava emprego na região, a não necessidade de grandes terrenos para a atividade industrial, bem como a possibilidade de transformar a terra em Capital, viabilizou a subdivisão das glebas dos imigrantes em loteamentos com terrenos médios de 500 m2 e investimentos em urbanização e edificações.

Portanto, identificamos desde o início do século uma série de condições favoráveis para o desenvolvimento de uma economia urbana. Esta vocação foi determinada por investimentos públicos em infra-estrutura dirigida às possibilidades de um desenvolvimento industrial ainda incentivada pela proximidade do mercado consumidor paulistano.

Por outro lado, o descompasso entre os significativos investimentos públicos para a implantação de uma infra-estrutura industrial e a tímida participação do Município no desenvolvimento de sua infra-estrutura urbana, definiram seu perfil urbanístico básico: sua grande densidade determinada por loteamentos implantados pela iniciativa privada, ausência de uma política municipal que estabelecesse critérios normativos e orientadores de utilização do espaço urbano e as áreas de ocupação industrial situadas ao longo dos eixos de transporte e energia.

As primeiras intenções de implantação de uma política que visasse a orientação de densidades e tipologias de sua arrumação urbana ocorreram somente na década de 1960, com os espaços do município já praticamente ocupados em sua plenitude. Assim, este conflito básico entre os investimentos em infra-estrutura industrial e em desenvolvimento urbano, definiu o padrão atual de ocupação do Município.

São Caetano do Sul

Caracterização da região

O município de São Caetano do Sul possui características especiais: é um dos menores municípios do Brasil, com cerca de 15 km2. Densamente ocupado, com seus 140.000 habitantes, em 1996, e plenamente atendido de infra-estrutura básica, com 100% da sua extensão servida por água, luz, esgoto, pavimentação, limpeza pública, escolas, hospitais, entre outros serviços públicos, como verificaremos no desenrolar deste trabalho.

São Caetano do Sul possui alguns indicadores que evidenciam níveis especiais de instrução, renda e conforto de seus moradores:

Quadro XV
Distribuição de famílias por faixa de renda

Salários Mínimos	Até 03	03 a 06	06 a 10	10 a 20	20 a 30	Mais de 30	Sem inform.
%	12,9	20,3	16,2	23,2	6,7	6,8	14,9

Fonte: P.M.S.C.S./ 1991

Quadro XVI
Distribuição da população por grau de instrução - idade mínima 18 anos

Grau de instrução	Analfabeto	Alfabetizado	Primeiro Grau	Segundo Grau	Terceiro Grau
%	3,6	1,3	53,0	24,6	17,3

Fonte: P.M.S.C.S./1991

Quadro XVII
Distribuição de famílias segundo posses de bens e serviços contratados

Bens/Serviços	Automóvel	Telefone	Video Cassete	Geladeira	Empregada/Faxineira
%	68,9	62,8	55,4	95,5	21,6

Fonte: P.M.S.C.S./1991

Esta aparente situação estável revela sua fragilidade quando identificamos que a alteração do perfil econômico fundamental de São Caetano do Sul, então embasado na produção industrial e agora, por meio de novas dinâmicas econômicas voltadas ao consumo, gestão e troca, gera novos fatos urbanísticos: grandes espaços de ocupação industrial totalmente desativados, em áreas plenamente servidas de infra-estrutura urbana, possuindo grande valor imobiliário e localizados em regiões carentes de espaços públicos.

Além disso, o perfil do morador/trabalhador no mesmo município está se alterando. Segundo o Plano Diretor do Município (1991), as pesquisas *Origem/Destino* do Metrô revelava que um significativo número de pessoas moravam e trabalhavam no Município até o início dos anos 90. Com a migração industrial muitas famílias também mudaram-se. O Município perdeu cerca de 10.000 habitantes (aproximadamente 8% de sua população) de 1991 até 1996. Hoje, os principais geradores de emprego industrial não estão mais no município.

A evasão industrial não representou necessariamente uma queda no orçamento municipal, pois a Constituição de 1988 fortaleceu a atuação municipal em áreas de abrangência que antes eram federais ou estaduais. Por meio de gerenciamento e repasse de verbas e competências, como educação, saúde, infra-estrutura, entre outras, o orçamento municipal sofreu um sensível aumento.

Apesar desta breve contextualização delinear um município com futuras características de cidade dormitório, em contrapartida segundo a *Câmara Municipal dos Vereadores,* para o ano de 1997, a Prefeitura Municipal possuiu um orçamento de aproximadamente R$ 160.000.000,00, o qual representa um valor significativo para investimentos pelo porte e características do Município. Para o ano de 1998, o orçamento será de R$ 200.000.000,00.

Quadro XVIII
Esquematização preliminar da problemática abordada

1970 População: 80.000 hab.	1990 População: 150.000 hab.	2000 População: 130.000 hab.
Ocupação industrial: 20% do território do município. Grandes lotes	Evasão industrial: grandes lotes transformam-se em vazios ou serviços.	Proposta:
Interesse particular	Poder público: sem instrumentos legais eficazes para incentivar a permanência ou disciplinar novos usos.	***Plano de Ação:***
Poder público: instrumentos legais incentivando ocupação industrial.		
Comunidade: Espaços públicos/áreas livres: menor que 1% do território.	Comunidade: carente de áreas livres.	
Instituição: sem participação	Instituição: sem participação	***Revitalização e renovação urbana por meio da identificação do perfil imagético do município***

Fontes: IBGE, P.M.S.C.S.

Mapa II
Caracterização da região

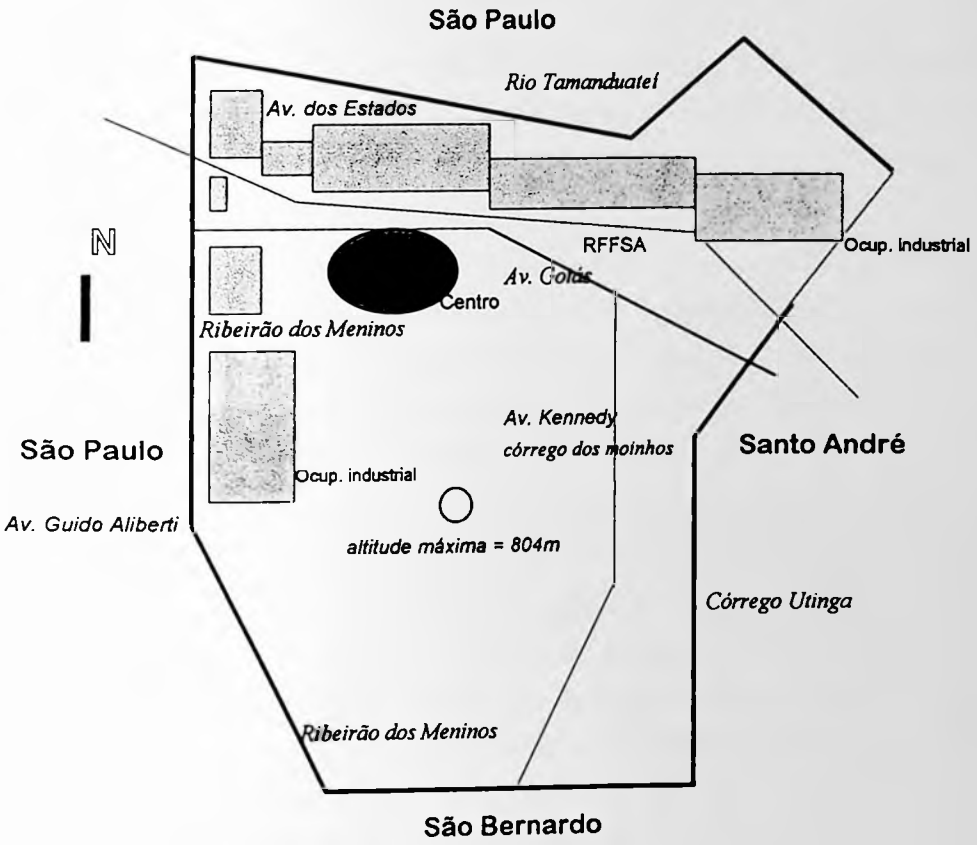
Região Metropolitana de São Paulo/Sub Região Sudeste
Apresentação s/ escala . Fonte: Emplasa

Quadro XIX
Apresentação básica

	Brasil	Grande São Paulo	São Caetano do Sul
Area (km2)	8.511.996	8.051	15
População	146.154.502 (1991)	15.994.981 (1991)	140.000 (1996)
Crescimento Demográfico Anual (%)	1,93	1,86	-1,32

Fonte: Emplasa/IBGE/Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

Mapa III
São Caetano do Sul: representação esquemática



Quadro XX
Painel físico-legal

Dados Gerais
Criação Legal: 24 /12/1948, lei estadual no. 233/48, por desmembramento do município de Santo André
Dados Naturais: Latitude: 23o 36'30 " S Longitude: 46o 33'20" W Área: 15,27 km2 Altitudes: Máxima: 804,0m Mínima: 733,0m Amplitude topográfica: 71,0m Bacias Hidrográficas: Sub-bacia do Rio Tamanduatei....3,86 km2 Sub-bacia do córrego Utinga...1,25 km2 Bacia do córrego do Moinho. .....3,71 km2 Sub-bacia dos Meninos.....6,45 km2 Clima: tipo "C" (Köppen), sub-tropical de latitudes médias. Ventos dominantes: de sul e sudeste
Limites: São Paulo, W e N (14,41 km.); Santo André, E e SE (13,11 km.); São Bernardo, S e SW (4,13km.) Distância Rodoviária à Capital (menor percurso ao Marco Zero, na Praça da Sé): 11,0 km

Fonte: Emplasa/IBGE/PMSCS

Parte III

O número

Panorama básico

A compreensão das questões que envolvem o município de São Caetano do Sul evidenciam-se na análise de sua conjuntura metropolitana. Uma série de assuntos são identificados por meio de um complexo jogo de relações urbanas estabelecidos na Grande São Paulo.

A Grande São Paulo, também chamada Região Metropolitana da Grande São Paulo, é constituída pela Capital, São Paulo, mais 38 municípios, onde 16 milhões de pessoas (1993) convivem em pouco mais de 8.000 quilômetros quadrados. Este complexo de municípios vivenciam questões comuns, cuja problemática passa por soluções conjuntas ao coletivo de vários municípios.

Assim, as características regionais do município possibilitaram a presença e atuação dos diferentes organismos desde os níveis estaduais até federais. Por meio da análise do Plano Diretor, identificamos esta atuação e função regional por meio da rede do transporte ferroviário, da Companhia de Energia Elétrica - a Eletropaulo Metropolitana - Eletricidade de São Paulo S.A. -, os depósitos da Petrobrás - Petróleo do Brasil S.A. -, das autarquias de provimento de água da Sabesp - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo -, da via municipal e a drenagem básica via fundos de vale. Mas as questões de alcance regional observam um alcance mais amplo, e são fundamentais para as características de organização do espaço do Grande ABC.

Porém, questões fundamentais, como por exemplo, destinação final e tratamento do lixo industrial e doméstico, programas de despoluição e transportes no âmbito regional, a questão dos esgotos, as enchentes nas regiões fundo de vale, ainda são problemas de solução onerosa e difícil gerenciamento, conforme veremos em seguida.

Esta situação leva o município a atravessar um impasse administrativo que é claramente observado mesmo pelo olhar menos atento. As questões regionais, talvez por falta de instrumentos específicos de resolução, ou ainda por possuir uma maior e mais complexa área de abrangência, ficam dependentes de ações estaduais. As questões locais de São Caetano do Sul,

mostram agilidade e rapidez nas respostas em função da alta capacidade financeira propiciada pela ainda significativa base industrial do município, gerando ações percebidas e influenciantes por toda a comunidade.

A pequena extensão do município e a razoável receita orçamentária permite uma rápida e precisa atuação do poder municipal, especialmente direcionado aos equipamentos sociais e serviços municipais. Assim, por exemplo, o município possui um eficiente sistema de esgotos, com 100% dos domicílios atendidos, mas deposita os efluentes no Ribeirão dos Meninos e Rio Tamanduateí, pois o Estado ainda não finalizou as obras da Estação Regional de Tratamento.

Este fato mostra enfim que existem problemas e carências crônicas na participação do Estado no município. Não só esta questão do tratamento de esgoto sanitário, mas também o abastecimento de água é deficiente. A Sabesp centraliza a captação e o tratamento, constituindo-se na maior empresa do mundo neste tipo de serviço, e não responde com eficiência às questões do município. São Caetano do Sul respondeu por meio da perfuração de poços artesianos em vários pontos do Município.

A drenagem urbana e a prevenção e controle de enchentes constituem outros exemplos. Por servir-se basicamente da sub-bacia do Ribeirão dos Meninos, que deságua na Bacia do Tamanduateí, as regiões ribeirinhas de São Caetano sofrem periódicas inundações. O Estado não vem realizando os serviços necessários para amenizar esta situação. O município procura adotar a solução dos grandes reservatórios subterrâneos em áreas ribeirinhas para evitar sua colaboração no volume de água, além de mapear os pontos altos que mais contribuem, formando um sistema que utilize a rede urbana de drenagem pluvial em toda sua capacidade.

O caráter regional dos transportes metropolitanos também mostra as deficiências da atuação do Estado. O deslocamento de pessoas é muito problemático. Existe, para o transporte de massa, a CPTM - Companhia Paulista de Trens Metropolitanos -, que utiliza os trilhos da antiga Santos-Jundiaí, mas o tempo de espera entre composições é de aproximadamente 20 minutos, intolerável para um sistema de transporte regional de massa. As vias regionais mais significaticas são as de fundo de vale, as marginais, e as estradas que vão

ao litoral e interior, que vivem constantes congestionamentos em seus trechos metropolitanos e ainda sofrem na época das chuvas.

O tratamento e disposição final do lixo urbano começam agora a ter uma discussão mais efetiva. Em relação a tipologia adotada no tratamento do destino final do lixo regional temos, como fator de grande preocupação, a situação dos aterros sanitários regionais, que estão próximos dos limites da exaustão.

Em virtude deste impasse, bem como das questões relativas as ocupações clandestinas na área de proteção dos mananciais à beira da Represa Billings, os municípios organizaram-se via Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, entidade criada pelos prefeitos da região no início dos anos 90, que tenta coordenar ações conjuntas para problemas comuns.

A entidade já coordena junto à Secretaria Estadual de Meio Ambiente as questões relativas à nova legislação de ocupação da Área de Proteção dos Mananciais, bem como entre suas inúmeras propostas, estuda a viabilização da solução integrada do problema do lixo.

Enfim, as soluções para os problemas regionais caminha para soluções integradas entre o Estado, a União e o Grande ABC. As propostas de um órgão regional, como o Consórcio, que coordene ações para problemas comuns, estrutura-se como a mais adequada. Ainda existe o impasse sobre o gerenciamento das verbas das intervenções sugeridas pelo Consórcio, que por enquanto é de competência das prefeituras, mas estuda-se juridicamente a possibilidade da entidade propor soluções acordadas pelas prefeituras, viabilizar empreendimentos comuns e gerenciar os recursos municipais, estaduais e federais para este fim.

Segundo informações da direção do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, o modelo francês de Consórcio de Municípios parece ser o orientador do processo de sua organização: os consórcios possuem verbas para intervir e autonomia para gerenciar, não sendo somente regionais, sendo também temáticos, como por exemplo, investidor em turismo, comércio, revitalização, fontes alternativas de energia, poluição do ar, etc. Ainda segundo a mesma

fonte, na França, existem hoje mais de 17.000 consórcios municipais. No Brasil, este número mal chega a 20.

Podemos observar a posição relativa do município na seguinte tabela:

Tabela I
Indicadores de posição e participação regional

Município de São Caetano do Sul

INDICADOR (Tipo) • • INDICADOR (Valores)

Participação (%) • Posição (Ranking) Regional/Sub-Regional

no	Descrição	S/ total Região	S/ total Sub-Região	VALOR ACUSADO NO MUNICÍPIO	Colocação Região	Colocação Sub-Região	Qualificações Complementares
01	Area	0,2	7,3	12,0 km2 (Legal) 15,0 km2 (Exato)	38o./38	7o./7	-
02	População residente (SEADE,1990)	0,7	5,8	128.295 hab.	14o./38	5o./7	-
03	Pop. Econ Ativa (SEADE,1990)	0,8	6,3	68.531 hab.	12o./38	5o./7	-
04	Eleitorado	1,3	9,4	121.117 els.	10o./38	5o./7	-
05	Veículos Cadast. (1990)	2,2	16,1	94.119 unid.	5o./36	3o./7	-
06	En. Elétrica Consumo 1989	2,3	10,6	791.228 mwh	6o./38	3o./7	-
07	En. Elétrica Cons Ind 1989	3,5	10,7	607.844 mwh	8o./38	3o./7	-
08	Receita Orçam Total 1989	1,4	9,7	NczS 136.955.880,29	7o./38	4o./7	-
09	Receita Orçam Per Capita/89	-	-	NczS 1.036,28	/38	/7	Pop/89 132.161 habitantes
10	Area Urbaniz. Cresc 19 74/87	-	-	0,00 km2	38o./38	7o./7	máx reg SP = 104 máx s/reg SBC = 20
11	TGCA* Pop. 1990/1980	-	-	-2,37%	38o./38	7o./7	máx. reg Embú = 13,00 máx. sub/reg Diadema=7,59
12	TGCAEn Elét. cons. total 1989/90	-	-	-0,95%	38o.38	7o.7	máx reg Pir B. J. = 21,14 máx s/reg Diadema = 8,03
13	TGCA* Telef. 1989/85	-	-	2,64%	19o./38	6o./7	máx. reg. Juquitiba = 24,39 máx. s/reg Mauá = 6,63
14	TGCA*Valor Adicionado 1989/90	-	-	-1,94%	32o./38	5o./7	máx. reg. Barueri = 17,36 máx. s/reg. R. G. Serra=5,46
15	TGCA* Rec. Orçamentária 1989/1980	-	-	1,49%	34o./38	6o./7	máx. reg. Barueri=22,82 máx. s/reg. R.G.Serra=7,74

(*) Taxa geométrica de crescimento anual. Fontes: Emplasa, Seade.

População

São Caetano do Sul atravessa hoje um momento singular, mas previsto, do seu perfil populacional: diminuição e envelhecimento da população em relação ao início dos anos 90. Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, São Caetano do Sul perdeu 10 mil moradores entre 1990 e 1996. O decréscimo populacional chegou a 6,3%. O número de habitantes caiu de *149.519* para *140.007*, conforme contagem realizada em 1995.

Ainda segundo o IBGE, São Caetano do Sul será o único município do Grande ABC a possuir crescimento negativo, e ainda tudo isso relacionado ao esgotamento da urbanização, que eleva o preço do m2. na cidade, bem como à evasão industrial, responsável pela geração de empregos. São Caetano do Sul ainda responde pelo maior índice de idosos da região metropolitana, 12,4% dos habitantes em 1991.

Desde 1980, a cidade já perdeu 23 mil pessoas, e deve se preparar para este novo perfil mais idoso. Segundo as projeções do IBGE, existe a possibilidade da continuação da diminuição e envelhecimento da população, estabilizando-se em 135 mil habitantes na virada do século.

Atividade econômica, emprego e renda

Tendo como base os levantamentos do Plano Diretor de 1991, fica evidenciada a tendência de mudança da atividade econômica principal nestes anos 80. Existe uma estabilização do setor secundário (cerca de 500 unidades) com um início de diminuição do número de atividades industriais. O setor terciário (em torno de 2400 unidades) apresenta crescimento constante até a década de 1970, retomando na década de 1990. Apenas como curiosidade, o setor primário encontra-se virtualmente extinto desde a década de 1960.

Em relação ao emprego, a atividade secundária possuia no início dos anos 80, cerca de 30 mil colocações. Este número vem diminuindo, devendo estabilizar-se em 25 mil colocações.

Foto V - Rua Santa Catarina - centro comercial

O setor terciário cresce aceleradamente. Em 1988, a oferta total emparelha-se a oferta do secundário, em 30 mil colocações. Existe uma estabilização do subsetor Comércio (25%) e uma efetiva participação do subsetor Serviços (75%).

Os perfis evolutivos delineados apontam a uma efetiva cristalização do setor terciário como atividade econômica significativa e gerador de empregos. Segundo o Plano Diretor:

> *"...o perfil de São Caetano do Sul, em sua atividade econômica, estaria próximo de radical mudança, com a passagem do setor terciário à posição hegemônica no contexto da economia local."*
>
> (PLANO DIRETOR, 1991:46)

A tipologia industrial é formada por um parque relativamente bem concentrado de unidades e gêneros, que possibilitou uma situação de estabilidade econômica graças a sua pluralidade. A falsa imagem que o município só concentra metalúrgicas e montadoras automobilísticas é facilmente questionada por uma simples leitura da cidade: indústrias alimentícias, químicas, eletromecânicas, moldes, etc.

Também do ponto de vista do porte das empresas em relação ao emprego, verifica-se que, conquanto majoritárias por ampla margem quanto a estabelecimentos, as micro e pequenas empresas oferecem empregos em nível bastante baixo, enquanto as médias e grandes unidades, em números reduzidos de estabelecimentos, respondem por substancial parcela da oferta de empregos. As grandes indústrias (produtos de minerais não metálicos, metalurgia e material de transportes) oferecem 75% dos empregos no município.

A pesquisa *Origem e Destino, Metrô 1987*, mostra que aproximadamente 50% da população total do Município, possui tempo de residência igual ou superior a 10 anos. Além disso, configura-se mais como polo de atração para contingentes externos em função de empregos que como exportador de mão de obra. É maior o número de pessoas que vêm à São Caetano do Sul trabalhar que o número de pessoas que saem do Município para o trabalho. São Caetano do Sul provê em seu território a porção majoritária de emprego demandado por sua população.

A oferta de empregos em 1980 correspondia a aproximadamente 70% do total da população economicamente ativa do município. Isto não caracteriza desemprego, pois uma parte da mão de obra local emprega-se em outros municípios da sub-região. Segundo o Plano Diretor, os níveis de emprego devem manter-se e aumentar.

As características básicas da situação da renda em São Caetano do Sul mostram que o município possui uma estabilidade juntamente com uma tendência de aumento desta renda. É o município com maior tempo médio de residência da Sub-região Sul (47% do total dos municípios com 10 anos e mais, segundo o Plano Diretor). Esta situação parece coadunar-se com a alta

renda média familiar, onde praticamente 1/3 das famílias residentes possuem renda familiar acima de R$ 21.000,00/ano.

O Plano Diretor ainda aponta para uma melhor distribuição de renda local. Existe também a saída do Município das populações de menor renda em função dos valores de aluguel bem como a entrada concomitante de famílias de maior poder aquisitivo. Segundo a Emplasa, praticamente 50% dos empregos ainda são gerados pela indústria e 45% ligados ao comércio e serviços, com tendências de inversão em função da evasão industrial e do crescimento do setor de comércio e serviços.

Utilização do solo e valor da terra

São Caetano do Sul possui características bem particulares de utilização do solo. Basicamente a cidade possui um cinturão industrial localizado as margens dos rios Tamanduateí e dos Meninos, bem como ao redor da estrada de ferro e das linhas de alta tensão e gás, que ocupam praticamente 20% da área do município. A região mais verticalizada é o centro da cidade (10%), que concentra as atividades de comércio e serviços. Os outros 70% são bairros de uso misto, com pouca verticalização, bem servidos de infra-estrutura.

A cidade está desde a década de 70 praticamente com 100% de suas áreas ocupadas, bem servida de infra-estrutura, com bons índices de equipamentos sociais (escolas, hospitais). É uma cidade estável, com pouca mobilidade de mudança de moradias. Uma classe média bem estabilizada domina fisicamente a cidade morando com confortos, como telefones, apararelhos eletrônicos, automóveis, etc. Segundo imobiliárias da região, o preço do terreno e dos aluguéis são os mais altos da sub-região sul. A população mais humilde, aproximadamente, 3% do total, vive em habitações coletivas particulares, os "cortiços". Não existe nenhuma política pública de habitação.

O padrão predominante da tipologia habitacional são os tradicionais sobrados de aproximadamente 200 m2., sem uma boa qualidade de espacialidade, mas com bons materiais de revestimento e acabamento. A legislação de construção é muito restritiva e constantemente burlada. A Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul admitiu que mais de 60% das unidades construtivas estão irregulares, construindo além do permitido, bem como, desenvolvendo atividade não permitida para aquela área. Um exemplo de como o código de usos do Município é burlado: o munícipe abre a micro-empresa (que pode ser em qualquer endereço) e monta sua atividade em qualquer lugar do município. Como a Prefeitura não possui uma estrutura eficiente de fiscalização, muitas vezes esta atividade assume ares de perenidade.O código de obras é praticamente compilado do código Arthur Saboya, com mais de 40 anos de uso no Município de São Paulo.

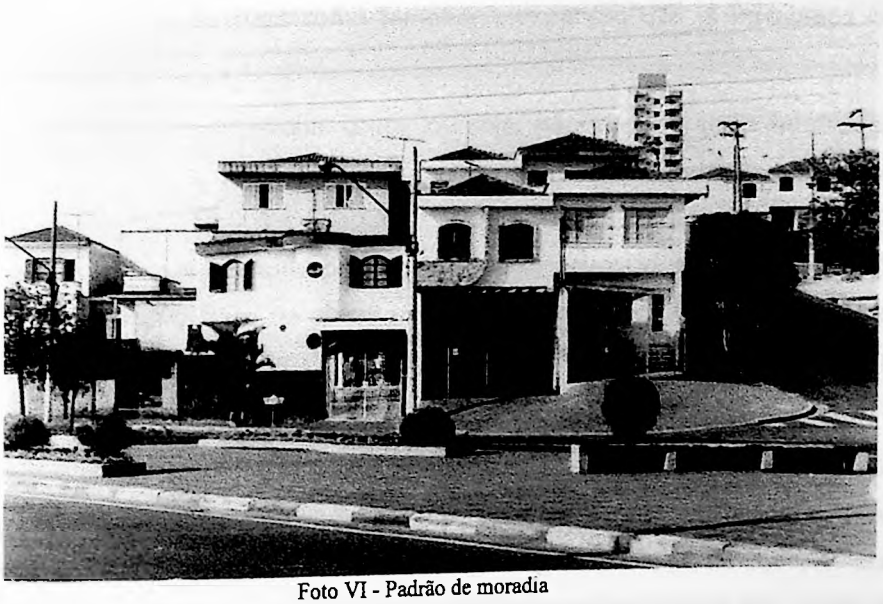


Foto VI - Padrão de moradia

Apesar disso, o Município é muito atraente para se morar, atraindo constantemente empreendimentos habitacionais (edifícios de alto padrão) bem como toda uma rede de apoio e serviços.

Em função de seu histórico de ocupação, caracterizado pela tímida existência de critérios tipológicos e padrões de ocupação (como por exemplo a preferência de ocupação das áreas ribeirinhas por atividades industriais), bem como por sua pequena extensão territorial e ainda pela política imperial de ceder pequenos lotes aos imigrantes, que futuramente na República, redividiram em função de seus interesses, funcionando como capital para a incipiente industrialização, o município apresenta-se hoje todo urbanizado e com inúmeras funções conflitantes dividindo o mesmo espaço, como por exemplo algumas fábricas vizinhas de edifícios residenciais. Não possui áreas livres, todas as ruas são pavimentadas, com rede de água, luz, esgoto, coleta de lixo.

Esta situação praticamente esgota a localização de novos empreendimentos industriais como também a expansão dos já instalados no município.

A densidade habitacional bruta, ou seja, não considerando fundos de vale sem urbanização, sistema viário e faixas de domínio de alta tensão, é de aproximadamente 10.000 habitantes por km2, caracterizando alto adensamento. Com o território praticamente todo ocupado, existe carência de áreas para expansão física de assentamentos habitacionais. A oferta adicional de espaços passa sem dúvida alguma por um aumento de aproveitamento dos terrenos existentes, ou seja, aumento de potencial de construção.

Além disso, pelo fato da cidade oferecer uma eficiente infra-estrutura básica, bem como uma boa rede de prestação de serviços, aliados a bons índices de qualidade de serviços públicos (segurança pública, iluminação, coleta de lixo, etc.) assim como a proximidade das regiões mais nobres de São Paulo, e ainda a falta de oferta de terrenos, cria uma elevação do preço médio dos mesmos, inviabilizando o processo de expansão física de indústrias, mas oferecendo condições para o lançamento de empreendimentos residenciais de alto padrão, shoppings, etc.

Segundo informações do CRECI - Conselho Regional de Corretores de Imóveis - local, com dados de março/97, o valor médio dos terrenos varia de R$ 300,00 a R$ 800,00 por metro quadrado, sendo praticamente do dobro ao triplo do valor dos municípios vizinhos da sub-região sudeste e dos bairros limítrofes paulistanos.

Finanças públicas municipais

Segundo a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, desde o início dos anos 80, os valores absolutos do orçamento do município vêm sofrendo aumentos de receita. Paradoxalmente, mesmo com o êxodo industrial presenciado nos anos 90, que representaria uma potencial diminuição de arrecadação, as Constituições Federal e Estadual garantiram a diminuição da influência da União e do Estado nas questões municipais.

Consequentemente houve o fortalecimento dos municípios, que passaram a gerenciar por meio da transferência de recursos e competências, questões relativas à Saúde, Saneamento, Educação, Infra-estrutura entre outros serviços.

Segundo a Câmara dos Vereadores, o orçamento municipal para o exercício de 1997 é de R$ 160.000.000,00. Nestes valores, estão considerados os recursos próprios, como por exemplo a receita tributária arrecadada (IPTU, ISS, ITBI, IVVC entre outros) bem como as transferidas pelo Estado e União (FPM, Imposto de Renda, ICMS, IPVA entre outros).

Comparativamente, poderemos observar no seguinte quadro a posição de São Caetano do Sul em relação aos outros municípios do Grande ABC, ou ainda, Sub-região Sudeste:

Tabela II
Quadro comparativo: Área, População, Receita (1996) - Sub-região Sudeste

	Área (km2)	População	Receita	Receita/População	Receita/Área
Santo André	179	615.000	620.000.000	1.008,13	3.463.687,15
São Bernardo do Campo	411	570.000	700.000.000	1.228,07	1.703.163,02
São Caetano do Sul	**15**	**140.000**	**160.000.000**	**1.142,86**	**10.666.666,66**
Mauá	67	295.000	234.000.000	793,22	3.492.537,31
Diadema	32	305.000	215.000.000	704,92	6.718.750,00
Ribeirão Pires	107	85.000	6.000.000	70,58	56.074,76
Rio Grande da Serra	33	30.000	1.200.000	40,00	36.363,63

Fontes: Prefeituras, Seade

Conforme podemos observar, mesmo não possuindo os maiores orçamentos absolutos, São Caetano do Sul apresenta a segunda maior receita municipal disponível por habitante e a primeira por área de seu território.

Vejamos este outro quadro, onde evidencia-se a relação entre a arrecadação tributária e a receita municipal. Praticamente 30% da arrecadação é local e os outros 70% vêm das transferências da União e do Estado.

Tabela III
Receita Orçamentária Arrecadada, 1991, (%)

	Tributária	Patrimonial	Serviços	Transferências		Operações de Crédito	Outras
				Estado	União		
Santo André	28,4	6,5	16,7	39,2	6,5	-	2,7
São Bernardo do Campo	17,2	20,1	1,5	46,1	4,2	1,8	9,2
São Caetano do Sul	**22,0**	**8,0**	-	**58,7**	**8,2**	-	**3,0**
Mauá	7,0	0,5	0,3	64,5	7,3	9,7	10,7
Diadema	19,2	7,1	0,1	58,6	7,1	6,0	1,9
Ribeirão Pires	18,6	0,5	-	50,2	16,8	0,3	13,7
Rio Grande da Serra	10,3	1,2	-	52,1	35,1	-	1,4

Fonte: Seade

É interessante perceber no próximo quadro que, dentro dos perfis específicos de arrecadação municipal, as taxas de participação do IPTU são baixíssimas e em contrapartida, as taxas de participação do ISS são muito significativas, fato confirmado pelos baixos valores do IPTU cobrado em São Caetano do Sul:

Tabela IV
Receita Tributária Arrecadada, 1991, (%)

	IPTU	ITBI	IVVC	ISS	Contribuições de Melhoria	Taxas
Santo André	53,1	4,9	4,4	27,9	0,1	9,6
São Bernardo do Campo	25,8	4,5	4,7	31,9	-	33,1
São Caetano do Sul	**0,4**	**2,3**	**5,0**	**68,3**	-	**24,0**
Mauá	41,4	2,2	12,7	32,2	2,4	9,1
Diadema	46,5	4,1	4,9	26,2	16,1	2,3
Ribeirão Pires	29,1	4,9	10,3	19,5	4,2	32,1
Rio Grande da Serra	3,2	3,2	2,5	6,6	21,0	29,2

Fonte: Seade

As transferências do Estado e da União ainda representam as grandes fontes de arrecadação municipal seguem a seguinte disposição:

Tabela V
Transferência da União e do Estado,1991, (% do total)

	União				*Estado*			
	FPM	Imposto de Renda	IPTR	Outras	ICMS	IPVA	IPI	Outras
Santo André	2,33	2,69	-	1,49	36,85	1,61	0,47	0,24
São Bernardo do Campo	1,46	2,68	-	0,05	43,43	2,07	0,60	-
São Caetano do Sul	**6,21**	**1,92**	-	**0,06**	**54,60**	**3,35**	**0,76**	-
Mauá	5,49	1,81	-	-	61,21	0,45	0,77	2,06
Diadema	4,67	2,42	-	-	57,08	0,41	0,70	0,35
Ribeirão Pires	14,94	0,32	0,05	1,50	47,49	1,66	1,05	-
Rio Grande da Serra	30,54	0,25	0,04	4,28	27,30	0,52	-	24,28

Fonte: Seade

Em uma breve análise, percebe-se que os municípios menos desenvolvidos da sub-região sudeste, além de ainda possuir áreas de produção rural, possuem uma maior ligação com a União que com o Estado. Para nosso estudo, São Caetano do Sul possui no ICMS, imposto estadual, sua maior fonte de recursos.

Convém também perceber que o IPVA é sua terceira maior fonte, com 3,35% do total transferido. Apenas como curiosidade, este valor representa aproximadamente no orçamento municipal R$ 500.000,00/ano, ou o equivalente a uma construção de uma escola de 1.000 metros quadrados de área construída.

Equipamentos sociais e infra-estrutura

Em relação ao panorama educacional local, o Município possui uma extensa rede de estabelecimentos, entre públicos e privados que atendem toda a população local, bem como alguns alunos da região. A pré-escola (creches e maternais) ganhou menção da UNESCO, em 1992, como a melhor rede em qualidade de ensino de pré-escolas do Brasil. A oferta de vagas é adequada ao número de alunos (5200 vagas), distribuídas em 36 escolas, sendo muito comum a necessidade de remanejamentos em função da distribuição dos prédios. Como a cidade é relativamente pequena, este fato não causa grandes transtornos.

O primeiro e segundo graus são praticamente de competência do Estado, mas já vem sendo municipalizados dentro dos padrões de qualidade das escolas privadas. Até o ano 2000, a Prefeitura deve municipalizar todo o processo (24.000 vagas) pelas 25 escolas existentes. A rede privada ocupa espaço significativo pela queda de qualidade do ensino público de 1° e 2° graus.

Entre os cursos técnicos e profissionalizantes, que formalmente nem sempre correspondem ao 1o. e 2o. graus, a cidade possui hoje cerca de 30 estabelecimentos, com número de alunos em início de processo de cadastro.

Em nível de escolas especiais, existem três escolas para deficientes de todos os níveis, que atende não só a população de São Caetano do Sul, bem como de toda sub-região.

Em nível superior somente as escolas privadas atuam. A cidade possui a primeira Universidade da Sub-região, a UniABC, com potencial de 18.000 alunos, bem como outras 3 instituições, perfazendo uma população total de 25.000. A Prefeitura possui um programa de bolsas de estudo que garante de 30 a 50% dos valores das anuidades aos estudantes do Município.

A cidade possui um equilíbrio entre a necessidade de vagas e a procura dos estudantes, prevalecendo a tendência de necessidade de vagas somente no setor universitário, o que ajuda a delimitar um quadro de envelhecimento médio da população.

Em relação à saúde, a cidade possui uma adequada rede de equipamentos públicos de prevenção, atendimento primário, acompanhamento e intervenções. O sistema está distribuído em três subsistemas:

Quadro XXI
Saúde - Rede

Municipio de São Caetano do Sul
a. Rede assistencial básica, constituida de 8 unidades descentralizadas de puericultura.
b. Rede ambulatorial, formada por um Centro de Saúde Estadual e 7 ambulatórios, que funcionam integrados aos postos de Puericultura, possuindo também algumas funções mais especializadas, como prevenção ao Câncer, drogas, obstetricia, hematologia e AIDS.
c. Rede hospitalar. A cidade oferece 3 hospitais públicos e 6 privados. Existe uma parceria entre a Prefeitura e os hospitais privados que garante o atendimento à população mais carente, por meio do encaminhamento do Serviço Social do municipio.

Fonte: Plano Diretor do Município

O sistema de saúde apresenta uma rede abundante e diversificada de prestação de serviços. Pelos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, existentes no Plano Diretor, existem hoje cerca de 700 leitos hospitalares oferecidos. O SUS recomenda 4 leitos por 1000 habitantes, ou seja, pela estimativa da população, bastariam pouco mais de 550 leitos para bons índices de utilização. Este saldo positivo é distribuido em forma de apoio aos outros municípios da sub-região.

A rede de esquipamentos de lazer, recreação e esporte estruturam-se em 4 tipos básicos:

Quadro XXII
Lazer/Recreação/Esportes

Município de São Caetano do Sul
a. Areas de Recreação Infantil, que funcionam junto à Rede municipal de ensino fundamental, existentes e distribuidas por todo o município, totalizando área aproximada de 46.000 m2.
b. Centros Recreativos Diversificados, que é o grande diferencial do município. Existe uma grande rede de clubes públicos com diversas atividades (natação, judô, vôlei, futebol, tiro ao alvo, bocha, pista de dança, terceira idade, etc.) que praticamente inviabiliza a existência de clubes particulares. Sua área total é estimada em 166.000 m2.
c. Estádios. O município oferece 50.000 m2. de área utilizável entre ginásios, quadras e campos de futebol.
d. Parques. Os parques públicos totalizam 183.000 m2. Não existe área virgem e todos são iluminados, com infra-estrutura, etc.

Fonte: Plano Diretor do Município

A ONU - Organização das Nações Unidas - recomenda para estes tipos de equipamentos uma demanda de 20 m2 de unidade de serviço/habitante. A cidade fica muito aquém destes índices. Considerando a população infantil que frequenta as áreas de recreação infantil (aproximadamente 35.000 crianças até 12 anos, segundo a PMSCS) teríamos 1,3 m2 de unidade de serviço/habitante. Além disso, os Centros Recreativos Diversificados, com população estimada pelo DETUR - Departamento de Esportes e Turismo da PMSCS - de aproximadamente 70.000 usuários, teria índices de 2,4 m2 de unidade de serviço/habitante.

A ONU ainda recomenda 12 m² de área verde por habitante. A cidade possui área verde somente em seus parques e praças, perfazendo o total de 183.000 m2. Para a população estimada em 1997 e em decrescência, o município possui 1,3 m² de área verde por habitante. Todos esses dados confirmam a grande tendência de que a resolução dos problemas locais passam por soluções regionais.

Segundo a DEPEC - Diretoria de Educação e Cultura da PMSCS -, os equipamentos públicos voltados às artes e cultura são formados por 3 teatros que perfazem 2000 assentos, constituindo a maior oferta de cadeiras da sub-região, 3 bibliotecas com aproximadamente 20.000 m² de área útil e 1 museus municipal. A Prefeitura ainda promove eventos de rua, como a Festa Italiana e o Rodeio.

A proximidade da capital, com sua riqueza e variedade de espetáculos, praticamente inviabiliza uma utilização mais dinâmica dos espaços existentes, que passam ociosos durante períodos do ano.

O panorama básico das questões de infra-estrutura acomodam-se da seguinte maneira: em relação ao saneamento básico, o abastecimento de água é fornecido pela Sabesp, sendo oriundo dos sistemas Rio Grande e Cantareira. A distribuição é municipalizada, com índices médios de 10 m³/hab/dia. Por meio da integração em escala municipal dos sistemas, o problema da falta d'água está bastante minimizado. A cidade atende 100% dos munícipes.

Todo o território municipal é servido por rede de esgoto. Não há tratamento do efluente coletado, que é depositado *in natura* nos corpos d'água canalizados. A Sabesp constrói lentamente uma Estação de Tratamento de Esgotos para o tratamento da sub-região, que deverá entrar em funcionamento em meados de 1998.

O sistema utilizado de drenagem urbana é formado por escoamento superficial e subterrâneo. Nas partes baixas do município é muito deficiente, gerando constantes inundações, sendo elas causadas pelo colapso do sistema Tamanduateí. Quando o comportamento do Tamanduateí é mais favorável, não ocorre enchentes. A solução aqui, também é sub-regional.

A cidade é servida por coleta de lixo (domiciliar, industrial, médico) na totalidade de seu território. Não possui local próprio para tratamento ou depósito de seu lixo, dependendo das cidades vizinhas, as quais constantemente sofrem pressões da opinião pública a respeito de seus lixões. A produção diária de lixo indiferenciado (industrial, doméstico, médico, etc.) é de aproximadamente 140 ton/dia (1 kg hab/dia).

O abastecimento de energia elétrica é realizado pela Eletropaulo por meio de 5 sub-estações. Os índices de consumo são estáveis desde 1990, totalizando, segundo a Eletropaulo a carga consumida é de aproximadamente 850.000 MWA, que corresponde à 06 MWA por habitante/ano. A cidade ainda é cercada por uma rede de gás industrial de alta pressão, inadequado ao consumo doméstico, mas que provém com sucesso o consumo industrial.

A cidade possui cerca de 18.000 aparelhos telefônicos instalados, que lhe confere a média de 128 aparelhos/1.000 habitantes. A demanda se mantém estável desde início dos anos 90, pois não ocorreu planos de expansão da estatal que ainda oferece os serviços. Não existem dados referentes a outros sistemas, como transmissão de dados via micro-ondas, internet, ondas eletromagnéticas.

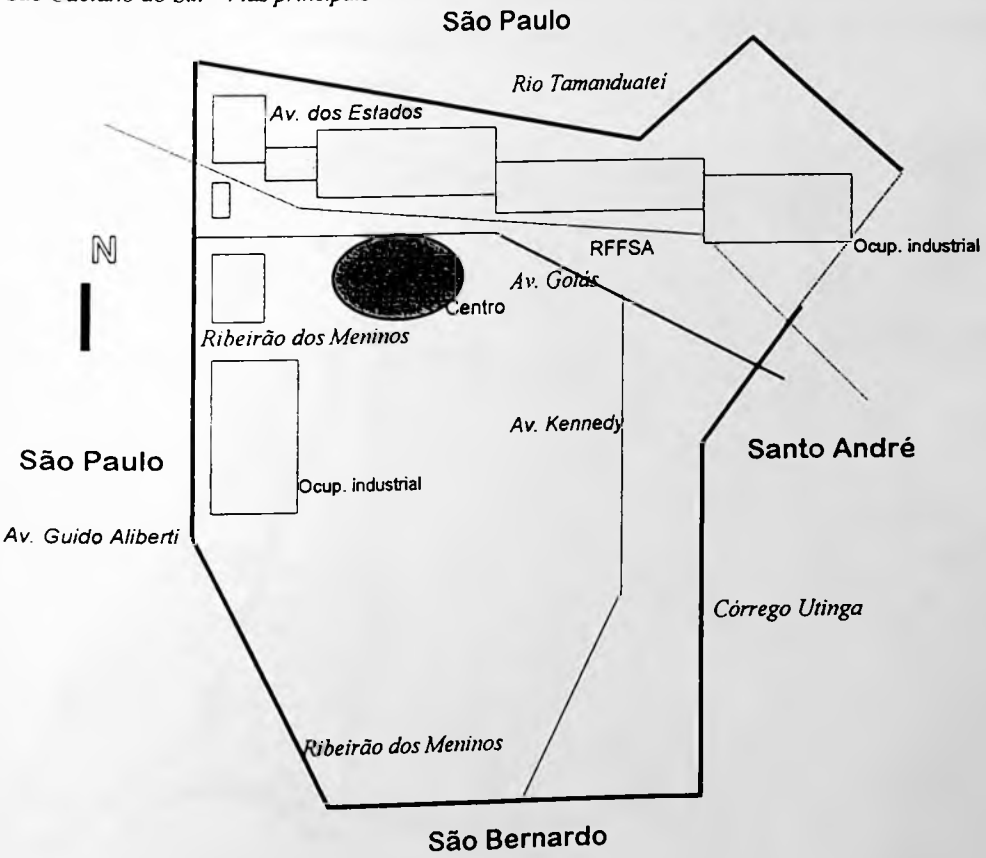
Em relação ao sistema de transportes, o Município possui uma única estação ferroviária para o transporte de passageiros, gerenciado pela CBTU, que cuida do transporte suburbano. É servida pela RFFSA (antiga Santos-Jundiaí), que une o litoral à Campinas, passando por várias interligações. Possui eletrificação, sinalização, mas sofre com as enchentes de início de ano do Tamanduateí. Existem ainda no município 15 ramais que servem às áreas industriais e terminais de derivados de petróleo. O sistema sofre os percalços da CBTU. Trens lotados e mal conservados, com intervalo médio de 20 minutos entre composições, formadas em média por 8 vagões com capacidade total de 2.000 passageiros.

Existe um terminal rodoferroviário de passageiros que funciona como interligação dos trajetos do trem, ônibus locais, intermunicipais, interestaduais. Não existe um terminal de cargas. A malha viária é uma continuidade da malha padrão da região metropolitana. Por características fisiográficas, a cidade possui limites bem claros: Rio Tamanduateí, Ribeirão dos Meninos e Córrego Utinga,

praticamente todos servidos por vias marginais. A hierarquização das vias é conseqüência das características de passagem entre os municípios de Santo André, São Bernardo em menor escala, e São Paulo. A Av. dos Estados e a Av. Guido Aliberti, limites do município, são opções para o tráfego de passagem, mas vem sendo sub-aproveitada em função das obras de retificação e aprofundamento da calha do Tamanduateí e dos Meninos.

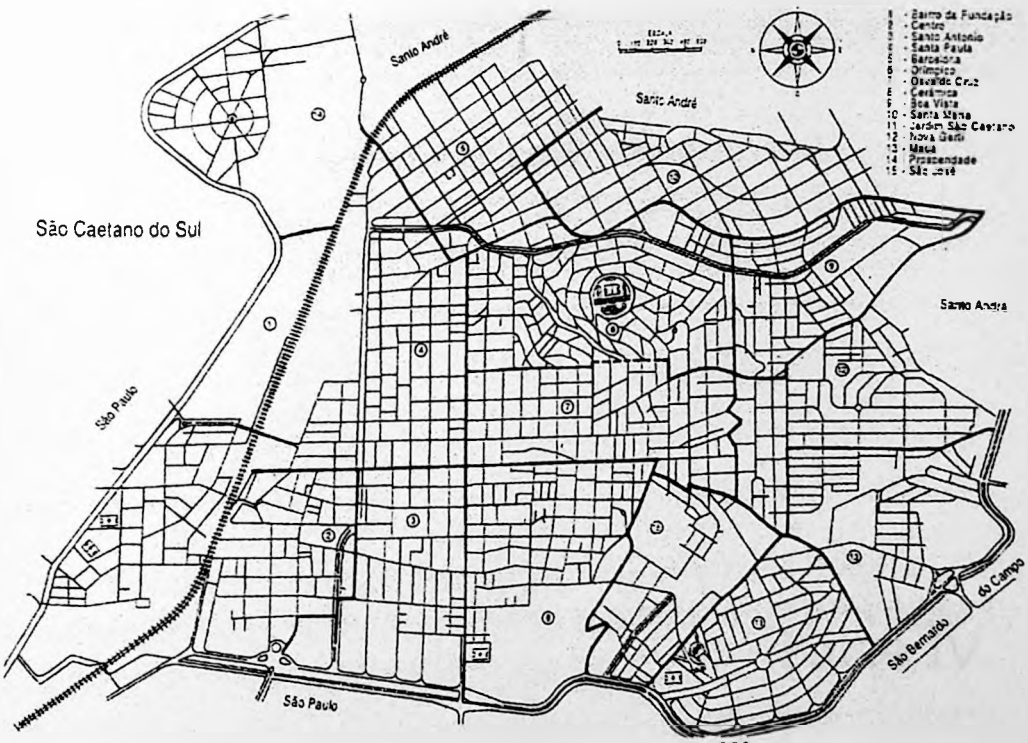
Internamente as vias mais significativas são a Av. Goiás e a Av. Kennedy, que cruzam o município. A cidade foi formada por uma série de loteamentos contíguos que não apresentavam uma continuidade de vias. Assim, é muito comum identificarmos vias sem saída, ou ainda a falta de vias que atravessem o Município linearmente.

Mapa IV
São Caetano do Sul - Vias principais



O perfil básico do transporte de passageiros no Município é muito peculiar: predominam o transporte individual por carro (cerca de 1 veículo para cada 3 habitantes) e o individual pedestre, ficando em plano secundário os transportes coletivos. Em função das pequenas distâncias, da proximidade casa, trabalho, comércio, segundo a pesquisa O/D 1987, e claramente observada, o pedestre é muito ativo e presente em São Caetano do Sul. As linhas locais de ônibus atingem todos os bairros e as linhas regionais são servidas pela CBTU e linhas de ônibus metropolitanas intermunicipais por meio do terminal rodoferroviário.

São Caetano do Sul ainda possui 100% do território iluminado com boa qualidade, toda sua extensão. O programa de varrição diária também atinge todo o município, a manutenção de parques, praças e jardins é constante. O abastecimento é provido em pequena escala por feiras livres (em processo de extinção), sendo particularmente concentrado em supermercados, feiras livres, sacolões, varejões. O Município não possui área rural, dependendo totalmente da oferta externa de alimentos.

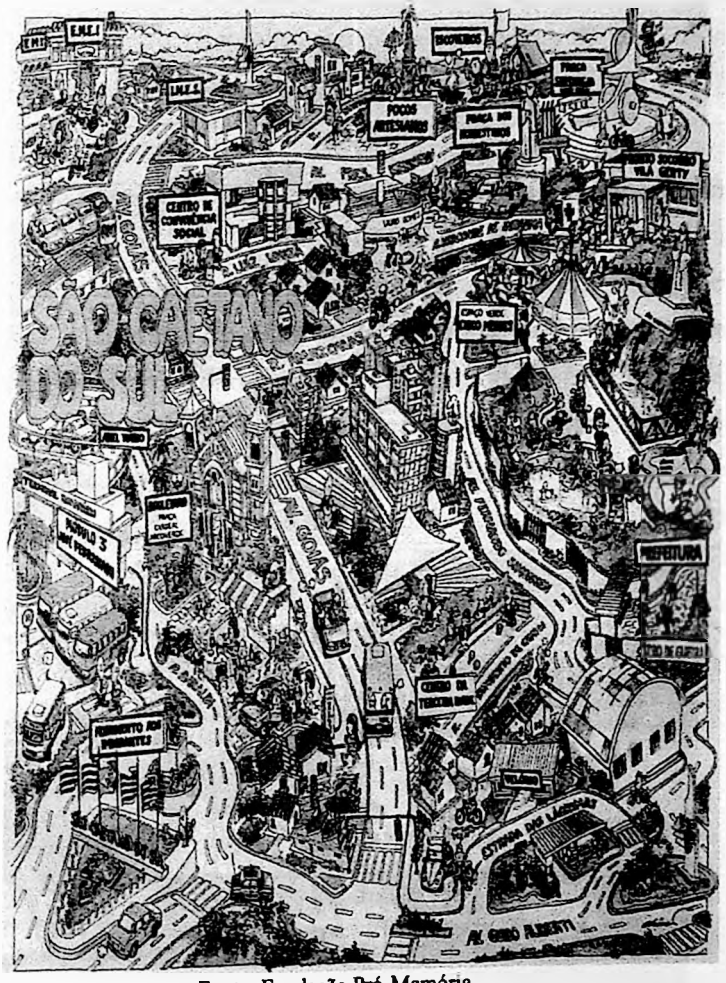


Mapa V - São Caetano do Sul - Fonte: Martins, 1992

Parte IV

A imagem

São Caetano do Sul:
a imaginabilidade popular



Fonte: Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul é um município de vários limites. Talvez o de mais difícil percepção seja realmente seus limites físicos, que não são lá grande coisa: é um dos menores municípios do Brasil com fronteiras que confundem-se com as dos vizinhos.

Mas isto não é problema para os outros municípios e sim para São Caetano do Sul, onde todo morador sente-se um pouco dono e responsável pelo pequeno patrimônio comum e não possui censuras para apropriar-se de seu quinhão. É extremamente cotidiano ver as pessoas cuidando de árvores nas ruas, plantando flores nas praças públicas e utilizando-se de alguns equipamentos urbanos como se fossem seus únicos proprietários: é o caminhão da prefeitura emprestado; é a colocação de peixes no lago do Paço Municipal; é o morador que planta mudas de pau-brasil e que fecha sua rua nos finais de semana para lazer.

Não é só o acanhado limite físico ou a tênue linha que separa o público e o privado que a caracteriza. Como um folhetim, a cidade se revela em capítulos. A impressão bem cultivada pelas estatísticas, mídia e habitantes, de cidade pequena e rica é sentida em cada rua, cada casa, cada pessoa. Existe um tolerado e complacente orgulho local, que torna agradável morar e participar de lá, mesmo com o grande adensamento, a poluição, o trânsito, as indústrias, o *Carrefour*, as poucas áreas livres e opções de lazer. Afinal mesmo sendo muito bom ir a São Paulo nos finais de semana, é ainda muito melhor voltar para São Caetano do Sul.

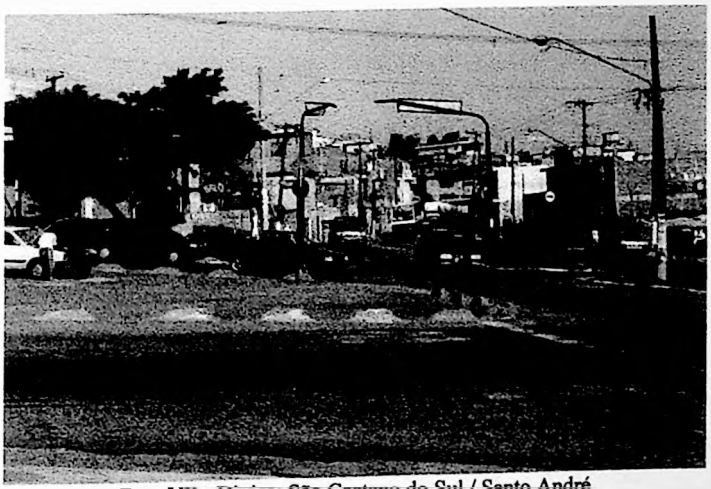


Foto VII - Divisa: São Caetano do Sul / Santo André

A grande maioria das famílias possui renda mensal alta. Não tem favelas pois não tem espaço e seus pobres têm morada nos municípios vizinhos. Tem luz e água para todos. Tem saúde e educação pública com qualidade reconhecida pela ONU. Sobram vagas nas escolas e hospitais... mas não sobra espaço nas ruas e terrenos.

Assim, a pobre menina rica não possui espaço para brincar: São Caetano do Sul está completamente ocupada, com uma das maiores densidades do país. Cada pedacinho de espaço livre de terreno é ocupado com construção. Rapidamente vão se acabando os recuos frontais ou laterais. *"Se der, construo mais um pavimento, afinal minha família é amiga da família do prefeito".* Neste paraíso da classe média, cada centímetro é valorizado pelo morador. A falta de qualidade do espaço edificado é falsamente substituída pelos muitos sobrados geminados com bons materiais de acabamento, com grades de ponta de lança, caixilhos de alumínio, veículos General Motors na garagem e as últimas novidades em revestimentos cerâmicos. Os edifícios residenciais com quatro pavimentos também compõem esta paisagem, prosseguindo as intermináveis linearidades das grades de ponta de lança.

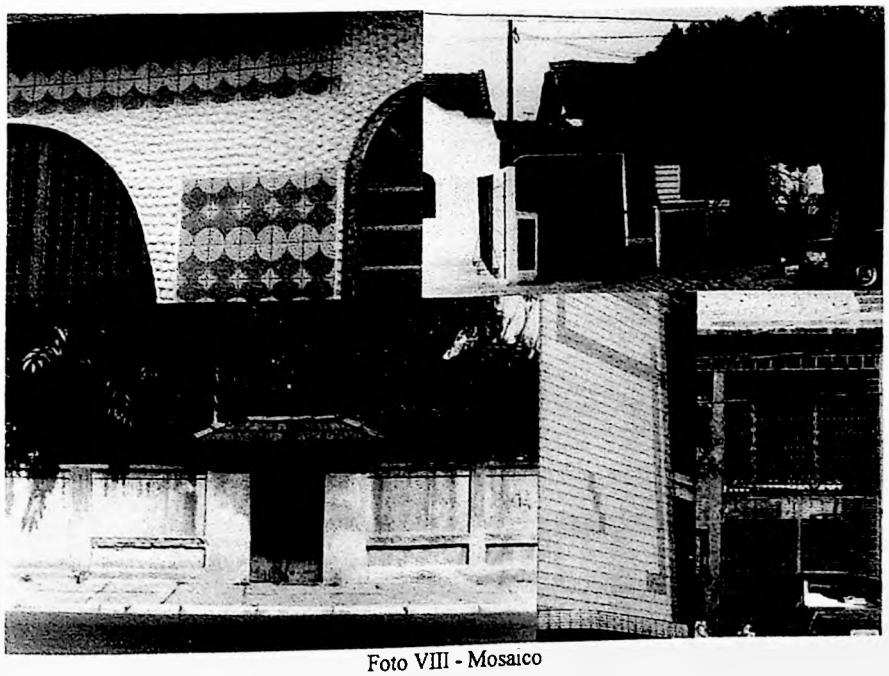


Foto VIII - Mosaico

Suas ruas já não são muito largas. De tanto serem repavimentadas, possuem uma corcunda no meio. Mas em compensação não tem um buraco. Tem até duas avenidas bem "arrumadinhas" ansiosas para virar cartão postal: a Av. Goiás e a Av. Kennedy.

Foto IX - Av. Goiás

Foto X - Av. Kennedy

Assim, a menina rica vive um impasse: não sabe como crescer. São Caetano do Sul quer sentir-se metrópole mas sem seus perigos e suas impessoalidades. Quer ser interior, mas estar a vinte minutos da Avenida Paulista, na Capital. A bagunça dos vizinhos incomodam-na, mas não dá muita bola a eles. Que bom se eles se mudassem ou ainda houvesse uma estrada que conduzisse o mais intrépido viajante ao *"Bem vindo à São Caetano do Sul"*. Ou melhor ainda, um porto ou aeroporto. Uma Veneza, por engano na última enchente, água por todos os lados, uma ilha. Que boa saída para São Caetano...

O estrangeiro não deve achar a cidade feia e apertada. Corre o risco de provocar inimizades eternas. Talvez no máximo os moradores possam concordar que o belo possa ficar mais belo. Mas por que ficar falando nisso se afinal seu município tem tantos problemas e o só o meu tem o Clube dos Passarinhos, Associação de Bocha, Clube do Tiro, Sociedade Columbófila, Clube de Xadrez, Associação de Modelismo, Clube do Topete?

As tradições parecem não terem mais que cinco anos. Parecem todas transplantadas de um universo próximo mas inverossímil: festa do peão, noite italiana, entrega de títulos e comendas, solenidades na Academia de Letras, recepções oficiais, coberturas de TV ao vivo. Mesmo com pequenas rivalidades, todos se conhecem...

É cidade feita por pessoas e não por técnicos: desde as faixas de rua, os acabamentos das residências, os pisos das calçadas, as obras públicas, os postes pintados, tudo! É cidade de aparências: inúmeros jornais locais, TV, Universidade, equipamentos urbanos. Ninguém vê os fios na rua, o Tamanduateí, a faixa da Eletropaulo, os cortiços, a falta de organização visual. Também pudera, se o macaco olhar para o próprio rabo, cuidado que o rato pode rugir!

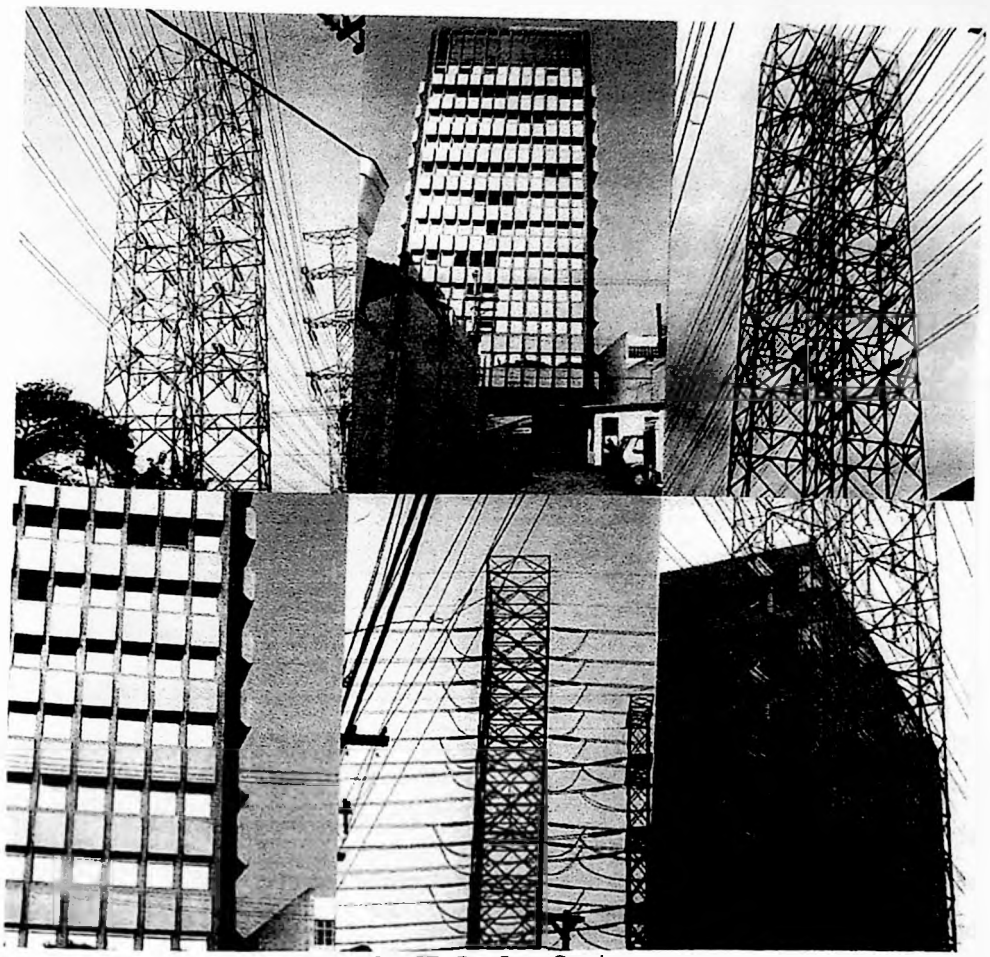


Foto XI - Rua Santa Catarina

É cidade interminável: as obras das enchentes, a troca de canos pelas ruas, o edifício-garagem, a esperada reurbanização do centro. Nomeia-se a primeira cidade do primeiro mundo do Brasil, é uma cidade em movimento, com as indústrias saindo e os supermercados chegando. O time de vôlei ganhou mais uma e é campeão nacional. Até nos esquecemos que é tão pequenina.

Saiu na TV de novo: *"olhaí a cidade mais rica do Brasil, o maior potencial de consumo, o novo shopping!"* Mas tudo isto não importa. O que importa é que durante a leitura deste texto mais algumas ruas foram repavimentadas.

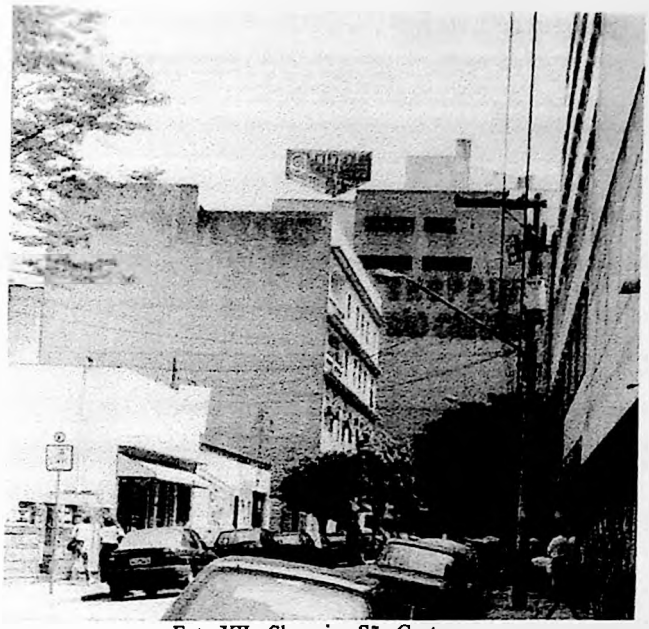


Foto XII - Shopping São Caetano

Quem sabe se seu passado italiano justifique alguma coisa. Todos os imigrantes fundadores vem de uma mesma região, Norte da Itália, final do século passado. Talvez as tradições anarquistas da cidade, que a todo custo quer diferenciar-se, independer-se, venha daí. Coisa de italiano do norte, de veneziano, de Marco Polo narrador, de Renascimento. Veneza sempre foi cidade do mundo, foi cidade-estado. Talvez São Caetano do Sul queira ser um pouco assim...

São Caetano do Sul:

Mapas mentais

Foi realizada uma pesquisa de um painel imagético sobre São Caetano do Sul, embasado em leituras perceptivas seguindo as diretrizes fundamentais de Kevin Lynch. O exercício configurar-se de um caráter predominantemente prático procurando rebater os conceitos discutidos durante este trabalho. Assim, os procedimentos básicos apresentarão as seguintes características:

- Impressões urbanas relatadas por arquitetos ligados à cidade (visão especifica), moradores e estudantes de arquitetura;
- Em virtude das pequenas dimensões do Município e ainda pelo fato justificado anteriormente que grande parte da população mora e trabalha na cidade, o estudo de caso da pesquisa foca *impressões gerais* do município, não detendo-se em locais pré-estabelecidos;
- As impressões dos arquitetos foram captadas por meio de um evento promovido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul - ACISCS - denominada *"Vamos falar de São Caetano do Sul"* , onde 11 profissionais de arquitetura e urbanismo ligados à cidade relataram suas considerações à respeito do município;
- A questão única formulada aos estudantes de arquitetura da UniABC e à moradores do Município foi *"Compreendendo São Caetano do Sul"*. Este universo foi composto por 8 estudantes e 5 moradores. A amostragem total foi de 24 entrevistados.

Esta pesquisa objetiva apreender uma imagética básica geral. Em uma análise prévia das respostas, não foram identificadas profundas diferenças entre as recorrências cognitivas mais comuns entre o público entrevistado. A cidade é vista como um todo complexo para o morador, reproduzindo todas as situações de uma metrópole. É também percebida como carente de referenciais

importantes nos primeiros contatos e ainda vista como um todo simples e articulado após sua compreensão.

O registro deste panorama fundamental é referência marcante neste desenvolvimento. Assim não optou-se por um questionamento denso contendo dados específicos do entrevistado (idade, tempo e local em São Caetano do Sul, classe social, horário da entrevista, etnia...), nem questões quantitativas, onde uma escala de valores classificaria respostas e posições.

Os procedimentos, marcados pela simplicidade de aplicação e organização, objetivam mostrar com clareza seus resultados e desdobramentos. Esta avaliação pretende identificar um perfil imagético comum e recorrente dos usuários da cidade, pois como constatamos no início dessa pesquisa, a cidade vive um importante momento de imagem em transição.

Os elementos identificados como referenciais mais significativos estariam sofrendo este processo? E os que já se transformaram? Haveriam diferenças entre as visões dos especialistas, dos estudantes e dos moradores? A cidade melhora?

Em função dos resultados obtidos no evento "Vamos falar de São Caetano do Sul" e do conjunto de respostas à questão "Compreendendo São Caetano", sintetizamos as informações em 3 mapas: *"O olhar do morador", "A sensação dos limites" e "A percepção do arquiteto".*

O olhar do morador

Como resultado da questão básica "Como você compreende São Caetano do Sul", feita à dois grupos distintos, obtivemos um painel representativo das características mais recorrentes. este painel é de extrema importância para a identificação de uma imagem pública do Município.

Com o primeiro grupo, composto por estudantes e funcionários da Universidade do Grande ABC moradores do Município, as características mais recorrentes referem-se às *vias*, como a Av. Goiás, símbolo de modernidade local e a Estrada das Lágrimas, como referência histórica; temos também edifícios significativos - *referências* -, não por sua qualidade arquitetônica mas sim pela função: Casas Bahia, Carrefour, General Motors. Também foram citadas grandes interferências - *limites* -: A Estrada de Ferro, os rios Tamanduateí e Meninos, além de locais específicos - *bairros* -, como a Fundação e o Centro.

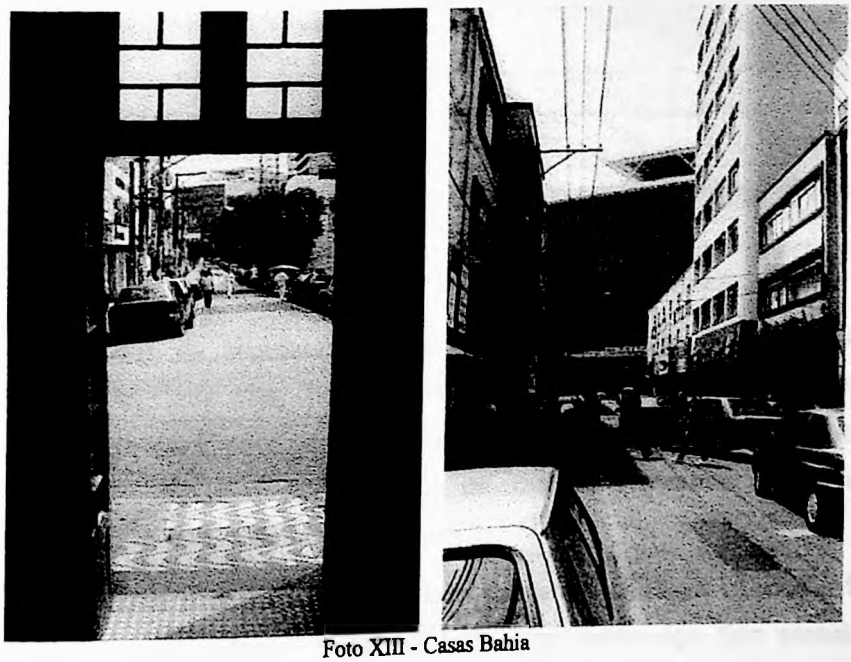


Foto XIII - Casas Bahia

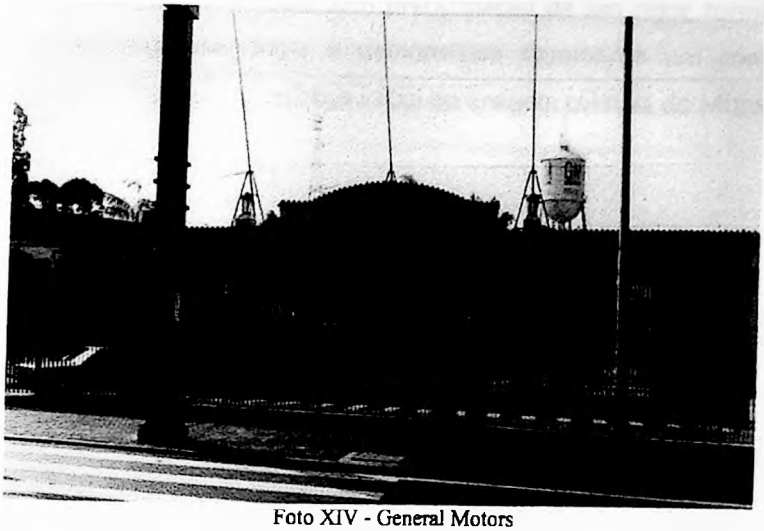


Foto XIV - General Motors

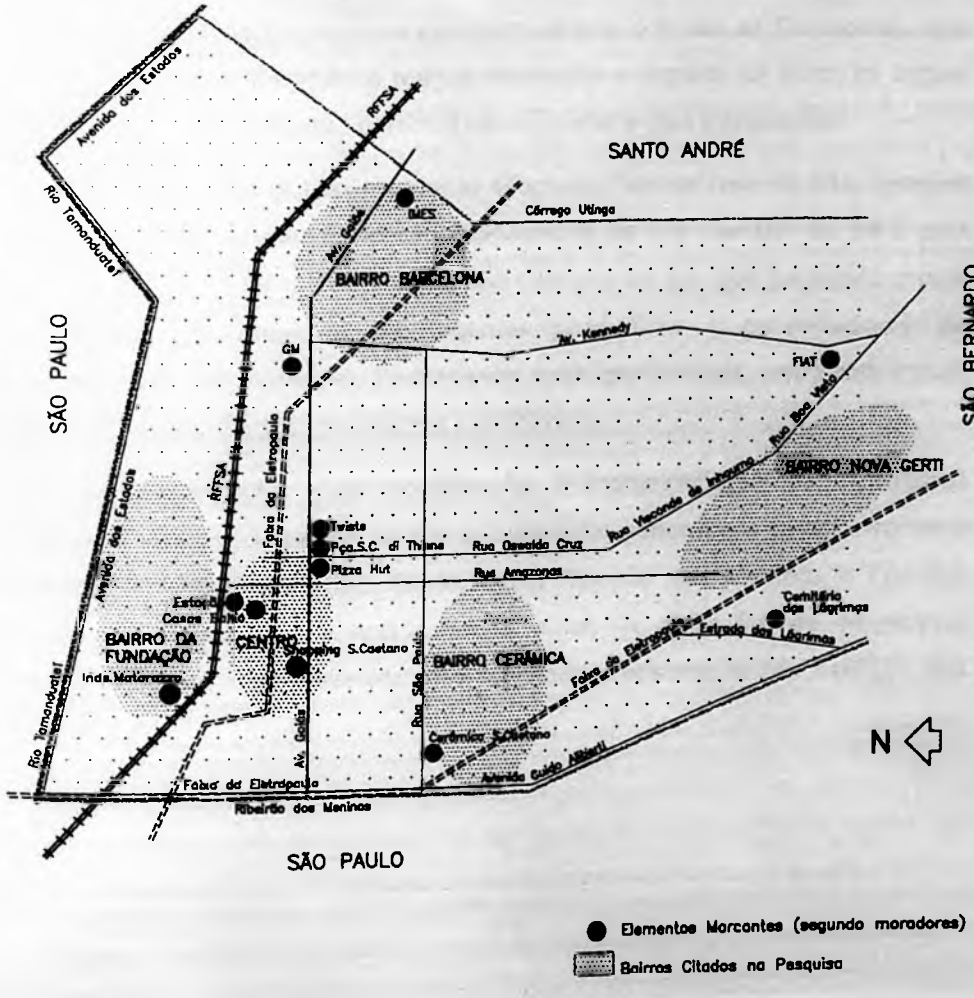
Foto XV - Estrada de Ferro

Adotamos os seguintes procedimentos: as perguntas eram feitas individualmente, em dias, horas e locais distintos procurando identificar momentos individualizados de cada entrevistado. Solicitava-se objetividade nas respostas. Não havia a apresentação de mapas, diagramas, fotografias. Valorizamos as citações de memória.

Percebeu-se a profunda ligação existente entre os locais citados e fatos ocorridos. Para cada citação do entrevistado, uma lembrança. Esta associação entre memória emotiva e espacial foi comum em todos os entrevistados, com maior ou menor grau de interdependência.

As informações abstratas, sem preocupação de um rigor formal, foram sintetizadas no seguinte mapa e demonstram claramente um conjunto de elementos que fornecem um esboço inicial da imagem coletiva do Município:

Mapa VI
O olhar do morador - São Caetano do Sul



A sensação dos limites

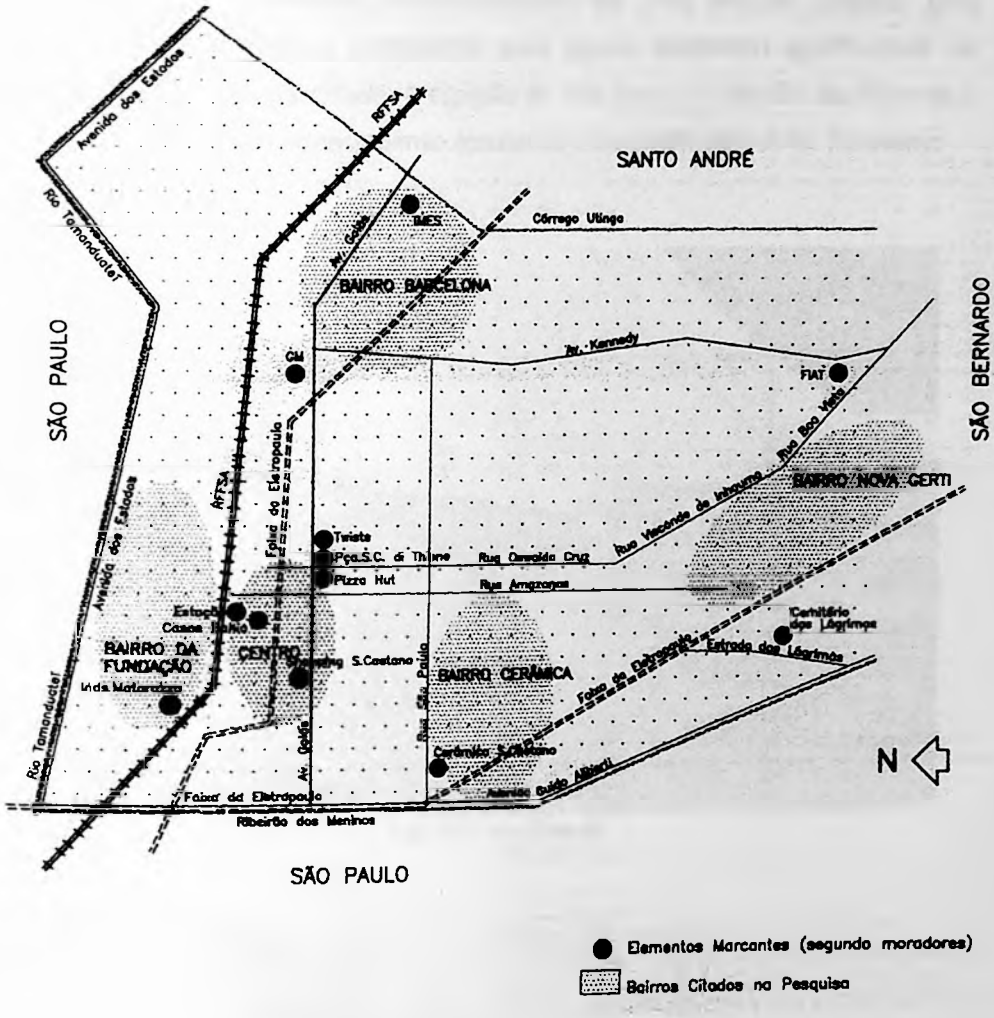
O segundo grupo, formado por profissionais do município atuantes em Arquitetura e Urbanismo, sem necessariamente possuir o vínculo de estar morador, revelou uma outra preocupação: a falta de limites claros que diferenciem e particularizem o Município no Grande ABC.

Identificamos alguns elementos constitutivos da paisagem que possuem características marcantes pelas reduzidas dimensões do Município, ou ainda pela significativa participação na paisagem urbana: o *linhão da Eletropaulo*, que rompe e circula praticamente todo o município, a *estrada de ferro*, os limites geográficos marcantes, que parecem não convidar a uma integração.

Este perfil foi obtido no evento chamado "Vamos falar de São Caetano do Sul", promovido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e pela Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, que procurou captar informações da memória dos agentes produtores e gerenciadores de espacialidades no Município. Participaram onze profissionais, entre arquitetos, engenheiros, sociólogos, professores e políticos.

A preocupação mais evidente foi a indiferenciação das fronteiras municipais. Apesar de serem citados os elementos geográficos caracterizadores da sensação dos limites (Rio Tamanduateí, Ribeirão dos Meninos e Córrego Utinga), as divisas não apresentaram-se claras. A divisa Sul do Município, caracterizada por ruas e avenidas não foi citada precisamente por nenhum dos participantes.

Mapa VII
A sensação dos limites - São Caetano do Sul

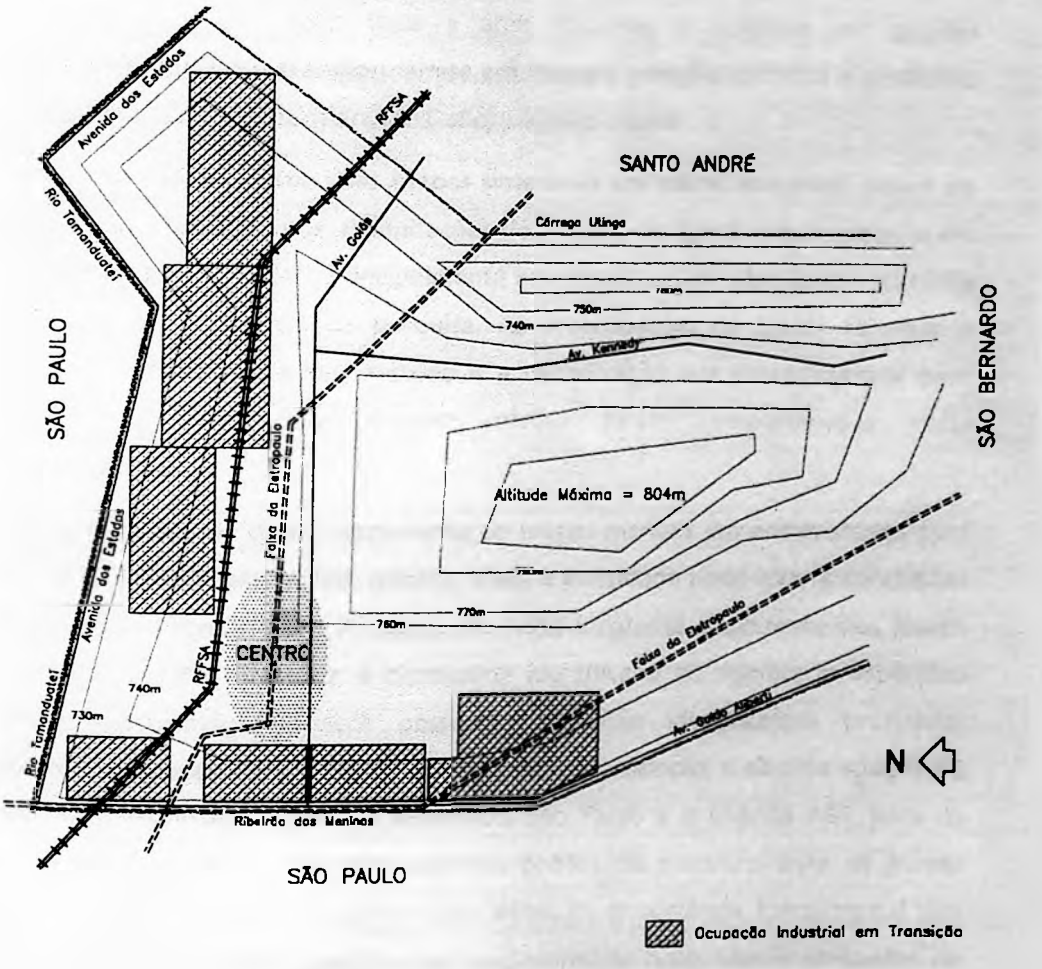


A percepção do arquiteto

Os dois painéis anteriores fornecem importantes subsídios para a identificação de elementos caracterizadores de uma imagem pública. Esta terceira prancha procura acrescentar mais alguns elementos significativos na formação imagética da cidade: o espigão da Vila Gerty, o cinturão das fábricas e galpões industriais, o adensamento constante e homogêneo e a Av. Kennedy:

Foto XVI - Av. Kennedy

Mapa VIII
A percepção do arquiteto - São Caetano do Sul



Este conjunto de elementos perceptivos valeu-se da identificação de dois eixos formadores de características imagéticas: a topografia do Município e as áreas de ocupação industrial.

A topografia é caracterizada pelas áreas de várzeas dos rios limítrofes, onde a ocupação industrial e a estrada de ferro estabeleceram-se. Esta região possui altitude média de 730m. A parte mais alta da cidade, situada no espigão da Vila Gerty, situada a 804m., estabelecendo uma diferença de altitude de

aproximadamente 70m. Esta situação cria uma riqueza topográfica particular, mas pouco percebida pelos entrevistados.

A ocupação industrial, em seu momento de transição, é evidente na paisagem do Município: toda a área ribeirinha é ocupada por galpões industriais que hoje transformam-se em espaços privados voltados à prestação de serviços, como hipermercados, *shoppings* ou escolas.

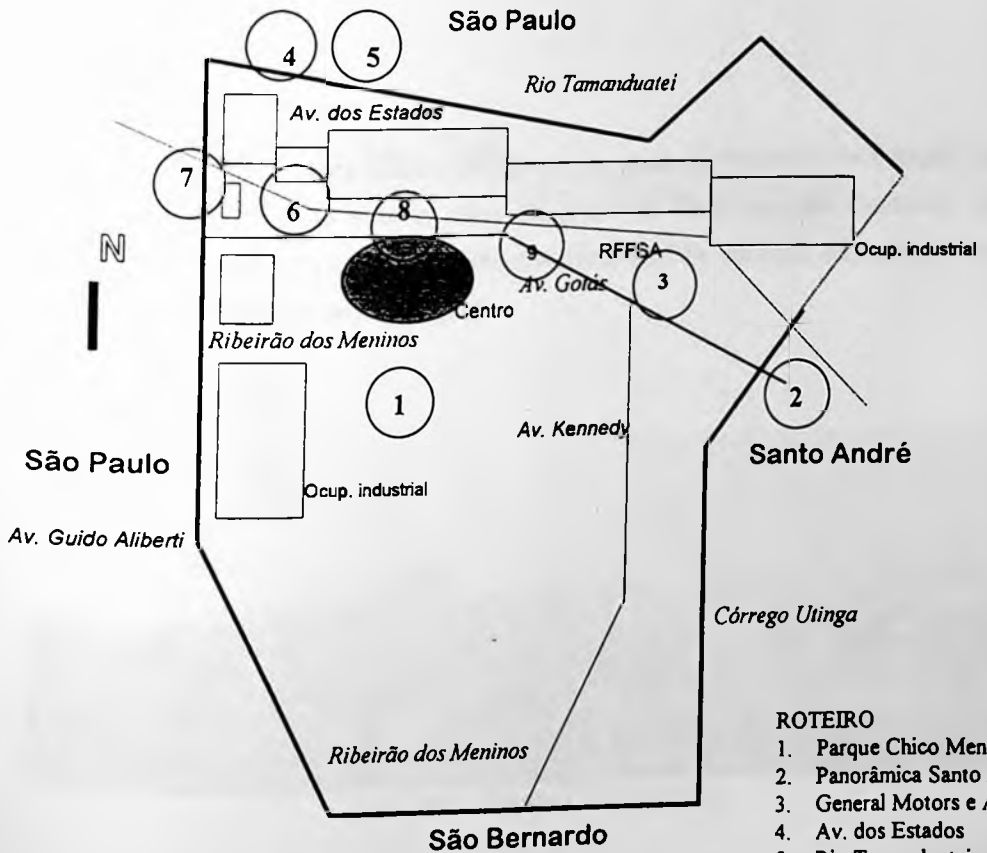
Concluindo, estes três mapas sintetizam um painel imagético básico do Município. Identificamos as limitações do método de Lynch experimentado em "A Imagem da Cidade", principalmente em relação a uma abordagem atrelada a um perfil específico da pesquisa. As preocupações de Lynch, relativas a representatividade de seu método e a cientifização dos procedimentos para identificação de uma imagem coletiva foram compartilhadas neste levantamento.

Verificamos que a exploração de mapas mentais em entrevistados com diferenças de classes sociais, gênero, idade e etnicidade pode levar a conclusões imagéticas diferenciadas. A cidade do velho imigrante é diferente dos jovens moradores. Esta diferença é claramente identificada no significado específico que determinados espaços possuem, mas não identificamos profundas diferenças nos espaços citados. A Av. Goiás, por exemplo, é eixo de ligação de histórica importância entre o Município, São Paulo e o Grande ABC para os velhos imigrantes, e um dos melhores pontos de encontro para os jovens usuários. Mesmo assim, estamos conscientes da importância fundamental dos modelos de estudo de Lynch como reveladores de dimensões importantes da constituição da imagética urbana, atendendo portanto satisfatoriamente aos objetivos propostos por este trabalho.

Exercício de leitura visual

Com o intuito de documentar visualmente as impressões captadas pelos moradores, pelos usuários e pelos especialistas, adotamos um roteiro de leitura visual. Este roteiro teve por base as citações mais significativas do evento "Vamos falar de São Caetano do Sul" e do conjunto de respostas das entrevistas.

Mapa IX
Roteiro da leitura visual



ROTEIRO
1. Parque Chico Mendes
2. Panorâmica Santo André
3. General Motors e Av. Goiás
4. Av. dos Estados
5. Rio Tamanduatei
6. Matriz Velha e Largo da Fundação
7. Ruínas Matarazzo
8. Centro
9. Av. Goiás

Neste roteiro básico procurou-se sintetizar visualmente as impressões captadas. Evidencia-se algumas impressões panorâmicas, o bairro da Fundação, o Centro, a Av. Goiás e algumas imagens específicas selecionadas pelo trajeto.

Assim, embasado nos elementos marcantes, vias, cruzamentos, limites e bairros, registramos fotograficamente as citações mais recorrentes. Podemos comprovar que os elementos que caracterizam o Município mais significativamente estão espacialmente localizados entre os eixos Av. Goiás - Av. dos Estados: evidenciam o alto grau de densidade urbana e estabelecem-se relações importantes entre a tipologia da ocupação espacial e seus significados.

Desta maneira, a fábrica da General Motors é citação comum, o mesmo ocorrendo com a Av. Goiás, o Rio Tamanduateí, o Centro e o Bairro da Fundação. Os registros fotográficos seguiram o roteiro indicado pelas citações mais recorrentes. Assim:

1. Parque Chico Mendes

É o maior parque público do Município, sede da Prefeitura Municipal. Está localizado na área da extinta mina de argila da Cerâmica São Caetano. Este espaço é identificado por um significativo potencial de vocação de lazer, mesmo não estando devidamente equipado.

Foto XVII - Parque Chico Mendes

2. Vista panorâmica a partir do Município de Santo André.

A alta densidade, constante, homogênia e intensa do Município é percebida por meio da imagem produzida a partir dos limites com o Município vizinho de Santo André.

Foto XVIII - São Caetano do Sul, divisa com Santo André

3. General Motors

A General Motors está instalada na Av. Goiás há mais de um século, confundindo-se com a história urbana do Município e elemento fundamental de todas as citações dos entrevistados.

Foto XIX - General Motors e Av. Goiás

4. Av. dos Estados

Recuperada no trecho do Município e com os problemas das enchentes de verão minimizados, torna-se importante eixo de referência e ligação com o Município de São Paulo.

Foto XX - Av. dos Estados

5. Rio Tamanduateí

Rio histórico, berço da ocupação do Município. Hoje está completamente impermeabilizado. Resiste aos esgotos e à Av. dos Estados. Suas várzeas estão plenamente ocupadas.

Foto XXI - Rio Tamanduateí

6. Matriz velha e o Bairro da Fundação

Referência histórica e espacial básica do Município. Neste local iniciou-se o núcleo urbano original do Município.

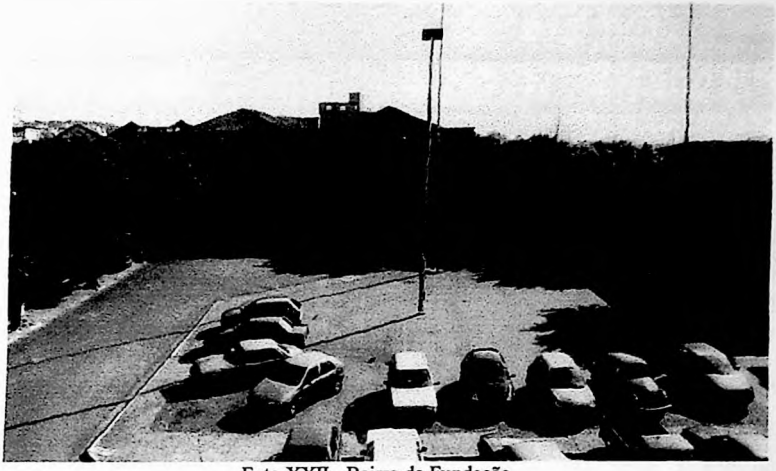


Foto XXII - Bairro da Fundação

Foto XXIII - Bairro da Fundação

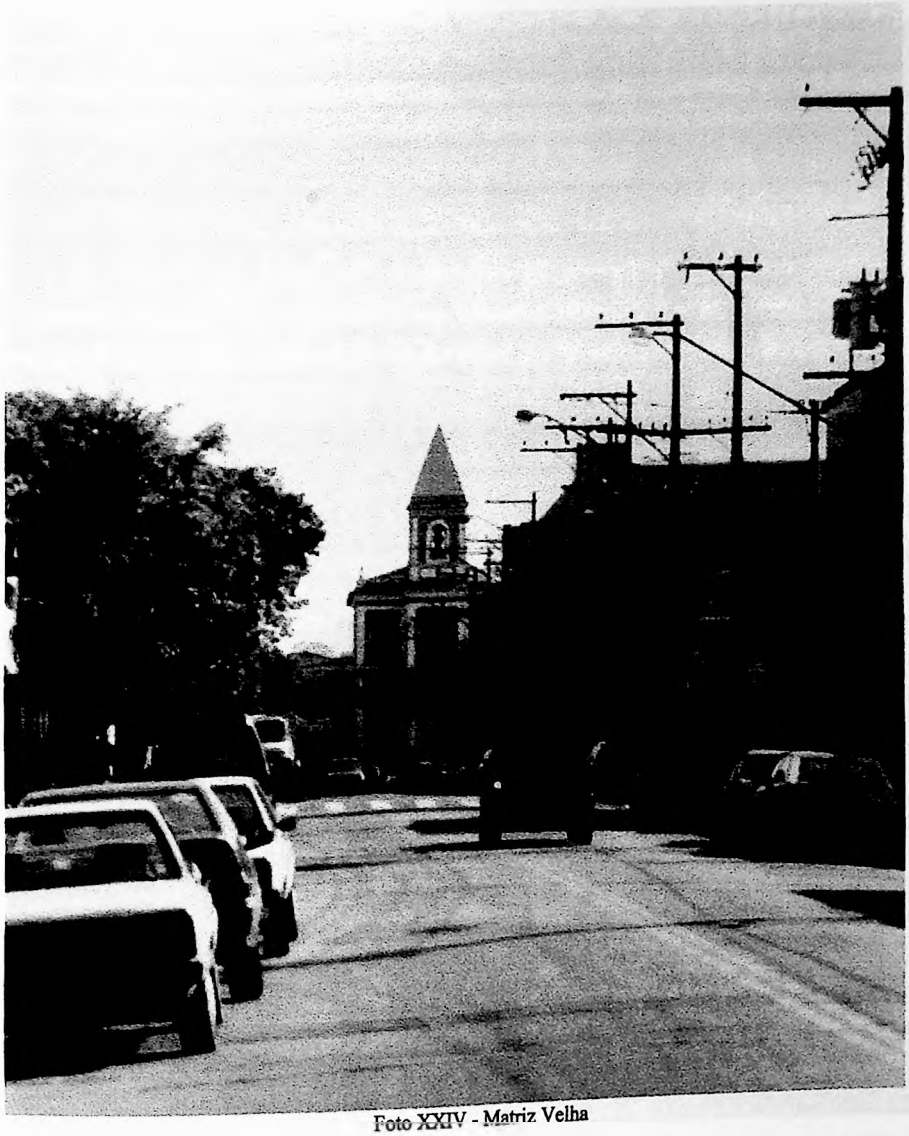


Foto XXIV - Matriz Velha

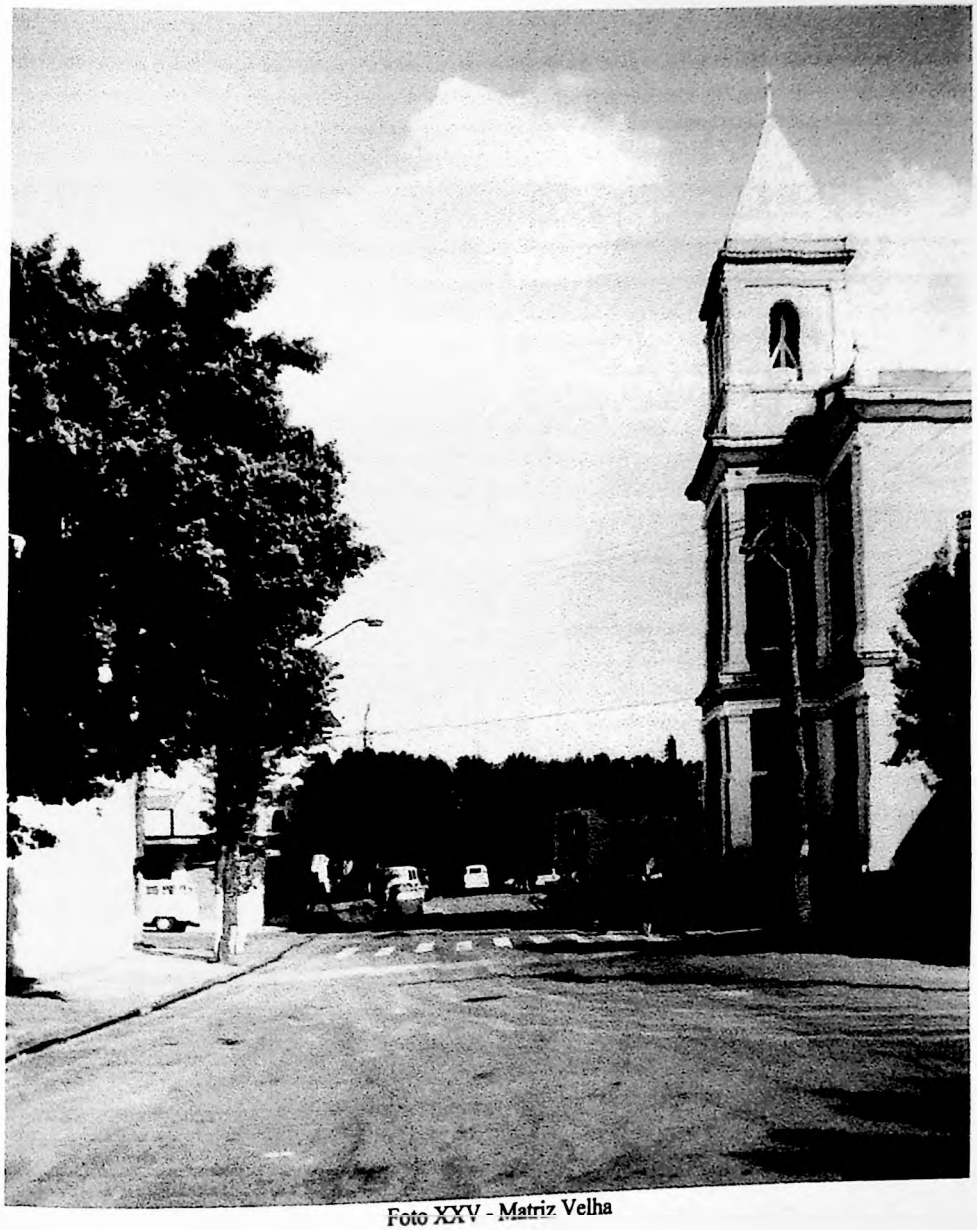


Foto XXV - Matriz Velha

Foto XXVI - Matriz Velha

Foto XXVII - Matriz Velha

7. Ruínas Matarazzo

As "Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo", marco histórico da industrialização no Grande ABC. Hoje é um espaço abandonado em uma região carente de áreas livres.

Foto XXVIII - Ruínas Matarazzo

Foto XXIX - Ruínas Matarazzo

Foto XXX - Ruínas Matarazzo

8. Centro

Concentração de atividades de comércio e serviços. O Centro do Município ainda mantém uma escala de apropriação que respeita o pedestre, citação significativa dos entrevistados.

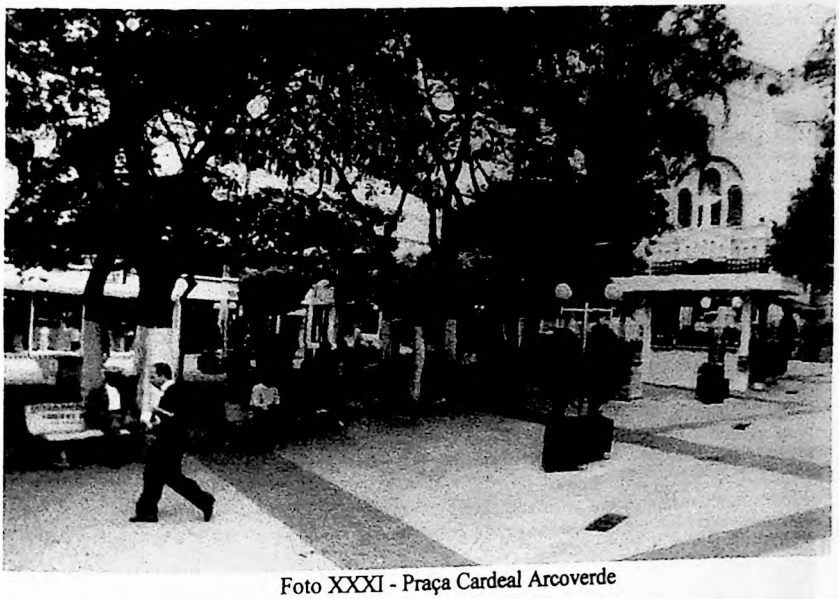


Foto XXXI - Praça Cardeal Arcoverde

Foto XXXII - Vista geral do Centro

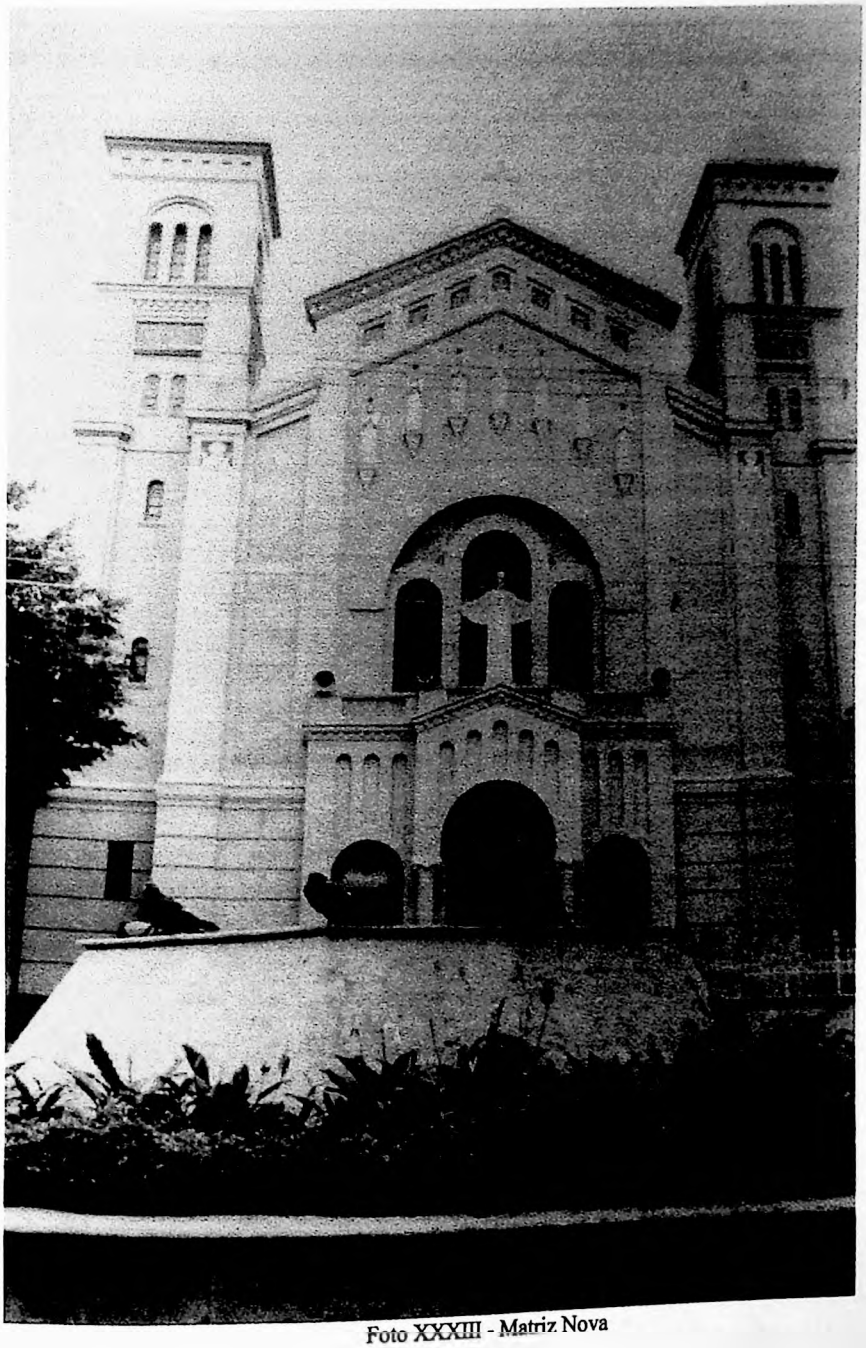


Foto XXXIII - Matriz Nova

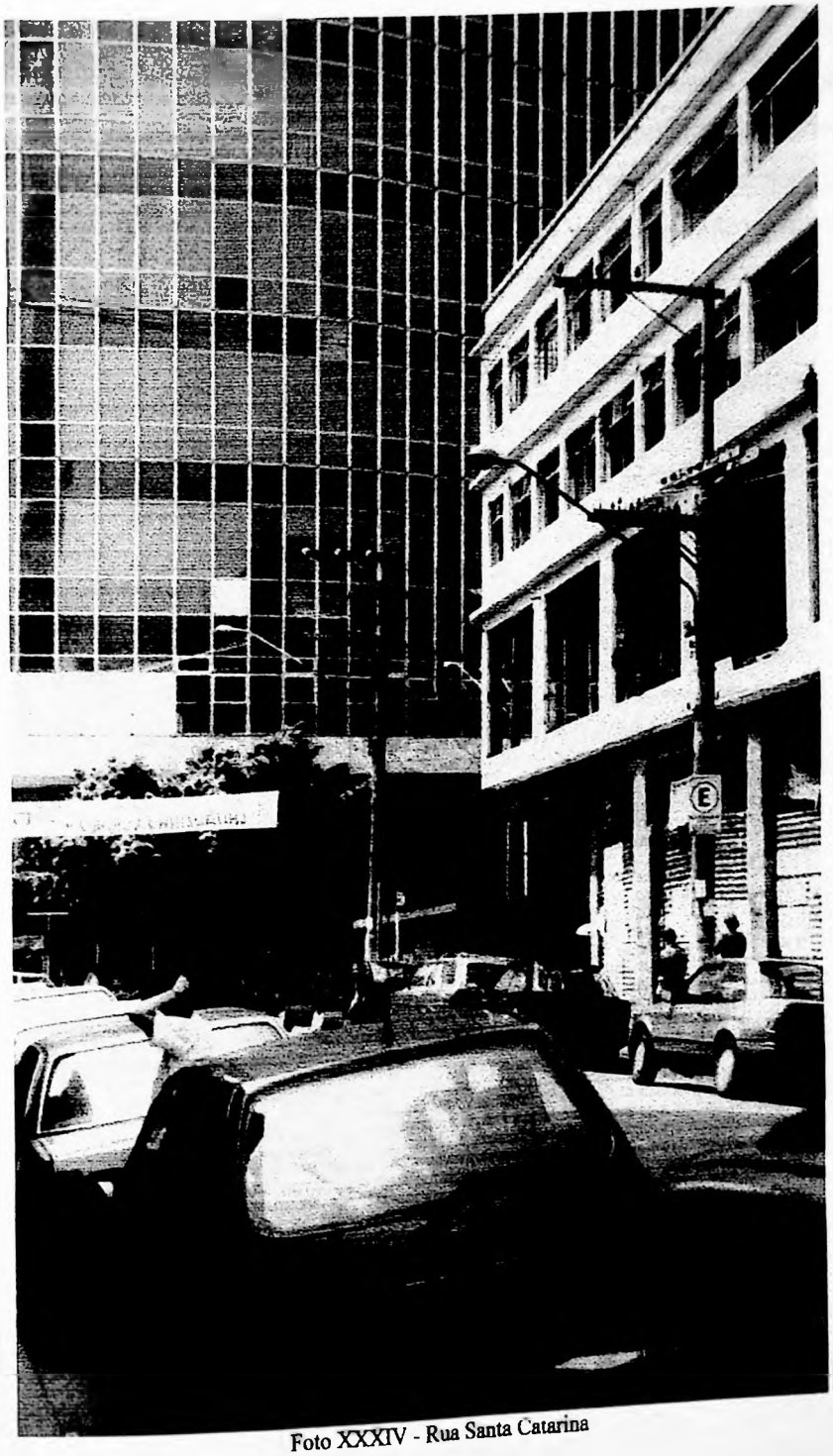


Foto XXXIV - Rua Santa Catarina

9. Av. Goiás

A via mais significativa do Município. A sua importância referencial é umas das mais significativas do Município. Estabelece e identifica funções locais e regionais. Como função local, é ponto de encontro de jovens, comércio e serviços. Como função regional, é importante elo de ligação entre o Município de Santo André, São Paulo e São Caetano do Sul.

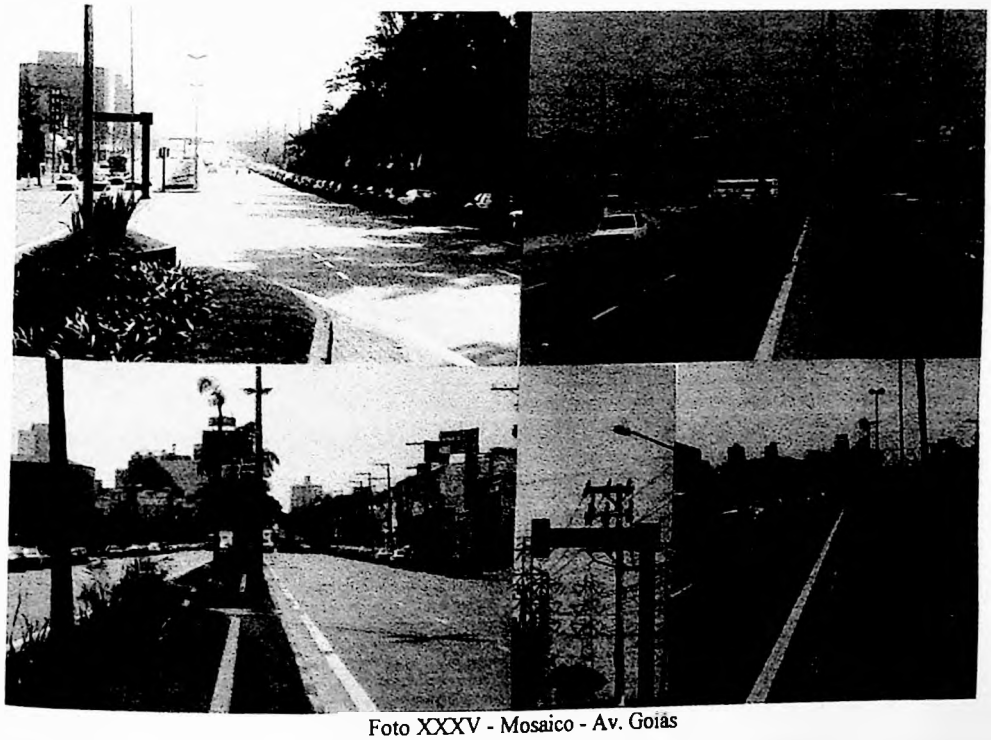


Foto XXXV - Mosaico - Av. Goiás

Parte V

O objeto do desejo

A palavra, o número, a imagem

O desenvolvimento desta pesquisa foi caracterizado basicamente por processos usuais de investigação científica: identificação de questões a serem estudadas, metodologias de abordagem e procedimentos, levantamento e cruzamento de dados, análise e conclusões.

A organização do material seguiu três níveis de desenvolvimento: a palavra, o número, a imagem.

Por *palavra* compreendeu-se suscintamente pressupostos teóricos para uma leitura visual urbana, o histórico da região e suas implicações na contemporaneidade local, memória narrada e levantamentos bibliográfico e iconográfico.

Por *número* compreendeu-se a análise e o diagnóstico das informações estatísticas sócio-econômicas, dados sobre utilização do solo e valor da terra, equipamentos urbanos e a questão metropolitana.

Por *Imagem* compreendeu-se memória representada, mapas mentais, registros fotográficos, levantamento iconográfico. A articulação destas fontes de dados situou-se em dois níveis: um primeiro, ao qual nos detivemos, onde a especulação imagética, que compreende memória, mapas e registros, gerando um produto característico. Em um segundo momento, a síntese geral desta abordagem múltipla propôs uma situação conclusiva, ampla e organizada, onde a discussão dos fatores estatísticos sócio-econômicos, articulados aos fatores imagéticos, geraram um novo produto, caracterizado por um panorama mais estruturado sobre a imagem que São Caetano do Sul pode oferecer.

A conclusão deste processo reunindo todas as informações por meio de um momento sintetizador denominado *Objeto do Desejo*, procura pontuar a imagem de São Caetano do Sul neste momento tão importante de seu desenvolvimento, além de propor alternativas e perspectivas para intervenções que viabilizem situações possíveis ou desejáveis para a cidade, bem como sugerir um novo olhar sobre a cidade.

Alternativas e perspectivas

O escopo fundamental desta pesquisa é sintetizado pelo seguinte quadro:

Quadro XXIII
Revitalização e Renovação Urbana por meio da identificação do perfil imagético do município

Diagnóstico	Síntese	Aplicação
Palavra		***Plano de Ação:***
Número	*Objeto do desejo*	
Imagem		

Para uma melhor compreensão das relações que estruturam o município de São Caetano do Sul e a identificação e análise dos elementos necessários para a elaboração de uma política urbana a partir de referenciais imagéticos, observa-se e respeita-se os seguintes fatores: a mudança do perfil econômico nos anos 90, a questão do espaço, a discussão de soluções integradas e conjuntas para problemas regionais e intervenções espaciais a partir da falta de identificação de um painel imagético.

A busca de perspectivas para o Município que representem a colaboração deste trabalho para a melhoria das condições e qualidade de vida, com certeza passam por discussões que analisem seu perfil, seu espaço e sua regionalização.

Com efeito no Plano Diretor de 1990, ...*"as peculiariedades do município quanto a área, posição na região, perfil de arrecadação, vocação econômica, permitem identificar problemas emergentes na área de atuação municipal:*

- *inelasticidade da base econômica local com possíveis efeitos regressivos na produção da arrecadação;*

- *custos crescentes com obsolência e recuperação dos equipamentos; igualmente ,com a remuneração dos serviços;*

- *emergência de dificuldades para custeio/manutenção das redes e serviços instalados (custos crescentes contrapostos a geração de recursos inelástica);*

- *dificuldades para expansão de áreas industriais e de serviços de utilidade pública face às condições locais de saturação para o crescimento horizontal do assentamento urbano.*

Assim, as preocupações do Plano Diretor não são completamente justificadas. A mudança da base econômica do Município, representadas pela evasão industrial e instalação de grandes grupos do setor terciário, como os hipermercados Carrefour, Pão de Açucar, Sam's Club entre outros, mostram uma clara perspectiva de redefinição do papel do Município como polo regional de comércio e serviços.

Segundo a Diretoria da Fazenda da Prefeitura Municipal, esta mudança não representou uma queda de arrecadação, pois as Constituições Federal e Estadual garantiram verbas e gerenciamento de obras e serviços que não possuiam significativa autonomia municipal, como por exemplo, educação, saúde e infra-estrutura.

Todo este processo de transformação urbana está ocorrendo em grande velocidade, e a municipalidade ainda não possui os instrumentos necessários para dirigir e disciplinar sua atuação. Como fato comprovatório exemplificamos com o *Grupo Extra* que comprou uma área no Município em zona de uso estritamente industrial instalando em 90 dias um Shopping Center e Hipermercado. Mas, para que isso ocorresse foi necessário um esforço concentrado, no qual a Prefeitura conseguiu aprovar junto a Câmara dos Vereadores a mudança da Lei de Zoneamento, permitindo assim a instalação do empreendimento.

São Caetano do Sul não pode perder este momento de uma nova transformação econômica e tornar-se apenas a cidade dos hipermercados. O Município deve possuir um caminho seguro para um novo ciclo de desenvolvimento: implantar uma política de impostos e taxas públicas diferenciadas, bem como propor uma revisão dos códigos de ocupação do solo propiciando assim a expansão de seu setor terciário e assumir seu papel de polo regional sem perder os índices locais de qualidade de vida.

A discussão e o trabalho coordenado com instâncias da representatividade municipal, como o poder público, os interesses privados, as instituições e a comunidade, auxiliariam a discussão da vocação e das perspectivas do município neste final de século. O estabelecimento de um Plano de Ação, conforme quadro anterior, viabilizaria o novo perfil municipal: revitalizações, educação de alto nível, parcerias, espaços diferenciados, moradias de alto padrão, melhoria dos acessos, tecnologia, marketing, entre outros fatores.

Hoje, dentro dos recursos disponíveis para investimentos, a distribuição das finanças municipais seguem os critérios do quadro abaixo. Sem dúvida, para a implantação de uma nova política de investimentos, este quadro deve ser revisto:

Tabela VI
Despesa Realizada por Função(%)

Habitação Urbanismo	Legislativa	Administração Planejamento	Educação Cultura	Transporte	Saúde Saneamento	Assistência Previdência	Outras
27,8	3,7	20,3	32,1	0,1	8,6	5,2	2,2

Fonte: P.M.S.C.S.. 1996

Dentro das possibilidades, identificam-se imediatamente algumas iniciativas que poderiam ser tomadas pelo poder municipal:

a. *Evasão industrial*: criação de elementos que propiciem a paralisação da evasão industrial. Convém salientar que as indústrias que hoje saem do Município não procuram somente cidades que forneçam melhores subsídios para sua mudança. As indústrias procuram também locais com áreas físicas maiores que permitam expansões não possíveis em suas atuais instalações.

b. *Tipo de atividade industrial:* aproveitando a estrutura industrial existente, bem com a capacitação da mão-de-obra, procurar criar critérios para a mudança do tipo de atividade industrial, procurando atrair indústrias limpas e de alta tecnologia ou empreendimentos do setor terciário onde o fator espaço físico não seja predominante.

c. *Código de Edificação e Zoneamento:* atualizar os códigos de construção no Município, bem como pertinente à tipologia urbanística, permitindo novas formas de intervir no Município, bem como facilitar a instalação de empreendimentos de alto padrão do setor terciário, como centros comerciais, shoppings, áreas de lazer, etc.

d. *Equipamentos e serviços:* explorar melhor em nível regional os equipamentos e serviços já instalados no Município.

e. *Renovação urbana:* possibilidade de reciclagem de instalações ou áreas tornadas disponíveis pela evasão industrial para a renovação urbana e a implantação/instalação de atividades de alcance sub-regional e metropolitano.

f. *Imagem da cidade:* identificação de elementos urbanos característicos que garantam uma identidade visual auxiliando a percepção das singularidades de desenho e imagem da cidade.

Concluindo, as características básicas de São Caetano do Sul, como a pequena extensão do seu território, o perfil predominantemente classe média de seu morador, sua extensão territorial totalmente ocupada, o elevado padrão de renda e instrução para os moldes brasileiros e a necessidade de atuar conjuntamente para resolver questões regionais, como o lixo, a enchente e a poluição, tornam o Município um interessante objeto de estudo.

Assim, mesmo com a evasão industrial e ainda favorecido pela estabilização e reaquecimento da economia, o Município reúne condições para estabelecer-se como um promissor polo regional, dirigido às atividades de comércio e serviços. O papel do Poder Público Municipal dirigindo e coordenando propostas e iniciativas que vislumbrem os interesses convergentes da comunidade por meio de suas esferas representativas, das instituições envolvidas e do interesse privado, é condição fundamental para a realização destas aspirações.

Considerações finais

A cidade é uma entidade dinâmica onde estruturas sociais e econômicas nem sempre convivem em um mesmo momento temporal, mas constantemente em uma complexa e característica situação de espaço. A temporalidade característica de uma metrópole depende da temporalidade de seus cidadãos. A cidade pode ser rápida para o trabalhador e monótona para o inativo.

A posição que prevalece neste organismo complexo situa-se em diferentes relações de tempo e espaço e a imagem justificada é sua característica de mais acessível compreensão.

Esta compreensão dos processos de formação da imagem da cidade, seja ela por meios diretos, como por exemplo, por meio de nossas vivências, ou ainda por meios indiretos, como pela mídia, leituras ou relatos conduz-nos a novas formas de descoberta do espaço urbano.

O exercício do aprendizado da observação da cidade revela novos adjetivos deste espaço, constituindo-se em atividade constante para seus freqüentadores. Só descobre-se o novo na cidade em duas situações: quando o fato urbano é realmente novidade, proporcionando-nos novas sensações ou ainda quando adquirimos uma nova visão de percepção urbana.

O hábito do lugar comum cega nossa percepção. Esta nova visão, que rompe nossos hábitos e instiga-nos a novas percepções do espaço só se realiza com o conhecimento de um novo vocabulário.

Por meio de uma leitura visual dirigida, pode-se identificar elementos que personalizem e caracterizem a cidade, dotando-a de instrumentos para sua compreensão e de seus processos de transição.

Uma cidade organizada visualmente, seja por meio de suas características espaciais, ou ainda por meio de mapas ou códigos, facilita sua apreensão. A simplificação dos processos desta mesma apreensão do espaço podem caracterizar esta cidade caótica como aparentemente organizada.

Esta pesquisa pretendeu oferecer material para desenvolvimento das posições teóricas discutidas, com ênfase às seguintes questões:

a. Fornecimento de suporte teórico básico para realização de exercício de registros de nuances do perfil imagético da cidade.

b. Por meio de uma diferenciada e dirigida postura perceptiva, criar condições de oferecer um novo nível de identificação de espaços urbanos.

c. Aproveitar a estrutura urbana existente e em transição, mas indiferenciada pelo hábito, e propor mudanças e adequações em nível imagético propiciando uma nova e melhor compreensão.

d. Discutir a possibilidade de propor alterações na cidade por meio da compreensão do urbano como elemento catalizador de processos codificáveis de sensações e níveis específicos de percepção.

e. Melhorar a identificabilidade da cidade por meio do desenvolvimento de códigos visuais.

f. Criar condições para estudar a questão da revitalização urbana como processo integrado à possibilidade de intervenção em nível das percepções e expectativas da população.

De fato, a identificação de elementos urbanos significativos em São Caetano do Sul por meio de um conjunto de impressões visuais e referenciais pode conduzir a uma situação paradoxal.

Existem várias cidades no mesmo espaço. Uma que é real, concreta e palco para ampla sorte de relações urbanas e outras que são conseqüências da percepção e envolvimento de seus observadores. Com certeza a síntese da imagem da cidade situa-se neste tênue limite.

O observador pode gerar imagem em dois momentos básicos: um primeiro onde o olhar estrangeiro impera, ou seja, o observador não convive com a cidade, sendo um espectador ou usuário bissexto. As impressões podem ser muito intensas e reveladoras de situações espaciais inteiramente novas para o observador habitual.

Um segundo momento básico refere-se ao observador que convive diuturnamente na cidade e as relações, as riquezas, as características fundamentais perdem especificidades por meio de um olhar habituado.

Este trabalho pretendeu levantar um repertório imagético de São Caetano do Sul que colabore com o processo de discussão da desmistificação da sua denominação de "cidade do primeiro mundo" e mostre que o município precisa melhorar para propiciar situações espaciais mais ricas. Isto induz a reflexão que indicadores sociais plenamente satisfeitos não representam qualidade espacial de vida urbana.

Além deste repertório imagético, esta metodologia de procedimentos e abordagens revelou-se a mais adequada para a obtenção de nossos objetivos. Podemos afirmar que os aspectos visuais predominantes resultam de um momento específico desta pesquisa revelando as imagens mais intensas do morador do Município. Este modelo adotado revela-se de grande clareza e utilidade para análise de outros espaços ou aglomerados urbanos.

Enfim, todas estas considerações apontam para uma conclusão evidente: a discussão dos atributos, metodologias, perfis e características é fundamental na compreensão do perfil imagético da cidade.

Este exercício de discussão da imagem urbana potencializa-se ao retornar à comunidade e transformar-se em compromisso de ação concreta para mudanças de espacialidades com pouca riqueza de situações visuais.

A articulação entre teoria e prática, imagem e real, a imagem e a realidade, enquadram-se entre os objetivos principais do pesquisador. As possibilidades de pesquisa aplicada são inúmeras e estimulantes

Esperamos ter cumprido nossos objetivos.

Bibliografia

ANDRADE, Maria Margarida de. *Como preparar trabalhos para cursos de pós- graduação: noções práticas.* São Paulo: Atlas, 1995.

ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual.* São Paulo: Pioneira, 1997.

_____ *La forma visual de la arquitectura.* Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

AYMONINO, Carlo. *O significado das cidades.* Lisboa: Presença, 1984.

BARNETT, Jonathan. *An introduction to urban design.* New York: Harper & Row, 1982.

BENEVOLO, Leonardo. *O último capítulo da arquitetura moderna.* Lisboa: Edições 70, 1985.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* São Paulo: Nobel, 1993.

CARR, Stephen - *City, signs and lights.* Cambridge: MIT, 1973.

CAUDURO, João Carlos. *Design & ambiente.* São Paulo: FAUUSP (apostila), 1978.

_____ *Planejamento visual urbano: o sistema de metrô de São Paulo.* São Paulo: FAUUSP, tese (doutorado) 1972.

CEDI, *A escravidão em São Caetano do Sul.* São Caetano do Sul: SE, 1988.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades.* São Paulo: Perspectiva, 1979.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana.* Lisboa, Portugal: Edições 70, 1996.

DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Lívia de. -org.- *Percepção ambiental: A experiência brasileira.* São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

ESPÍRITO SANTO, Anaizi Cruz. *A percepção visual na cidade de Pelotas: identificação e representação dos referenciais urbanos.* São Carlos, SP, dissertação (Mestrado), 1986.

FAROLDI, Emilio. *Diálogos de arquitetura.* São Paulo: Siciliano, 1997.

FERRARA, Lucrécia D. *Ver a cidade.* São Paulo: Nobel, 1988

FIEDLER, Konrad. *De la essencia del arte.* Buenos Aires: Editorial Nueva Vision, 1958.

FOLLIS, John & HAMMER, Dave. *Architectural signing and graphics.* Londres: Architectural Press, 1979.

FRIGOLLI, Heitor. *São Paulo, espaços públicos e interação social.* São Paulo, UNESP, 1998.

GIANELLO, José Roberto. *A herança cultural da cerâmica São Caetano SA.* Revista Raízes. São Caetano do Sul, 16: 15-18, dezembro, 1997.

GINGER, Serge e Anne. *Gestalt, uma terapia do contato.* São Paulo: Summus Editorial, 1995.

GREGORY, R.L. *Olho e cérebro.* Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HALL, Edward. *A dimensão oculta.* Lisboa: Relógio d'água Editores, 1986.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* São Paulo: Loyola, 1993.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento.* Coimbra: A. Amado Editora, 1987.

JENCKS, C.; BAIRD, G. (Org.). *El significado en arquitetura.* Madrid: Blume, 1975.

JOVANOVIC, Aleksandar. Três cenas de bastidor político. *Revista Raízes.* São Caetano do Sul, I (2): 29-31, 1989.

_____ Quarenta anos de política na análise de Walter Braido. História Política. *Revista Raízes.* São Caetano do Sul, IV (II): 4-10,1994

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____ *De que tiempo és este lugar?* Barcelona: Gustavo Gilli, 1975.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha.* São Caetano do Sul: Hucitec, 1992.

_____ *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa. Estudo de sociologia do desenvolvimento.* São Caetano do Sul: Hucitec,1974.

MC FARLING, Leslie e HEMSTRA, Norman. *Psicologia do ambiente.* São Paulo: EDUSP, 1978.

MÉDICI, Ademir. *Migração e urbanização: A presença de São Caetano do Sul na região do ABC.* São Caetano do Sul: Hucitec, 1993.

_____ Para entender a formação da Grande São Paulo. *Revista Raízes.* São Caetano do Sul, 9: 59-62, jul. 1993.

MINAMI, Issao. *Identidade Visual: Elementos de expressão gráfica.* São Paulo: FAUUSP (Trabalhos programados de doutorado), 1989.

_____ Um sistema de convivência visual urbana para a cidade de Palmas, no estado de Tocantins. In: *Revista Sinopse,* 26, São Paulo, FAUUSP, 1996.

_____ Questões que envolvem o espaço, o cidadão e o papel da Universidade na região do ABC: o contexto do arquiteto. In: *Arte, Espaço e Cidadania no início do novo milênio: a viabilidade do possível no Grande ABC.* São Caetano do Sul, 1997.

MONZÉGLIO, Elide. *Interpretação do significado do módulo-cor e sua aplicação no programa de mensagens visuais.* São Paulo: FAUUSP (tese) Doutorado, 1972.

MORO JUNIOR, Enio. Recuperação urbana: visão crítica de uma possibilidade. *Revista da área de ciências exatas e tecnológicas UniABC.* São Caetano do Sul, 1: 5-10, jan. 1996.

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação visual.* São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.* São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NIENTIED, Peter. A reestruturação urbana e o papel da gestão pública na Holanda. O caso do porto de Roterdam. In: *O Grande ABC em busca de soluções.* Santo André: SE, 1997.

OKAMOTO, Jun. *Percepção ambiental e comportamento.* São Paulo: Plêiade, 1996.

PADOVANO, Bruno R. *Legibilidade da paisagem urbana: O caso de Santo Amaro. Tese de doutorado.* São Paulo: FAU-USP, 1987.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia.* São Paulo: Cultrix, 1972.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica del arte y de la arquitetura.* Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.

RAMOS, Adriana M. C. *Cotidiano e história em São Caetano do Sul.* São Caetano do Sul: Hucitec, 1992.

RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana.* Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSUT, Aleixo. *Dicionário Prático da Língua Portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1975.

SÃO CAETANO DO SUL. Prefeitura Municipal. *Zoneamento urbano de São Caetano do Sul,* 1989.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo, Emplasa. *Por dentro da Grande São Paulo,* 1993.

_____. *Plano Diretor do Município de São Caetano do Sul,* 1991.

_____. *Sumário de Dados da Grande São Paulo,* 1994.

SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo, Coordenadoria Geral de Planejamento - COGEP. *Série Políticas Globais 2: Política Institucional, Política de Habitação e Renovação Urbana, Política de Desenvolvimento da Área Central,* 1979.

SERRA, Geraldo. *O espaço natural e a forma urbana.* São Paulo: Nobel, 1987.

_____. *Urbanização e centralismo autoritário.* São Paulo: Nobel, 1991.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Carlos Leite de. *Cognição ambiental & desenho urbano: Avaliação Pós-Ocupação de um espaço urbano com enfoque dos aspectos perceptivos: o caso da nova Faria Lima.* Dissertação de Mestrado: FAU USP,1997.

SPREIREGEN, Paul. *El análisis visual.* Barcelona: Gustavo Gilli, 1973.

TREBILCOCK, Arnaldo. *Crescimento do município é resultado de longa marcha através da história.* Revista Raízes. São Caetano do Sul, 16: 30-31, dezembro, 1997.

TUAN, Yu-Fu. *Topofilia.* São Paulo: Difel, 1980.

VENTURI, Robert. *Complexidade e contradição em arquitetura.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VILLAÇA, Flávio. *O uso do solo urbano*. São Paulo: CEPAM, 1990.

_____. *Uma reflexão sobre a relação entre o conhecimento do mercado imobiliário e a formulação de instrumentos de política urbana*. Seminário FAU USP, 1990.

WOLFE, Tom. *Da Bauhaus ao nosso caos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

XAVIER, Sonia Maria Franco. *Inventário dos signos de logradouros públicos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Hucitec, 1996.

ZEVI, Bruno. *Saber ver arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.